

Título Original "Magia Cigana" - ISBN 8528904261- Literatura Brasileira Romance

JOSÉ CARLOS RYOKI DE ALPOIM INOUE



Ateniense

PRÓLOGO

Não era possível dizer a idade daquela cigana. Ela tanto podia ter cinquenta quanto cem anos mas, de qualquer maneira, mostrava ter energia suficiente para viver mais cinco séculos.

O que, na verdade, não surpreenderia ninguém, se viesse a acontecer.

Alta, magra, com o porte de uma rainha, o cabelo completamente grisalho preso atrás da cabeça numa espécie de coque, Milka usava roupas muito coloridas, muito cheias de panos e...

Estava coberta de jóias.

Tinha braceletes, pulseiras, anéis, brincos, colares e cordões com medalhas e *pendantifs*.

Tanta riqueza contrastava de maneira gritante com a pobreza do acampamento: meia dúzia de barracas de pano, algumas bastante rasgadas, umas poucas almofadas quase esfarrapadas de tão velhas, espalhadas pelo chão das tendas, colchões e acolchoados de plumas e palha amontoados, alguns poucos cobertores que pouca diferença tinham de miseráveis enxergas, e não mais do que dez ou doze baús de madeira e ferro, onde os ciganos até hoje, costumam suas coisas.

Contudo, suas roupas estavam absolutamente impecáveis. Pareciam novas, tão bem conservadas elas eram.

Não havia muitas panelas de cobre ou tachos, como seria de se esperar desde que se pensasse no que é dito a respeito dos descendentes dos *Romani*. Pelo menos aquele bando não era dado à arte do cobre ou mesmo do couro.

A cigana arrumou alguns pedaços de madeira seca ao redor de um monte de palha, pôs outros por cima, e disse, a voz quebrada e esganiçada de quem já viveu muitos e muitos anos:

— Tudo será muito difícil, daqui para a frente... Ninguém consegue viver em paz quando o seu espírito tem conflitos para resolver. E, menos ainda, quando esses conflitos têm a ver com toda a tradição de um povo.

Ergueu-se, olhou intensamente para o monte de palha seca que cobrira com a lenha, estendeu as mãos para a frente e gritou:

— Gênios do Fogo! Gênios do Vento! Venham em meu auxílio!

Imediatamente, sem que ninguém lhe ateasse fogo, a palha se incendiou.

Curvando-se sobre as chamas ainda incipientes, a velha falou:

— O Fogo da Purificação é bendito! O Fogo do Desejo e do Pecado, é maldito!

Deu um passo para trás e, abrindo os braços, bradou:

— Afasta-te, Fogo de Satanás! Volte para o mundo das trevas, volte para o seu lugar!

Na fogueira, as labaredas diminuíram de intensidade até quase se apagar e, aos poucos, chamas muito vermelhas, misturadas a outras, muito azuis, começaram a queimar a lenha.

Milka deixou-se cair de joelhos e, baixando o tronco até tocar com a testa no chão, disse:

— As chamas do Bem não podem fazer o Mal...

Sempre ajoelhada, aproximou-se um pouco mais do fogo, apanhou com as mãos nuas, um punhado de brasas incandescentes e, segurando-as, falou:

— Gênios do Fogo da Purificação! Fazei com que vossas chamas iluminem o coração e a mente de quem quer desrespeitar a tradição do povo *Romani!*

Em suas mãos em concha, as brasas estalaram e duas labaredas cor de ouro, crepitaram.

— São duas as almas que pretendem fazer pouco caso de nossas tradições — murmurou ela — São duas as almas que sofrerão muito se concretizarem esse desejo!

Soprou as brasas que estava segurando, apagando as duas chamas amareladas e, com voz soturna, disse:

— Todos sabem que o sangue *Romani* só pode ser dividido com o sangue de outro povo, com a permissão dos Gênios da Natureza. E todos sabem, também, que quem desobedecer a esta Lei, está condenado ao desprezo dos irmãos e ao sofrimento nesta e em muitas outras vidas...

No acampamento, ao redor da fogueira, o silêncio era tão grande, tão denso, que dava a impressão de se poder cortá-lo com uma faca. Ninguém dizia absolutamente nada, todos mal respiravam...

De uma das muitas dobras de seu vestido, Milka tirou um pequeno frasco esverdeado e, destampando-o, jogou na fogueira o seu conteúdo.

Uma chama muito viva, de cor lilás, se ergueu e bailou bem alto, enquanto a cigana dizia:

— Não haverá perdão... Ninguém pode perdoar um pecado tão grande!

Levantou-se e, com um passo impressionantemente firme para a idade que aparentava, caminhou por entre os ciganos do acampamento e parou diante de uma mulher.

Era uma mulher ainda jovem, teria pouco menos de trinta anos, e era muito bonita.

Milka estacou diante dela e falou:

— O Fogo da Purificação já está começando a queimar as suas entranhas, Olympia... E só ele pode limpar o lixo que você traz aí dentro!

A mulher a quem Milka chamara de Olympia, empalideceu.

Tentou recuar, mas a velha segurou-a pelo braço e disse:

— Esse filho, maldita... Esse filho não é de seu marido! E pior ainda, não é de nenhum *Romani!*

Olympia fez uma careta e curvou-se para a frente, levando ambas as mãos ao abdome.

Gritou...

Um grito lancinante, horrível, desesperado.

Ao seu lado, um cigano baixo, atarracado, de pele muito tisonada pelo sol, olhava abismado para a cena.

— Sim! — exclamou Milka, fitando-o — É isso mesmo, Thiago... Esse filho não é seu! E essa mulher, essa maldita, não merece viver entre nós!

Apontou para Olympia com o indicador em riste e, de repente, uma grande labareda envolveu a adúltera.

Uma labareda que, estranhamente, saiu-lhe de dentro do corpo, atravessando suas carnes, transformando-a em uma tocha viva.

E, então, a velha cigana falou:

— Mas não é só a sua mulher que merece morrer...

Tocou o braço de Thiago e disse:

— Você não soube cuidar do que é seu... Você também não presta como *Romani!*

Escutou-se um grande estalo...

Um clarão imenso se fez...

Thiago caiu no chão, fulminado por um raio que viera de algum lugar desconhecido naquele céu absolutamente limpo, sem uma nuvem sequer, e cheio de estrelas.

Milka passou por cima do cadáver do cigano, ainda fumegando, exalando um mau-cheiro terrível e, voltando para perto da fogueira, falou:

— E agora... Há um outro crime que precisa ser punido! Está acontecendo um outro pecado! E o castigo atingirá aqueles que traíram a nossa confiança, e principalmente aquele que abusou de nossa hospitalidade.

Foi nesse momento que eu senti minhas pernas amolecerem, ao mesmo tempo em que maldizia ter entrado em tão amalucada aventura.

Amaldiçoei a noite em que tudo começara, à mesa de um dos mais sofisticados restaurantes paulistanos...

CAPÍTULO I

O *Pandoro*, ponto de encontro de intelectuais — e evidentemente de pseudo-intelectuais, pois onde anda um, abunda o outro — estava, como sempre, lotado.

Não havia uma só mesa vaga e os garçons corriam, apressados e nervosos, entre o balcão e as mesas, levando uísques, carregando pasteizinhos, servindo porções de provolone à milanesa, tirando um chopinho, apresentando uma conta, levando um troco...

Um trabalho nem um pouco invejável já que a mídia televisiva, no noticiário daquela noite, tinha posto em pauta a validade dos dez por cento de gorjeta. Ora, não há quem desconheça que os garçons trabalham pela gorjeta, pelos tais dez por cento que aparecem na conta, e jamais pelo salário mínimo que a imensa maioria recebe. Finda a gorjeta, acaba-se a classe e nós teremos apenas restaurantes *self-service*- a menos que os próprios donos dos estabelecimentos se dignem a servir os exigentes consumidores. O que, diga-se de passagem, seria bastante engraçado: ver um Fasano servindo um prato de *tagliatelli*, ou um Meirelles servindo *tutu à mineira*... Houve, é claro, quem dissesse — uma nutricionista, vejam só! Alguém com a obrigação de saber tudo sobre restaurantes e seu funcionamento — que bastaria pagar aos garçons um salário digno, ao invés de onerar o consumidor em mais dez por cento de sua despesa... Interessante... E como ficariam as contas, depois que os proprietários de restaurantes, pizzarias, churrascarias e etc., repassassem para o consumidor as implicações trabalhistas que se paga ao governo e que, fundamentalmente, não retornam em benefício seja do trabalhador ou, menos ainda, do empregador? Ah, Brasil...! Se um dia realmente começarmos a trilhar o caminho para o Primeiro Mundo, terá sido porque alguém lá da cúpula copulativa, finalmente terá entendido que é preciso pensar político-patrioticamente, em vez de pensar apenas político-egoisticamente...

Mas estamos nos desviando do tema...

Estamos aqui, dispersando o tempo do ilustre leitor, com o mesmo entusiasmo e demagogia com que o governo dispersa o erário público — o nosso dinheiro, a bem dizer a verdade — em coisas tais como a recuperação do ProAlcool, tentando fazer uma mandrakaria que possibilite o consumidor de gasolina e diesel, pagar a conta daquele que consome álcool que, por sua vez, também paga por si mesmo, todos pagando e contribuindo para que os usineiros — a imensa maioria, pessoal do próprio governo ou no mínimo parentes de deputados e senadores, ministros e diretores-presidentes de grandes autarquias — possam dar o calote oficialmente, ou seja, simplesmente não pagar aquilo que eles jamais pensaram em pagar.

Confuso, não é mesmo?

Mas é assim, o nosso Brasil...

Ótima filosofia comprida para mesa de bar.

Ou de restaurante, como era o nosso caso, naquela noite, no *Pandoro*.

Éramos quatro ao redor de uma garrafa de um bom e honesto *Ballantine's* de dezoito anos, jogando conversa fora, discutindo assuntos absolutamente aleatórios e dizendo-nos mutuamente que tínhamos as soluções para todos os problemas nacionais.

Ah, como a vida fica fácil e cor-de-rosa, depois da quarta ou quinta dose...!

Como tudo fica simples e como as respostas para as mais intrincadas questões surgem com facilidade à nossa mente, ultrapassando firmes e decididas a névoa etílica e as barreiras do que comumente deve ser chamado de bom-senso...!

Mas eu dizia que éramos quatro: Azevedo, advogado precocemente aposentado, poeta, cronista, compositor e grande amigo de serestas que só terminavam quando ele já estava prestes a entrar em coma alcoólico; Bueno, também advogado, mas ainda na ativa, bom garfo e insuperável copo, profundo conhecedor de Adoniran Barbosa; Carlos, jornalista de fama, emérito galanteador e irrecuperável mulherengo; e eu, Sérgio, simples, humilde e modesto escritor, amante de boa conversa, de um bom uísque e de tudo o mais que qualquer outro bom cidadão do sexo masculino, perfeitamente cômico e zeloso de sua definição genotípica, costuma apreciar.

Conversávamos aqueles assuntos típicos dos eflúvios etílicos, falávamos sobre política, finanças, dificuldades no trabalho, mulheres...

— Conseguiu contornar a situação com a Margarida? — perguntei, olhando para o Bueno.

Ele riu.

— Ela é mais do que uma santa... — respondeu — Bem merecia estar no Céu...!

O que era a mais pura e escarrada verdade...

Enquanto o garçom trazia mais um prato cheio de pasteizinhos sortidos — os daquele restaurante são famosos até hoje, em toda a Paulicéia Desvairada — lembrei-me da história do Bueno.

Uma história para nenhum boêmio botar defeito...

.X.X.X.

Ele era o que se poderia chamar de autêntico boêmio.

Não havia noite que não encontrasse meia dúzia de amigos e que não fosse para um bar qualquer tomar uns drinques, contar piadas e — por que não? — cantar um sambinha.

Dizia que era feliz assim, que não conseguiria jamais conceber um outro ritmo de vida e que, em resumo, não fora feito para a vida doméstica, para a pacata vida dentro de quatro paredes e de um coração.

Mas, toda araruta tem seu dia de mingau e com o Bueno não poderia ser diferente.

Num final de semana, durante uma festa em casa de um de seus muitos amigos, ele a conheceu.

Chamava-se Margarida, era morena, tinha um sorriso encantador e...

Simplesmente o cativou.

Conquistou-o por completo, dominou-o, domou-o, compreendeu-o e, em menos de um mês, lá estavam eles diante do Juiz-de-Paz — com padres e freiras ele não queria histórias — casando-se, constituindo um lar.

Para a turminha de boêmios foi uma perda. Para os proprietários de muitos bares ali na região da Bela Vista, foi uma significativa diminuição na receita pois, seguramente, três quartos do salário do Bueno eram sumariamente transformados em uísque e petiscos todos os meses.

E olhe que, como advogado, ele não ganhava pouco!

Mas, amigos que todos eram, por mais falta que dele sentissem, estavam felizes por vê-lo realizado, por vê-lo sorrir satisfeito, quando dizia:

— Agora estou sossegado. Sosseguei o pito, não quero mais saber de farras. Estou contente com o que tenho lá em casa.

Contudo, *vox populi, vox Dei* e nada é mais verdadeiro do que aquilo que o povo diz.

E o povo costuma afirmar que *pau que nasce torto, não tem jeito, morre torto*. Bueno começou a ficar melancólico.

Era feliz, está certo, sentia-se muito bem em casa, em companhia de sua Margarida mas, não podia escutar uma música de Sílvio Caldas ou de Agostinho dos Santos que logo lhe vinha uma estranha e terrível vontade de chorar, um desejo agudo de se isolar do mundo, de ficar sozinho, recolhido apenas às suas lembranças, às recordações daquela época em que, madrugada alta, ele e os amigos ficavam cantando pelos bares, comendo coxinhas de galinha de aspecto e sabor duvidosos e tomando uísque comprovadamente falsificado.

Não demorou para perceber que aquilo que lhe estava faltando, nada mais era que a boêmia, o convívio com os amigos, o uísque vagabundo bebido em companhia de vagabundas e ao som desafinado de vozes já bem embotadas pelo excesso de nicotina e álcool.

Mas, ele jamais poderia dizer isso para a Margarida.

Ela não compreenderia, ele tinha certeza.

Mesmo porque, ainda na época — muito curta, é verdade — de namoro e noivado, ela deixara claro que não era do feitio de admitir que ele se dividisse. Ou ela, ou a boêmia, ele que escolhesse.

E Bueno escolhera Margarida, em um arroubo de romantismo, em um de seus momentos de delírio, quando percebera que, para levá-la à cama, só com uma aliança no dedo.

Agora, três meses passados, as coisas começavam a ficar diferentes.

Segundo Camões, *a posse é o funeral do amor* e Bueno principiava a acreditar nessas palavras.

Não que tivesse deixado de amar Margarida. Isso, jamais. Ela era dedicada, delicada, apaixonada, um exemplo de esposa e de companheira. Fazia-o feliz todas as noites, deixava-o realizado todos os dias...

Em casa ele era o rei mas, ao mesmo tempo, um infeliz.

Durante mais três meses, consciente de que a boêmia tinha se tornado coisa do passado, que não poderia ser mais do que uma lembrança em sua vida, Bueno lutou consigo mesmo, dominou sua nostalgia, controlou sua melancolia e...

Venceu.

Parecia ter esquecido aquela fase de sua existência.

Na realidade, ele apenas arquivara, em algum canto de sua mente e de seu coração as noitadas de seu tempo de solteiro.

Passou a se dedicar ainda mais à casa, ao trabalho, à sua Margarida.

Até que um dia...

Ele lá estava, no final do expediente, a barriga indecentemente encostada no balcão de um bar da Praça da Sé, o rosto vermelho, redondo e sempre sorridente...

— Carneiro!

— Bueno!

— Vamos tomar um aí!

Era o perigo que se avizinhava...

Bueno olhou o relógio, viu que já passava de seis horas da tarde.

— Vamos, rapaz! — insistiu Carneiro — Tome um uísque! Como nos velhos tempos!

O apelo àquela fase da vida foi argumento definitivo.

Bueno não resistiu mais, tomou o primeiro uísque, logo acompanhado do segundo e do terceiro.

A partir desse momento, era outro homem.

Melhor dizendo, era o homem das outras épocas, alegre, falador, cheio de vontade de descontar o tempo perdido.

Dali, da Praça da Sé, foram caminhando, trilhando a antiga rota, até a Brigadeiro Luiz Antônio, até o Bexiga e seus bares, suas mulheres, sua turma.

Bueno chegou de volta à sua casa, embriagado, segurando uma garrafa com um resto de *JB* e um problema terrível: como explicar o que acontecera para a sua Margarida?

Esta, os olhos vermelhos pelo choro, o coração aos pulos pelo desespero e a angústia de não saber onde é que estava o marido, esperava-o na porta.

— Querida, você não sabe o que me aconteceu! — disse ele, assim que entrou em casa.

E, antes que Margarida pudesse protestar, ele foi contando a história comprida e complicada de um casamento às pressas de um seu amigo, um velho amigo de infância que, finalmente, tinha tido a mesma sorte que ele, Bueno, e encontrara a outra metade da laranja.

— Você precisava ver, querida — finalizou Bueno — Ele estava tão feliz... Estava com a aparência de um anjo! Acho que estava sentindo o mesmo que eu, no dia em que casamos!

Margarida, ainda inexperiente e ingênua, com o ego devidamente massageado pelas espertas palavras do marido, engoliu a história.

Cuidou de sua bebedeira, fez-lhe café, deu-lhe o tradicional conselho:

— Não beba tanto assim, querido... Você não está mais acostumado...

Doce ilusão...

E trágica provocação.

Bueno ficou preocupado com a afirmação da mulher.

— *Será que não estou mais acostumado, mesmo?* — perguntou-se — *Será que estou começando a ficar velho, será que chegou a hora de me aposentar?*

Mentalmente viu a cena descrita por Ciro Monteiro e Dilermando Pinheiro: um copo de leite em uma mesa de bar e o tragicômico final de carreira de um malandro...

Passou três dias com isso na cabeça e, no final do expediente de sexta-feira, resolveu tirar a prova.

Saiu do escritório e, sozinho, foi para a Bela Vista, para aquele barzinho onde tantas e tantas vezes batucara no copo, acompanhando a voz desafinada do Adoniran, saindo de uma vitrola com a caixa acústica rachada.

Claro que encontrou toda a velha turma que o recebeu cantando/berrando a velha música *Boemia*...

Voltou para casa madrugada alta e, desta vez, a história que contou para Margarida, foi a de um amigo que, depressivo por ter perdido a mulher em um acidente de trânsito, estava querendo se suicidar.

Margarida, mais uma vez, aceitou a mentira como verdade, tratou do marido, recomendou-lhe que tomasse cuidado com a bebida, com o cigarro e...

Tudo voltou ao normal, à velha rotina de sempre.

De sempre?

Não bem exatamente para o Bueno.

Ele recomeçou a frequentar os bares da Bela Vista, a reencontrar os amigos, o uísque e o samba.

Passou a chegar tarde em casa pelo menos três vezes por semana e as desculpas que encontrava eram as mais diversas e estapafúrdias: velórios, clientes na cadeia, execuções criminais, audiências com políticos e homens de negócios que avançavam noite a dentro...

Margarida, no início, aceitava tudo.

Porém, com o tempo, as coisas foram ficando mais difíceis, ela passou a desconfiar, a achar que não era possível o marido trabalhar tanto, lidar com gente tão importante quanto dizia e, no fim do mês, ao invés de mais dinheiro, o que sobrava era apenas uma quantidade maior de dívidas.

Bueno logo percebeu que a esposa estava encontrando dificuldades para engolir o que ele lhe dizia.

Começou a rebuscar mais as desculpas, a enfeitar mais as histórias, partindo do princípio que o absurdo era sempre melhor pois, pelo simples fato de ser absurdo, não admitia qualquer espécie de comprovação.

— Estou voltando de Buenos Aires — disse, certa vez — Precisei ir para lá de manhã, pois um cliente foi preso por estar carregando dois relógios de ouro.

Em uma outra ocasião, com um bafo de matar dinossauro, depois de dois dias e duas noites de ausência, ele contou que estivera em Manaus, também por causa de um cliente que o chamara para resolver uma delicada questão com o IBAMA.

— Ele estava criando jacarés em sua fazenda. Uma criação bem feita, dentro de todos os preceitos e recomendações científicas. Mesmo assim, o IBAMA tascou-lhe uma multa astronômica. Fui lá para quebrar o galho.

Duas semanas depois, após passar o sábado e o domingo enfurnado com duas mulheres em um sítio em Atibaia, ele contou para Margarida que fora a Miami para assessorar um amigo na compra de uma mansão à beira da praia.

— Ele pôs a casa à nossa disposição, querida. Acho que seria uma boa idéia passarmos o Natal lá...

Margarida já nem sorria mais.

Impossibilitada que estava de comprovar ou de contestar os álibis que lhe trazia o marido, ela se limitava a continuar cumprindo o seu papel: continuava a ser uma esposa dedicada e exemplar, permitindo-se apenas o direito de resmungar alguma coisa quando, no final do mês, o dinheiro faltava.

— Não entendo — murmurava — Você trabalha tanto... E continua sem dinheiro, vive sempre com essa miserinha nos bolsos, a nossa conta bancária eternamente no vermelho...

— É a ingratidão das pessoas, querida — dizia Bueno — Não me dão o valor. Não sabem me remunerar de acordo com o meu trabalho!

Até que um dia...

A farra fora maior que das outras vezes.

Bueno estivera durante três dias com sua turma, em uma chácara perto de Campinas, cercado de uísque por todos os lados e com nada menos que três mulheres em sua cama.

Pode-se muito bem imaginar o estado em que voltou para casa.

Um estado que não permitia qualquer explicação, a camisa manchada de batom de várias cores, fios de cabelo louro ainda presos à roupa, marcas arroxeadas no pescoço e no peito que a camisa, rasgada por unhas afiadas, deixava à mostra.

Ele percebeu a situação em que se encontrava no exato instante em que Margarida abriu a porta de sua casa, dizendo:

— Muito bem, doutor Bueno... Vamos ver que história você vai inventar agora...!

Bueno olhou para a mulher, olhou para si mesmo e, balançando a cabeça, gemeu:

— Não, querida... Dê você uma desculpa... As minhas já se esgotaram todas!

.X.X.X.

É claro que Margarida teve vontade de lhe comer o fígado, logo mais ao almoço...

Pensou em separação, pensou em assassinato, até mesmo em suicídio.

Afinal de contas, ela tinha deixado passar tanto tempo... Tinha sofrido tanto, se sacrificado, se acabado esfregando o chão, entortando as costas passando as camisas do marido, esquentando a barriga no fogão...

E ele, enquanto isso, estava na farra, divertindo-se à larga, gastando dinheiro a rodo e dizendo, em casa, que não podiam nem mesmo ir a um restaurante no almoço de domingo porque não tinham folga para nada!

Era, mesmo, caso de matá-lo bem matado e, depois, enfiar uma bala na própria cabeça para mostrar ao mundo o quanto é infeliz uma mulher honesta.

Mas, Margarida sempre teve muito bem os pés no chão.

Depois de passados os primeiros momentos de desespero, ouvindo o roncar do marido *presque evanoui*, no quarto do casal, achou que um erro jamais poderia justificar outro.

Se ele tinha dinheiro para gastar com putas e com noitadas, por que não fazê-lo gastar o mesmo com ela? E por que haveria ela de continuar a se sacrificar no trabalho doméstico como uma demente, enquanto o maridão estava sempre cercado por secretárias que — certamente — o cobriam de carinhos e de mordomias?

Não!

Ela não poderia deixar aquele desaforo para trás!

Haveria de se vingar item por item, olho por olho e dente por dente!

Haveria de receber cada tostão gasto pelo Bueno, na conta extra-conjugal...

Tomou uma decisão.

Quando o marido acordou, já perto de seis horas da tarde, a boca seca, a língua coberta por uma espessa camada de qualquer coisa que muito se assemelhava à substância sebosa que fica grudada em corrimão de escada de estação rodoviária, a cabeça estalando e latejando ao menor estímulo sonoro ou luminoso, foi encontrá-la vestida como uma princesa, fresca como uma alface recém-colhida em dia de chuva, sorridente e dizendo:

— Vamos, meu bem?

Bueno olhou desconfiado para a esposa.

Estava esperando qualquer coisa, por exemplo, uma daquelas broncas de implodir qualquer auto-estima...

Mas...

Um convite para sair...?!

Por um breve instante, pensou seriamente em dizer que estava meio adoentado, que comera alguma coisa que lhe fizera mal...

Mas, lembrando-se que ele mesmo confessara que seu estoque de mentiras e desculpas já estava esgotado, achou ser de melhor política concordar e, depois de uma chuva de água fria, dois antiácidos e um analgésico, tirou o carro da garagem, levando a sua doce Margarida para passear.

Levou Margarida para uma noitada.

Obviamente, evitou os lugares onde era mais conhecido, o tempo todo tremendo de medo de encontrar alguém que só o tivesse visto na vida extra-conjugal, rezando a todos os santos que nenhuma daquelas ordinárias com que costumava andar, não aparecesse do nada, para repetir de alguma maneira a história do Gervásio, tão bem narrada pelo saudoso Sérgio Porto.

Mas, nada disso aconteceu e Margarida jamais estivera tão doce.

E assim, começou uma nova etapa na vida do Bueno, uma etapa em que ele podia gozar de uma certa liberdade, desde que cada tostão gasto *fora*, fosse devidamente empatado com programas, roupas e comodidades *dentro*.

Logicamente, em dobro.

É claro que cabe a pergunta: e o controle, como Margarida fazia para controlar essas despesas, como ela fez para eliminar o famoso *Caixa 2*?

A resposta estava ali ao lado, duas mesas adiante da nossa, na figura vigilante de Margarida e duas primas já de uma certa idade, guardas irredutíveis e incorruptíveis do nosso pobre Bueno.

Onde quer que ele fosse, lá estaria pelo menos uma delas, olhando, vigiando, anotando...

CAPÍTULO II

— Pode ser que ela seja uma santa — admitiu Carlos, fazendo com a mão direita um gesto que indicava dúvida — Mas ela faz a sua vida ser um inferno, aqui na Terra, não é mesmo?

Bueno meneou a cabeça negativamente, e respondeu:

— Não é bem assim... É tudo uma questão de hábito, fique sabendo! Você acaba se acostumando com qualquer coisa...

— Isso é verdade — corroborou Azevedo, mexendo o gelo em seu copo com o dedo — Até o cachorro se acostuma com uma coleira...

Impiedoso, Carlos voltou ao ataque:

— Não sei como é que alguém pode se acostumar a ser vigiado dessa maneira! A Margarida não desgruda! Não deixa que você dê um só passo sem que haja pelo menos uma sentinela tomando conta!

Bueno nada disse.

Limitou-se a fazer uma expressão entristecida e a olhar para mim, como que pedindo socorro.

Confesso que tive muita pena de meu amigo.

Sabia perfeitamente que, por mais que ele procurasse disfarçar, pelo menos de mim ele não conseguia esconder a profunda infelicidade que tomara conta de sua vida.

Mais de uma vez eu chegara a sugerir que ele se separasse, afinal de contas, Margarida não era a única mulher deste mundo e, com toda a certeza, apesar de seus cinquenta e tantos — Bueno e Azevedo tinham a mesma idade e formavam a parte *antiga* de nosso quarteto — ele haveria de conseguir recomeçar.

— Vá procurar outras terras, outras gentes — falara, certa vez — Você está se acabando, não pode continuar assim!

Mas ele, teimoso, não seguira o meu conselho.

Prosseguiu seu caminho, amargurado por dentro, esforçando-se o tempo todo para mostrar ao mundo que era feliz e que não poderia existir uma vida melhor.

Nesse instante, Carlos estava dizendo, com aquela sua maneira espalhafatosa:

— Você precisa ter umas aulas comigo, Bueno! Aposto que então, será capaz de lidar corretamente com as mulheres e não se deixará mais dominar!

Ri, intimamente.

Era muito engraçado ver aquele *franguinho* — Carlos era o mais novo de nós quatro — fazendo-se de importante e tentando dar uma de professor de vida...

E justamente para cima do Bueno que, apesar de ter cometido e continuar a cometer seus erros, era um excelente conselheiro, justamente por ter passado por todas aquelas atribuições durante sua existência!

Não pude deixar de lembrar o que acontecera com o próprio Carlos havia pouco mais de um mês, episódio que ele mesmo me contara junto ao balcão do barzinho ao lado da redação da revista de que era o editor-chefe e um dos principais sócios, e onde, para aumentar o faturamento, executava edições, desde a redação até o fotolito, para terceiros.

.X.X.X.

Finalmente, amanhecera a segunda-feira...

Carlos sentiu a boca ainda saburrosa, a língua pesada, a cabeça dolorida... Na mente, as lembranças um tanto quanto diáfanas da noite de domingo, frases desencontradas e sem nexos, imagens esfumaçadas de cenas que pareciam apenas sonhadas e não vividas.

Sentou-se na beirada da cama, segurou a cabeça entre as mãos e, por um momento, pensou seriamente em desistir de levantar e voltar para o torpor anestésico do sono.

Mas...

Havia o trabalho pela frente.

Era mais uma semana que começava, seriam mais cinco dias que — ele bem o sabia — iriam ficando mais longos à medida que sábado fosse se aproximando.

Uma tortura...

Algo como esvaziar o mar, uma tarefa sem fim e, o que era pior, sem qualquer esperança de que um dia viesse a terminar.

Mal sentou à sua mesa, a secretária apareceu para lhe dizer que Vânia se faria presente às dez horas da manhã para a finalização daquele negócio, já por si só complicado e que, pelo fato de ter essa mulher envolvida na transação, acabava por se tornar quase impossível, uma tarefa verdadeiramente hercúlea.

Não que fosse preciso força física para realizá-la mas sim por causa do desgaste, por causa da paciência que precisaria ter quando se encontrasse com Vânia...

— E você confirmou a reunião com ela? — perguntou Carlos à secretária, ainda com uma leve esperança de ouvir uma resposta negativa.

— Não há o que confirmar com a dona Vânia, chefe — respondeu a secretária — Ela viria de qualquer maneira e não haveria Cristo que a fizesse desistir dessa idéia.

Ele suspirou, ergueu os ombros, resignado.

Era bem verdade o que a moça estava dizendo mas, por outro lado, sabia muito bem que ela poderia ter sido um mínimo mais eficiente, poderia ter pelo menos umas cem gramas de massa cinzenta dentro da cabeça e ter inventado uma desculpa qualquer, dizendo para Vânia, por exemplo, que ele tinha ido viajar para as Anavilhanas...

— Não! — exclamou em voz alta — Talvez ela decidisse ir se encontrar comigo por lá! Afinal, esse é o tema da maldita reunião de hoje!

— Falou comigo? — perguntou a secretária, com uma expressão dedicada, mas que não conseguia esconder o seu lado beócio.

Ele apenas sacudiu a cabeça negativamente, achando que nem valia a pena gastar a voz explicando que tinha somente pensado alto.

Olhou para o relógio.

Nove e quarenta e cinco.

— Ela costuma ser pontual — pensou, desolado.

Ergueu o rosto para a secretária que estava ali, plantada à sua frente, o lápis e o bloco de notas na mão, os óculos pendurados quase na ponta do nariz e o cabelo preso em um coque desajeitado.

Não pode deixar de sorrir intimamente, lembrando-se de tê-la visto de relance, no sábado — graças a Deus foi só de relance, ela mesma não o vira e se o vira, fingira muito bem não o ter reconhecido — naquele barzinho escuro perto da Represa...

Ela estava bem diferente, sem óculos, os cabelos soltos, as pernas à mostra sob uma minissaia despudorada, sorridente e descontraída.

Ela parecia até uma moça interessante e atraente...

— O que está fazendo aí? — perguntou, forçando o retorno de seus pensamentos para o presente.

— O senhor não vai ditar nada? Há uma porção de cartas e orçamentos para enviar...

Não... Ele não ia ditar coisa nenhuma.

E, mesmo que o fosse fazer, não seria daquela maneira antiquada, em um bloco de notas... Seria possível que aquela anta ainda não tivesse tomado conhecimento da existência dos ditafones, dos gravadores, ou de qualquer outro método mais moderno de trabalhar?

Com um gesto, ele a fez deixar a sala, seu desejo era ficar sozinho um pouco, aproveitar em paz os poucos momentos que lhe restavam antes de Vânia chegar.

Tocou o telefone.

Uma vez, duas vezes, três vezes.

Ele atendeu, amaldiçoando a secretária, perguntando-se onde diabos ela poderia estar metida que não escutara o telefone.

— Alô, Carlos?

Uma voz feminina e apenas duas palavras.

Qualquer mulher poderia pronunciá-las que, para a totalidade dos ouvintes, elas soariam da mesma maneira, quereriam dizer a mesma coisa.

Não seria mais do que uma mulher querendo falar, ao telefone, com um certo Carlos...

Mas, para ele, não.

Só uma pessoa, uma mulher, dissera seu nome com tal musicalidade...

Sim, era ela...

— Pois não, Vânia. O que deseja?

E, sem esconder uma certa felicidade, indagou:

— Você não vai poder vir?

— Ora, querido! Eu não deixaria de ir aí nem que o mundo viesse abaixo!

Antes que ele pudesse se sentir decepcionado, Vânia juntou:

— Meu dia não estaria completo se não o encontrasse!

O ego massageado, acariciado, ele sorriu.

Afinal de contas, era homem como outro qualquer, e não há aquele que não goste de ouvir uma mulher dizer essas coisas.

Impiedosa, Vânia continuou:

— Estou telefonando para me certificar que você estará aí. Não queria perder a viagem, ir até seu escritório e não o achar...

Mais um pouco de confete...

Não seria obrigatório Vânia conversar com ele. O assunto poderia ser discutido com qualquer um de sua equipe e, provavelmente, com resultados muito melhores já que ele era apenas editor e um dos sócios da empresa, seus subordinados é que eram os técnicos.

Como se adivinhasse o que ia por sua mente, Vânia completa:

— Você sabe que gosto de falar apenas com o chefe. E, além do mais, você sempre foi tão delicado para comigo... É um prazer imenso negociar...

Ela riu, do outro lado da linha, finalizando:

— Nem parece negócio... Parece até um namoro!

Carlos respirou fundo.

Mal escutou Vânia dizer que dentro de dez minutos estaria em sua sala, e só percebeu depois de desligar, que ela lhe impusera um convite para o almoço.

As coisas começavam a ficar difíceis.

Carlos sabia muito bem que, à medida em que a intimidade com Vânia fosse aumentando, mais e mais ficaria complicado ele lhe dizer que não poderia facilitar os negócios e que as condições de pagamento teriam de ser mantidas.

Não teve tempo nem mesmo de pensar em uma desculpa.

A secretária veio avisar que Vânia estava à sua espera...

Aliás, nem teria sido necessário avisar coisa nenhuma, pois Vânia invadiu o escritório, esvoaçante, vaporosa, parecendo uma borboleta deslumbrada pela luz

Que luz?

Seria, por acaso a luz que ele irradiava?

Vânia confirmou:

— Eu me sinto tão bem aqui... Com tanta segurança!

E explicou, mais uma vez fazendo a adivinha:

— Acho que é a sua luz intelectual...

Sentou-se, cruzou as pernas de uma maneira que seria impossível até mesmo a um frade deixar de imaginar coisas questionando a validade de sua opção de vida, e disse:

— Tenho certeza que você conseguiu resolver aquele problema das fotografias, Carlos... Você vai deixar que eu as publique sem que isso encareça a edição...

Carlos abriu a boca para tentar explicar que isso era algo impossível, para lhe dizer que se fizesse como ela estava querendo, acabaria tendo de pagar de seu próprio bolso mas, não conseguiu.

Vânia cruzou e descruzou as pernas, inclinou-se para a frente, o decote do vestido baixando um pouco demais...

— Não quer me fazer um favor? — indagou.

Ele, os olhos pregados naquele pedaço de tentação, pode no máximo balançar afirmativamente a cabeça.

— Sabia que você não iria recusar! — exclamou Vânia — Sabia que não iria ligar de me levar até Cotia!

Com um olhar cheio de promessas, acrescentou:

— Na volta, poderemos almoçar. A Raposo Tavares está cheia de locais muito interessantes...

Não havia mais o quê e nem como argumentar.

Ele apenas disse para a secretária que precisava sair, que tinha de ir a uma reunião importante com a dona Vânia — espantou-se consigo mesmo por ter achado necessário dar uma desculpa mentirosa para a funcionária — e saiu.

Falaram de tudo durante o trajeto, menos de negócios.

Por duas ou três vezes, ele tentou iniciar o assunto, dizer para ela que era impossível manter o mesmo preço combinado uma vez que acontecera um atraso de mais de um mês na entrega dos originais e, como se não bastasse, ela incluía mais uma dúzia de fotografias coloridas.

Mas, Vânia não lhe deu chance.

Falou de sua vida, de seus sonhos, de suas decepções, dos falsos amigos que se aproveitaram dela de mil e uma maneiras — maneiras essas que, para Carlos, acabavam sempre se resumindo em uma só, a mais evidente e óbvia de todas.

E, também, indecorosa...

— Mas, com você é diferente — concluiu Vânia — Com você eu me sinto segura, amparada...

A noite começava a cair quando regressaram a São Paulo.

Havia entre eles um silêncio cúmplice, um clima de compreensão recíproca.

Ambos estavam frescos, os cabelos ainda úmidos, a pele com aquele perfume típico e denunciador, de sabonete de motel.

Ele estacionou diante de sua casa, despediu-se dela com um beijo.

— Então? — perguntou Vânia — Amanhã as fotografias estarão prontas, já nos fotolitos?

Na realidade, não deveriam estar...

Mas, depois de tudo aquilo, depois de ouvi-la dizer tantas coisas...

Mesmo que precisasse, pessoalmente, varar a noite fazendo aqueles fotolitos, ele haveria de deixá-los prontos para o dia seguinte.

— Sim — respondeu Carlos, já com terceiras intenções — Pode passar no escritório no fim da tarde para apanhá-las... Poderemos aproveitar para jantar...

Terça-feira...

Carlos estava esgotado pois, exatamente como previra, fora obrigado a fazer tudo sozinho, ninguém se dispusera a ajudá-lo madrugada a dentro, com os doze malditos fotolitos.

O dia passou devagar, parecia que o final do expediente jamais ia chegar e, com ele, a presença de Vânia, de repente tão ansiosamente esperada.

Finalmente, ao apagar das luzes, bateram à porta.

Não era Vânia.

Era Beraldo, o motorista da moça, que vinha buscar os fotolitos e trazer um bilhete:

“Muito obrigada, Carlos. Desculpe pela mancada de hoje, mas é que precisei viajar para a Itália. Quando tiver outra revista para fazer, não me esquecerei de você. Saudades. Vânia”.

.x.x.x.

— Não sei com que moral você fala essas coisas, Carlos — disse eu, severo — Depois do que aconteceu entre você e a tal de Vânia...

Maldoso, perguntei:

— Você conseguiu arrumar uma maneira de lançar na contabilidade da empresa a conta do motel e dos fotolitos a mais?

Carlos rosnou alguma coisa que mais pareceu uma ameaça e, com a cara fechada, tratou de entornar, goela abaixo, o que lhe restava de uísque no copo.

Chamei o garçom, pedi uma nova rodada e, enquanto esperávamos a bebida chegar, olhei para meus três companheiros.

Inegavelmente, eram excelentes amigos, eu poderia considerá-los como irmãos...

Bueno, realmente, fizera parte de minha adolescência, moramos juntos na mesma pensão na Rua Helvécia, depois em outra, na Alameda Gleete e, por último, na Avenida Angélica.

Ambos éramos estudantes, ele já na Faculdade e eu ainda cursando o ginásio.

Uma diferença de idade que, naquela época, pesou muito a meu favor pois, sem pais por perto, sem ninguém mais velho para me ensinar as coisas e me defender das rudezas da vida, certamente eu teria naufragado se não fosse o Bueno, sempre presente, sempre ao meu lado, ajudando-me nos trabalhos da escola, desde as equações mais cabeludas de álgebra, até as traduções e versões de longos trechos de *De Bello Gallico*.

E isso, é claro, sem contar que, com ele, aprendi o que era a vida, realmente...

Foi em seu ombro que chorei a minha primeira desilusão amorosa, foi em sua companhia que me embebedei pela primeira vez, depois de ter levado um *bolo* de uma de minhas muitas paixões incompreendidas e não-correspondidas...

Carlos, eu o conhecera bem mais tarde, já nessa época eu começara a escrever e publicar alguma coisa...

Carlos tinha ido me entrevistar, conversamos muito, ficamos logo amigos e, por eu ser bem mais velho — a mesma diferença de idade que havia entre o Bueno e eu — foi natural que ele me tomasse por confidente e conselheiro.

Restava o Azevedo...

CAPÍTULO III

Conheci o Azevedo havia pouco mais de oito anos, numa época gloriosa de minha vida, num desses pequenos hotéis do litoral norte de São Paulo, aquele tipo de hotel numa praia deserta, cercado por uma vila de pescadores, sem muitos turistas, sossegado, aconchegante.

São lugares assim que a gente descobre, aproveita, comenta mas, não conta o nome nem diz onde fica que é para os conhecidos não aparecerem para perturbar a paz de alguns dias roubados ao trabalho.

Azevedo estava jogando sinuca no salão do hotel e só de olhar para ele eu já podia afirmar que estava diante de um alcóofilo inveterado, nariz grande e empipocado, com as veiazinhas muito nítidas, os olhos vermelhos e empapuçados.

Seu olhar, como o de todo beberrão, era mais próximo à beatitude do que o olhar de muito padre que existe por aí, rezando missa e dizendo credos.

Ele parecia estar permanentemente ausente, sonhando, os pensamentos fora do ambiente. Só quando falava, quando conversava, é que vinha à Terra e então, de forma surpreendente, objetivo, preciso.

Ali sozinho, batendo os tacos e as bolas, faltava-lhe apenas o letreiro na testa: “gosto de beber e ninguém tem nada a ver com isso”.

Ao ver que me aproximava da mesa, desafiou-me:

— Vamos uma?

Não sou fanático por jogos mas, de uma sinuquinha, eu não posso dizer a mesma coisa. Além do mais, como desculpa, poderia alegar que o homem estava ali sozinho, o mais solitário do mundo, provavelmente se aborrecendo... Seria indelicado de minha parte recusar o convite.

— Até que é uma boa idéia — disse eu, já pegando um taco no armário.

Começamos o jogo, ele muito cavalheiro, fazendo com que eu abrisse a partida.

— Você é o convidado — falou — Tem o privilégio de começar.

Gentileza com gentileza se paga, e eu saí pela cinco para lhe dar a oportunidade de ganhar cinco pontos se eu errasse a caçapa.

Na verdade, era uma gentileza apenas teórica, pró-forma, muito falsa, pois dificilmente erro uma bola dessas e, ainda naquele dia, acertei.

A bola cinco rolou pela mesa e entrou na caçapa do fundo, à esquerda, lisa e bonita.

— O quê! — exclamou meu adversário — Temos um profissional!

Sorri com mal disfarçado orgulho, omiti a razão de estar tão bem treinado — afinal, não ficaria bem confessar a um desconhecido que passara uma boa parte

dos anos de Faculdade enfurnado no porão da escola jogando “vida” para defender o almoço e, muitas vezes, a noitada — e errei a bola um, desta vez sim, por mera delicadeza.

Mais uma vez, delicadeza de malandro, pois deixei a branca sinucada, praticamente colada na seis...

Azevedo fez uma careta, jogou, errou a bola seis e eu fiquei com onze pontos de vantagem.

Continuamos o jogo, falando sobre as banalidades tradicionais que duas pessoas que não se conhecem são obrigadas a conversar durante um jogo amigável — a leite-de-pato — de sinuca.

Vi que meu adversário era dono de um vocabulário elaborado, que falava muito bem, construindo corretamente as frases, quase como se estivesse escrevendo. Coisa rara hoje em dia e, mais rara ainda, em um evidente cachaceiro como ele. Aliás, naquela época ainda não podia dizer que não existia quem falasse assim, como se estivesse escrevendo para um Miguel Reale corrigir. Jânio Quadros, ainda vivia e era exatamente assim. E, pelo que podia perceber de Azevedo, ambos juntos, Jânio e ele, seriam um páreo duro, tanto com a linguagem falada, quanto com uma garrafa...

Em dado momento, começamos a falar sobre livros e fiquei surpreso ao perceber que ele possuía um conhecimento amplo e profundo de literatura. Mordeu-me a curiosidade de saber qual era sua atividade, de onde ele tinha tirado tanta cultura e como ele conseguira misturá-la com seus drinques.

O jogo ia adiantado, eu com um cordão e meio de vantagem, a bola da vez era a cinco.

O taco estava com Azevedo e sua posição era bastante delicada e difícil, com a sete na boca da caçapa, quase caindo, a cinco escondida atrás da seis, bem no meio da mesa.

Propus encerrarmos aquela partida e começarmos outra, considerando que, praticamente, eu já vencera.

— Caro amigo — disse-me Azevedo — Você julga as coisas depressa demais! Vendo que eu ficara surpreso, ele me dirigiu um olhar maroto e falou:

— Você acha que já ganhou, não é mesmo? Pois eu lhe digo que não.

Como eu sorrisse, duvidando, ele desafiou:

— Vamos apostar a bebida?

Aceitei, pensando que ele estava para me proporcionar três coisas agradáveis: jogar sinuca ganhando, tomar uísque e não gastar um tostão.

Não poderia sentir pena dele ou remorsos pois fora ele a convidar e, ainda por cima, a desafiar...

Passei giz no taco e fiquei aguardando que ele errasse para, definitivamente, ganhar a partida.

Pela posição das bolas na mesa, o mais provável era que ele batesse na seis e, com a branca repicando, acabaria por enfiar a sete na caçapa. De uma só vez, e sem nem mesmo jogar, eu faria treze pontos e tornaria inviável a continuação do jogo.

Antes de jogar, Azevedo pediu vodka para ele e uísque para mim. De um só trago, engoliu a bebida e pediu nova dose, antes mesmo que o garçom tivesse tido

tempo de se afastar com a bandeja. Esperou, passando giz no taco com todo o carinho e capricho, que o novo copo chegasse, bicou-o e, cantando um giro no fundo com a sete na caçapa, em cinco jogadas terminou a partida e ganhou, deixando-me a olhar para o pano verde com cara de cachorro que caiu do caminhão de mudança, segurando o taco numa mão e o copo de uísque na outra.

Sorriu para mim, como se esperasse os aplausos.

Cumprimentei-o, felicitei-o pela vitória com uma ponta de rancor pelo fato de não se ter confessado um profissional, o que não me parecera nem um pouco honesto de sua parte.

Não consegui deixar de comentar:

— Então, “seu” moço... Estava escondendo o leite, pois não?

Ele riu alto e falou, pedindo com um gesto significativo, que o garçom lhe trouxesse mais vodka:

— Não lhe proponho a revanche porque sei que vou ganhar novamente. Além disso, se você tiver de pagar o que eu beber durante o jogo, sou capaz de prolongar uma partida até amanhã de manhã e deixo você nu, sem um tostão...

Terminei meu uísque e já ia me retirando quando ele me pegou pelo braço, entregou-me um copo novo e disse:

— Esta rodada, pago eu... Sente-se.

Quis sentar em uma das inúmeras e confortáveis poltronas do salão mas, fazendo-me sinal para sentar no bar, em uma mesinha, ele falou:

— Beber gostoso, só conversando e, conversar gostoso, só mesmo em mesa de bar.

Admitindo comigo mesmo que Azevedo estava coberto de razão, sentei-me à sua frente, disposto a descobrir alguma coisa sobre esse estranho personagem. Unir o útil ao agradável: beber, bater papo e conhecer mais uma pessoa, adquirir um pouco mais de bagagem.

A julgar pelo seu modo de falar, por sua cultura literária e mesmo por sua maneira educada de agir, teria de ser alguém de boa formação. Porém, ao vê-lo pegar o taco de sinuca, ao constatar sua habilidade com as bolas coloridas e pela quantidade de álcool que era capaz de ingerir, poderia jurar que se tratava de um malandro, de um profissional da noite.

Assumimos a tradicional posição para conversa de bêbados: antebraços totalmente apoiados na mesa, copo entre as mãos e cigarro entre o indicador e o médio da mão esquerda.

Creio que é por causa dessa postura que todos os alcoólatras — ou alcoófilos, se preferirem, se acharem que é menos ofensivo ou pejorativo, o termo — que conheci, têm os dedos da mão esquerda amarelos de nicotina. Fica mais fácil entornar copos com a mão direita e, assim, não é preciso ficar mudando de mão o cigarrinho...

— Sabe do que gosto mesmo? — perguntou-me.

E, sem esperar resposta:

— É disto aqui... Bate-papo em mesa de bar.

Quase deixei escapar um “está se vendo” mas, contive-me e apenas comentei:

— Eu também... Só que nem sempre é possível.

Ele me olhou com cara de quem tem muita pena de mim e disse:

— *L'impossible n'est pas Français.*

Eu ia dizendo que nós não éramos franceses e que aqui a palavra “impossível” é uma das mais utilizadas, especialmente nas repartições públicas e nos Bancos, aqui ou em qualquer outro país do mundo, embora no nosso Brasil a impossibilidade das coisas chegue a tocar as raias do absurdo....

Porém, ele não me deixou oportunidade.

— As possibilidades e o tempo, nós mesmo é que temos de fabricar.

Quase sem tomar fôlego, chamou o garçom, ordenando:

— Traga logo a garrafa de vodka e a de uísque para cá... Senão, você vai gastar os sapatos de tanto ir buscar bebida para nós.

Sorriu para mim e murmurou:

— Pelo que estou vendo, o companheiro aqui também é forte de copo...

— Ei! — protestei — Não há termos de comparação entre nós dois! Eu...

Não terminei.

Com um gesto autoritário, ele me fez calar e, pouco se importando com o que eu pudesse pensar, tornou a encher os copos.

— Não entendo como é que você pode tomar esse negócio aí e em tão grandes quantidades — falei.

Sorrindo de um modo galhofeiro e debochado, ele falou:

— Você ainda não viu nada, companheiro!

Bem...

De fato, sou um bom bebedor. Pelo menos, assim passei a me considerar a partir do momento em que descobri ser capaz de entornar uma garrafa inteira sem cair no chão. Com certeza, ao menos, não faço feio.

Porém, acompanhar Azevedo...

Em comparação com ele, eu era um garoto imberbe, mero principiante.

O homem virava copo atrás de copo, cada um em um único gole e, por incrível que possa parecer, não dava a menor mostra de estar sentindo os efeitos da bebida.

Não bebo outra coisa que não uísque.

Não se trata de esnobismo mas sim de uma simples questão de paladar.

Inocente e ingenuamente, cometi o erro de comentar essa minha peculiaridade.

Com um ar professoral, Azevedo disse:

— É que você ainda está engatinhando na arte, piá!

Na verdade, não tenho a menor pretensão de chegar a *virtuosi* do copo e, com um mal disfarçado tom ofendido, falei:

— Não vejo arte nenhuma em beber dessa maneira!

— Pois aí é que você está redondamente enganado — afirmou o bebedor.

Tomou outra dose e continuou:

— Você pode não querer admitir mas chegará lá com facilidade... Vê-se que leva jeito, ora se não leva!

Olhei meio avesso para o copo vazio que estava diante de mim, na mesa e, relutante, freei o movimento que fazia com a mão na direção da garrafa.

Esvaziando mais um copo e enchendo-o em seguida, Azevedo prosseguiu:

— O homem começa bebendo cerveja, passa para os coquetéis — e aí eu incluo todas as espécies de batidas e de caipirinhas — depois passa para o uísque.

Essa fase marca o início do sucesso profissional, do êxito financeiro do indivíduo. É quando ele chega a dizer, como você, que só bebe uísque.

Não me deixou retrucar e, acendendo um cigarro com o toco do anterior, tomou mais um gole e falou:

— Eu também já passei por essa fase. Foi na época em que não perdia uma só causa no Forum... Fiz um dinheirão, fiquei rico.

— Então você é advogado! — exclamei, sem conseguir esconder a surpresa e a satisfação por ter descoberto sua atividade profissional.

— Sim — admitiu — Mas há muito tempo não advogo... Hoje, vivo de outras coisas.

Sem querer saber se eu aceitava ou não, encheu meu copo e disse:

— Como estava falando, o executivo de sucesso bebe só uísque. Fica com essa bebida até que algo aconteça em sua vida e o faça perceber que não mais encontra o mesmo prazer nela. Descobre que precisa trocar a marca do combustível. Como acha que não fica bem chegar em um bar e pedir pinga, pede vodka. E dá a desculpa de que a está bebendo por ser uma bebida que não deixa cheiro, que não se percebe pelo hálito. Mentira. O que ele quer, é simplesmente algo mais forte, uma bebida que complete mais, que substancie mais a sua vida, que substitua com mais eficácia suas fantasias frustradas. O homem troca o uísque pelo vodka por que simplesmente não pode — ou não quer, não tem coragem — trocar de vida. Vai para uma bebida mais forte por que ele mesmo se sente fraco e impotente perante o mundo.

Argumentei, com uma veemência que não me é própria, que ele exagerava. Há muito indivíduo que prefere pinga, alguns mesmo, o rum ou o gin. Porque essa eleição pela bebida russa? Seria ele um soviético?

— Isso tudo é perfumaria! — exclamou ele — Estou me referindo às bebidas que um homem escolhe quando lhe perguntam: “O que vai beber?” Dificilmente você ouvirá como resposta que ele quer uma pinga, um gin-tônica ou um Cuba-libre. Nesses casos, ele pode aceitar quando você oferece especificamente: “Vamos tomar um gin-tônica”...

Fui obrigado a admitir que Azevedo tinha razão.

Ele prosseguiu:

— Também tive a fase de decadência, passei do uísque para o vodka, com vários estágios em perfumarias como as que mencionei.

Ante meu olhar de ponto de interrogação, sorriu e falou, enchendo mais uma vez os copos:

— Foi quando minha mulher me abandonou, me deixou na mão e ainda tive de lhe pagar uma fortuna para poder ficar em paz. Foi uma época negra, de misérias e decepções que só consegui vencer às custas de muito vodka e alguma força de vontade.

Olhei de maneira interrogativa para o copo e a garrafa à sua frente.

— E então...? — fiz.

Não me ouviu ou fez que não me ouviu...

Continuou, como se estivesse falando para uma platéia ou para alunos, numa sala de aulas:

— Quando um homem começa a cair na vida, quando todas as coisas começam a lhe sair erradas, ele pode se inclinar para o álcool. É uma fuga, como outra qualquer. Nesses casos, a bebida de eleição, principalmente nas classes mais baixas, é a pinga. Não quero com isso dizer que cachaça seja uma bebida exclusiva dos pobres. Conheço muito milionário já com *delirium tremens* de tanto beber pinga, vi muitos advogados famosos saindo de audiências no Forum João Mendes para entrar diretamente no primeiro boteco da Praça da Sé, *seco* para tomar uma *branquinha*. Mas isso não é o mais comum.

Tomou fôlego e prosseguiu.

— Passado algum tempo, a situação não melhora. O tipo de bebida não mais o satisfaz. Assim, ele vai caindo, caindo, até chegar ao degrau mais baixo (ou mais alto, como você preferir, é apenas uma questão de referencial) do alcoolismo. É quando o indivíduo encosta a barriga no balcão de um bar mambembe e pede: “Me bota um conhaque aí!”. Esse homem, ao chegar a tal ponto, pode se considerar perdido. Não há mais caminho de volta. Daí para a frente (ou para trás, outra vez essa questão simples de referencial), só lhe restará a sarjeta.

— Você é muito radical! — exclamei.

— Não se trata de radicalismo. Trata-se de realidade. E eu posso me dar o direito de me julgar realista, uma vez que já vivi tudo isso!

— É... — murmurei, sarcástico — Pelo que disse até agora, dá para perceber muito bem.

Meu companheiro de copo sorriu e falou:

— Sim, meu amigo... Já estive em todos os degraus dessa escada. Só que comigo, aconteceu o milagre: estou voltando... Na verdade, não sei dizer se estou subindo ou descendo, isso é meramente subjetivo. O fato é que estou refazendo a trilha ao contrário, passo a passo, bebida a bebida.

Tornei a olhar para o copo de vodka à sua frente e perguntei, em um tom de voz bastante significativo:

— Mas então? Pelo visto, ainda falta muito para você voltar! Ainda está na Rússia!

— Ah! — fez ele — Isso não tem a menor importância! Se hoje estou bebendo, não é por depressão! Muito pelo contrário! É que hoje estou me sentindo maravilhosamente bem!

Lembrei-me da filosofia popular que afirma que o bom beberrão bebe quando está triste para esquecer as mágoas e, quando está feliz, para comemorar...

— Sabe — confidenciou-me — Estou me sentindo bem, por que estou amando... Não pude deixar de estranhar.

Normalmente, o amor frustrado é que faz o homem beber...

— Eu a conheci há uma semana — falou, o olhar distante, a voz melosa.

— Está aqui no hotel? — perguntei, interessado em conhecer a mulher-alvo de tão etílica paixão.

— Não — respondeu-me — Ela chega hoje... Daqui a pouco, vou buscá-la na vila.

E, enchendo o enésimo copo:

— Ela é linda... A coisinha mais linda que Deus já criou!

Como de hábito, esvaziou o conteúdo do copo em uma só golada e prosseguiu, como se monologasse:

— O melhor de tudo é que ela vem para ficar, definitivamente, comigo.

Não pude perdoar.

— E você, seu cachacista de uma figa, fica aqui entornando copo em cima de copo, ao invés de estar se guardando, reservando energias para sua amada?!

— ...!

— Você não sabe que o excesso de álcool leva à impotência? O que é que você vai fazer se, daqui a pouco no quarto, não conseguir nada? Acha que ela vai ficar contente?

— ...!

— Aposto que ela vai lhe passar um sabão daqueles e aí mesmo é que você ficará arrasado! E daí sim, é que definitivamente, acabou-se o que era doce!

— ...!

— Concorda? — perguntei, sádico.

Azevedo ficou em silêncio por alguns instantes e depois murmurou:

— É... Seria uma pena... Ela é tão linda... E é tão quente, tão fogosa...!

Terminou o copo e se levantou, dizendo:

— Já está quase na hora... Vou buscá-la!

Sorriu-me um boa-noite e foi embora.

Fiquei meio perturbado, com medo de tê-lo ofendido mas, se o fizera... Bem que ele merecera.

No dia seguinte, às dez horas da manhã, encontrei-o novamente.

Estava sozinho, no boteco do Jorge Pescador, um local sujo e miserável, frequentado apenas pelos caiçaras do local.

Ele não me viu, mas eu o ouvi nitidamente, pedir:

— Ei, Jorge! Me bota mais um conhaque aí!

.X.X.X.

Foi uma época muito difícil para o Azevedo.

Quando um homem começa a realmente duvidar — e com algum fundamento, diga-se de passagem — de sua capacidade, digamos, viril, as coisas ficam pretas...

Houve que trabalhar muito o Azevedo...

Houve que fazê-lo entender que diminuir a formidável quantidade de vodka que ele estava ingerindo todos os dias era absolutamente fundamental, assim como também o era não substituir a bebida por conhaque, muito menos com a barriga encostada ao balcão de um bar qualquer, a maioria das vezes, um desses bares de aspecto muito para lá de duvidoso.

Mas ele conseguiu.

Melhor dizendo, nós conseguimos fazer com que o Azevedo voltasse a se considerar capaz de qualquer coisa, seja no campo físico, seja no campo intelectual, este ainda mais importante do que o primeiro.

Com pouco mais de três meses de grandes conversas e não menores bebedeiras de nossa parte — durante as quais o Azevedo, mantido à base de leite ou suco de laranja, ficava muito mais do que possosso — Carlos, Bueno e eu conseguimos fazer com que a sua auto-estima voltasse a níveis aceitáveis e a sua saúde se estabilizasse um pouco, afastando para alguns anos mais tarde, a inevitável cirrose.

Mas os leitores, muito justamente, perguntarão o que eu teria a dizer a respeito de mim mesmo, já que eu tomei a iniciativa e a liberdade de narrar ao menos um trecho da vida de cada um desses meus amigos...

Ora...

Sou um escritor.

Um romancista que, justamente por ser romântico em demasia, muito cedo se viu descasado e, mais cedo ainda, se percebeu uma vítima constante de inúmeras e inacreditáveis paixões.

Para muitos, um escritor tem veia de artista e isso faz com que eu seja incluído nessa honrosa categoria — e um bocado desacreditada em um país onde artista mesmo é aquele que consegue vender algumas centenas de milhares de cópias de um disco ou que faz vibrar algumas dezenas de milhares de torcedores em um estádio de futebol e jamais aquele que consegue produzir um romance ou, que seja, um quadro capaz de sensibilizar outras pessoas um pouco mais dotadas de massa cinzenta.

Assim, como escritor e artista (sic), sofro o que normalmente sofre aqui no Brasil aquele que decide dedicar a vida à produção intelectual, uma produção cujo preço não figura nas bolsas de valores ou de mercadorias, cujo valor é meramente intrínseco e subjetivo, não podendo ser medido aos metros ou aos quilos...

Muitas e muitas vezes andei dizendo — e magoando alguns editores, não consigo explicar muito bem por quê — que livros não são batatas e, escrever um livro, não é a mesma coisa que fazer pães, muito embora alguns insistam em dizer que o livro é o pão da alma. Pode ser... Mas o pão do estômago depende de coisas mais materiais, infelizmente. Seria formidável se o escritor conseguisse comer o que escreve, não passaria fome, no máximo uma ou outra escrita ser-lhe-ia mais ou menos indigesta ou de sabor mais amargo...

E, enquanto não se consegue descobrir uma maneira de transformar em energia calórica intracelular as palavras que se põe em um computador — ou em uma máquina de escrever, para os mais conservadores — o escritor sofre...

Sofre não apenas as vicissitudes materiais, as dificuldades econômico-financeiras típicas daqueles que literalmente vivem da mão para a boca.

Sofrem, também e muito mais intensamente, com as dificuldades que seu espírito conturbado, que seu sentimentalismo e sensibilidade exacerbados por algum fator neuronal ainda não estudado — estudar para quê? Para satisfazer a curiosidade de alguns romancistas? Bobagem! Perda de tempo! Há coisas mais importantes para estudar e pesquisar, algo assim como a quantidade de molibdênio na orelha do coelho ou, ainda, a influência malévola de fungos nas cédulas de R\$100,00 guardadas nos cofres particulares de Bancos — provocam em sua *vida de relação*. E não se entenda aí apenas as relações inter-humanas, carnais ou não, mas sim a relação existente entre o escritor e o mundo que o cerca, concreto ou não, existente de fato, ou presente apenas em sua mente, esta também, por sua vez, consciente ou não.

Mas, dizia eu que, como escritor que me entendo, sofro por inúmeras razões...

Queixo-me?

Não.

Apenas constato, lamentando que seja assim nesta terra tão linda, tão romântica, tão cheia de oportunidades, tão cheia de amores... Uma terra, um país que, acima de qualquer outra coisa, deveria reverenciar aqueles que se dedicam a cantar em palavras escritas as belezas que aqui existem e a maravilha que é — ainda que apenas em sonhos malucos de escritor — se poder viver no Brasil, usufruindo de tudo que Deus aqui pôs — a despeito do povinho de que fala a famosa piada — inclusive e principalmente da beleza, sensualidade e calor de suas mulheres...

Mas não.

Especialmente uma determinada super-casta de pessoas, justamente aquelas responsáveis pela divulgação do que cantam os escritores nacionais, parece não ter o menor interesse na essência filosófica de ser brasileiro e... ao mesmo tempo, pertencer a essa classe privilegiada.

Queixa direta contra os editores?

Entendam como quiserem.

Mas é mais do que verdade que a imensa maioria — principalmente os maiores e mais providos financeira e economicamente — preferem comprar lixo estrangeiro em Frankfurt e em outras feiras onde os originais de livros e direitos autorais são vendidos no atacado, do que editar um brasileiro, pobrezinho, humildezinho, mas que possui o seu valor. Pode-se dar um super-tratamento a um texto em inglês, traduzi-lo para o português, elaborar essa tradução lapidando-a e caprichando na utilização de adjetivos, advérbios e infinitivos, transformando-o em um *best-seller* mesmo que o conteúdo da obra seja um lixo inimaginável. Mas nem sequer se lê um original tupiniquim, que é devolvido ao autor com um seco *não interessa*, ou *não foi aprovado para publicação*.

É claro que há exceções...

Se não houvesse, este livro não estaria nas prateleiras das livrarias.

Mas são tão poucas, tão mínimas, tão difíceis de encontrar essas exceções, que é mais fácil o escritor tratar logo de arrumar uma outra profissão do que tentar, no Brasil, sobreviver daquilo que consegue escrever.

Assim, pode-se facilmente avaliar como é triste a vida de escritor a partir do instante em que ele deixa o sonho — enquanto está escrevendo o livro, ele não está fazendo outra coisa senão sonhar — e volta para a realidade, a dura e triste realidade de ter de vender a sua obra.

O seu sonho.

Esquecem, neste momento, os editores, que estão lidando justamente com o sonho de uma pessoa, com o que de mais íntimo ela tinha e que só a muito custo conseguiu por para fora e com mais dificuldade ainda, provavelmente, vai deixar que outros leiam.

Sim, pois o romance escrito nada mais é do que o sonho irrealizado de seu autor.

E perceber, em uma fria sala de um mais frio ainda gerente editorial, que esse sonho não passou jamais de uma fantasia de segunda categoria ou que não era mais do que um pesadelo disfarçado...

Vocês, caríssimos leitores, podem imaginar o quanto isso é doloroso, o quanto é deplorável.

Descobrir que um sonho, além de ser um sonho, é um pesadelo, é uma ilusão absolutamente inútil...

Mas...

É esta a vida, é assim que vive um escritor pobre, sem acesso aos fabulosos recursos de mídia e marketing que os endinheirados possuem, sem coragem de se deixar passar por pseudo-intelectual para poder usufruir de amizades que, sendo, elas mesmas, pseudo-amizades, não lhes custa nada ser pseudo em tudo o mais.

Porém, não é de queixas, lágrimas e choramingos que se faz o dia-a-dia, muito pelo contrário. É preciso trabalhar e o trabalho de escritor não é nada fácil pois, a cada palavra estamos violentando a nós mesmos, estamos tirando de dentro para exteriorizar pensamentos que, na imensa maioria das vezes parecem fazer questão de caprichar em se esconder.

Teria feito muito bem o Fernando Sabino se desse a justa vazão aos seus sentimentos e cometido uma bobagem quando, ao ser visitado por um parente no meio da semana, este o encontrou escrevendo, de bermudas e chinelo-de-dedo, na sala de seu apartamento. O parente, olhando para a mesa com a máquina de escrever, sorriu e disse: *Pois é... Quando eu for rico, também vou fazer assim... Não vou mais trabalhar e vou ficar em casa escrevendo...!*

Este, é o maior problema, creio eu...

Não há quem veja — e inclusive os editores — o trabalho de um escritor como um verdadeiro *trabalho*. Parece que todos imaginam essa atividade como um simples *hobby*, como um passatempo de milionário em que o investimento na modernização — computadores, impressoras, programas, modem, fax, etc. — não passam de mero capricho, de brinquedinhos caros para adultos se divertirem.

Mas...

Estamos nos desviando demais.

Voltemos à nossa mesa no *Pandoro*, uma vez que já fizemos as apresentações e que já conseguimos traçar ao menos um leve esboço do perfil de cada um de nós e já levamos o paciente leitor a se perguntar o que diabos tem tudo isso a ver com *magias* e com *ciganas*.

CAPÍTULO IV

Minha qualificação como escritor, sempre gerou, no grupo, uma terrível tendência para que os outros vivessem sugerindo temas, propondo assuntos, dando idéias de livros e, como se não bastasse, ainda dissessem que faziam questão de ver a idéia posta no papel.

Com muito pouco mais, estariam exigindo uma participação nos já parcos e miserentos direitos autorais, entidade que existe apenas virtualmente, posto que é a coisa mais difícil do mundo de perceber concreta e realmente.

Assim, o que já era uma rotina até remansosa e modorrenta, também naquela noite, aconteceu.

Estava ainda com meus pensamentos voltados para as aventuras e desventuras dos três amigos que se encontravam diante de mim, quando Azevedo disse, cutucando-me o braço, como era sua mania:

— Tenho uma boa idéia para você escrever um livro, Sérgio...

Cheguei a suspirar...

A conversa estava tão boa, o uísque tão agradável...

E lá vinha o Azevedo com mais uma de suas idéias mirabolantes para escrever um livro!

A última que ele me dera, pusera-me em uma situação nada invejável pois, além de dar o tema, ele resolveu que haveria de me proporcionar os subsídios da vida real para escrever sobre uma quadrilha de sequestradores... E o diabo era que ele conhecia um dos membros dessa quadrilha e decidiu apresentá-lo para mim! Só que ele não disse quem eu era, o que era, o que fazia... Disse-o no momento da apresentação e, a partir daquele instante, durante três meses, não tive sossego, o telefone tocando incessantemente, para me dizerem, muito *delicadamente* que, se eu ousasse escrever qualquer coisa que pudesse comprometer alguém da quadrilha...

Bem...

Eu poderia tratar de encomendar meu caixão...

Azevedo também sofreu um bocado por causa da idéia maldita: seu amigo bandido — e não bandido amigo — andou ameaçando-o seriamente e ele até teve de ir passar algumas semanas viajando, para evitar um encontro indesejável.

Imaginei que aquilo tivesse lhe servido de lição, mas estava totalmente enganado.

Voltando de sua viagem-fuga, deu-me a notícia de que a quadrilha tinha sido *estourada* pela Polícia e, rindo muito, feliz da vida dentro de sua permanente nuvem etílica, disse-me que eu poderia escrever sossegado sobre aquela prisão... Até

tinha conseguido contatar os policiais responsáveis pela captura e que eles não se recusariam em me revelar detalhes incríveis da operação.

Foi a minha vez de ir viajar...

Portanto, quando à mesa do *Pandoro*, Azevedo falou que tinha outra boa idéia para um livro, suspirei e olhei atravessado para ele.

Na realidade, eu poderia acabar com aquela história naquele momento mesmo, sendo suficiente para tanto, que eu lhe dissesse, em bom português e melhor latim, que não precisava de suas idéias, que eu me bastava sozinho, pelo menos no que dizia respeito aos temas de meus romances.

Mas...

A curiosidade do escritor é algo muito sério.

Mesmo olhando de través para meu amigo, deixei-o falar...

— Ontem pela manhã, estive com uma cigana — disse o Azevedo.

— Na cama? — perguntei, maldoso.

E, antes que o Azevedo pudesse responder, acrescentei:

— Se foi assim, então, não escrevo o livro. Não é de meu feitio escrever pornografias.

Azevedo fez um gesto de impaciência exigindo-me silêncio e, depois de *bicar* o seu copo, continuou:

— Encontrei-a ontem, ainda bem cedo, quando fui à padaria comprar pão e leite para o meu café da manhã. Ela se aproximou de mim enquanto eu estava pagando a minha despesa e, é claro, imediatamente pensei que viesse me pedir alguma coisa.

Fez uma pausa enquanto acendia um cigarro e prosseguiu:

— Vocês sabem como são as ciganas. Ou querem ler a sua mão a troco de algum dinheiro, ou simples e descaradamente, pedem-lhe uma esmola.

Com aspecto grave, juntou:

— E ai de você, se não a der! Com toda a certeza, ela lhe rogará uma praga bem cabeluda e olhe que praga rogada por cigana, pega mesmo!

— Não posso acreditar que você acredite nessas coisas! — exclamei — Você! Logo você, que é um homem culto e esclarecido...!

Inclinando-se para a frente, em minha direção, Azevedo disse, baixando um pouco a voz:

— Pois é justamente por eu ser um pouco mais culto do que a média, é que acredito nisso E, ainda por cima, por ser um pouco mais inteligente do que você, tenho medo dessas coisas...

Eu ia abrindo a boca para protestar, para dizer que ele não tinha o menor direito de me chamar de burro ou de ignorante, mas ele não me deu tempo.

— Veja bem que é preciso fazer uma distinção séria entre o que é superstição ou mesmo credence, do que é realmente... magia — falou ele.

— Ora! — fez Carlos, com um sorriso cínico — Acreditar em pragas de ciganas, para mim, não passa de mera credence! E credence típica daqueles que não têm muita coisa dentro da cachola!

Azevedo meneou a cabeça negativamente e disse:

— Crendice é uma crença absurda ou ridícula. Por exemplo, acreditar na *mula-sem-cabeça* ou no *corpo-seco*. Superstição, já tem um significado mais amplo. Pode ser, por exemplo, a crença no poder de determinados objetos ou mesmo frases, o temor a certos presságios, o receio de coisas fantásticas...

Voltando-se para Carlos, quase rosnou:

— E magia, meu amigo... Magia é a arte e a ciência hermética que consegue alterar os fenômenos naturais através da interferência de elementos do sobrenatural.

Puxou uma tragada de seu cigarro, e retomou sua narrativa:

— Mas, eu estava contando da cigana que encontrei ontem, pela manhã, na padaria. Disse que ela se aproximou de mim e eu, receando que ela me fosse pedir alguma coisa, procurei me afastar, procurei fazer de conta que ela nem estava ali. Pois não adiantou. A mulher não me incomodou enquanto eu estava junto ao caixa, deixou-me sair da padaria com o meu pão e o meu leite e, quando estava já na calçada, ela falou: *Doutor Azevedo, por favor...*

— Mas então ela o conhecia... — murmurou o Bueno — Para chamá-lo pelo nome...

Olhei para ele, franzindo as sobrancelhas.

Estava um pouco estranho, o meu amigo...

Sempre muito falante, sempre gostando muito de discutir assuntos que beiravam as raias do fantástico, naquele momento, ele me pareceu quieto demais, calado, parado...

Até mesmo aquela sua interferência na conversa, dizendo que a cigana deveria conhecer o Azevedo pois chamara-o pelo nome, tinha sido extremamente tímida para o seu modo de ser.

Azevedo sorriu, reclinou-se um pouco para trás e falou, com aquele seu jeito arcaico e antiquado que muitas e muitas vezes chegava a irritar seus interlocutores:

— Pois é aí que está o busílis da questão! Ela me conhecia tanto quanto eu sabia quem era ela! Ou seja, simplesmente não me conhecia!

— Mas... Então... — comecei.

Azevedo me interrompeu mais uma vez e prosseguiu:

— Tenha calma, Sérgio. Você vai saber da história toda. O que é mais do que lógico pois eu a estou contando unicamente para que você possa, depois, escrever um romance sobre ela.

Tomou mais um gole de uísque e falou:

— De qualquer maneira, mesmo para mim, tudo pareceu ser muitíssimo estranho...

Olhou intensamente para mim e, sem conseguir disfarçar uma certa ansiedade em sua voz, começou a contar:

— Era uma cigana bem bonita...

.x.x.x.

Era uma cigana bem bonita, aquela.

Teria perto de vinte e cinco anos de idade e, apesar das roupas largas que usava, deixava perceber o corpo de linhas suaves, cheio de curvas generosas e sedutoras...

Como todas as de sua raça e que preservam ainda alguma coisa de suas tradições e costumes, estava usando um vestido comprido, com muitos panos, muitas cores berrantes, e uma blusa amarrada logo abaixo dos seios, deixando à mostra um belo retalho da pele de sua barriga, acobreada, muito lisa, tentadora.

Seus cabelos, também cor de cobre envelhecido, estavam amarrados atrás da cabeça, presos em um rabo-de-cavalo por uma fivela de ouro e tartaruga que, sem dúvida nenhuma, deveria datar do início do século.

No rosto, dois olhos muito grandes sobressaíam, negros, inquisidores e ao mesmo tempo suplicantes como os de uma gazela perseguida e capturada. O nariz — como diriam os antigos gregos, um nariz nobre — encimava uma boca bem rasgada, de lábios grossos, carnudos, sensuais, e dentes perfeitos, muito brancos e bem cuidados, bem ao contrário do que normalmente acontece entre os descendentes dos *Romani*, que fazem questão de recobri-los de ouro, seja isso odontologicamente necessário ou não.

Tudo isso, Azevedo conseguira notar ainda enquanto pagava a sua conta na padaria, olhando apenas de soslaio para a mulher que se aproximava, um sorriso nos lábios, a determinação de lhe falar, escarrada em sua fisionomia.

Azevedo tratou logo de se afastar, temeroso de ser abordado com uma daquelas súplicas por uma esmola ou uma quase imposição para que ela o deixasse ler as linhas de sua mão.

Não que ele fosse um pão-duro inveterado ou um homem avesso à caridade fortuita e anônima das esmoladas dadas na rua. Muito pelo contrário, Azevedo sempre fora até magnânimo demais para com aqueles que lhe pediam alguma coisa, sempre fora um autêntico mão-aberta e isso, por vezes, tornava-o vítima de alguns falsos amigos que lhe pediam dinheiro emprestado com aquela famosa filosofia do caloteiro: dívidas velhas não se paga e as novas, deixa-se que fiquem velhas... Azevedo já estava tão acostumado com esse tipo de coisa, que nem ligava mais. Costumava dizer que jamais emprestava dinheiro para os amigos, simplesmente dava-o. Era mais fácil, e a certeza de que nunca mais iria receber, fazia com que nem mesmo se sentisse magoado com o devedor. E se, por acaso, um dia, algum deles o pagasse, imediatamente puxava-o para o primeiro bar e torrava, em companhia do ex-devedor, tudo o que tinha recebido, em uísque e salgadinhos.

— Receber dívida de amigo é tão raro que merece uma comemoração! — dizia.

Mas Azevedo conhecia-se muito bem e esse era o motivo de nunca ter dinheiro na mão quando ia à padaria comprar pão e leite, apenas isso e nada mais, ou seja, sem ter a tentação de, logo pela manhã *inaugurar* o estômago com uma dose qualquer de qualquer etanol.

Nessas ocasiões, Azevedo nunca levava mais dinheiro do que o mínimo necessário.

Assim, não lhe sobrara um só centavo nos bolsos e, naquela manhã, para não se ver obrigado a dizer para a cigana que não tinha dinheiro — o que, por mais verdadeira que esta frase seja, sempre soa como uma imensa mentira — Azevedo procurou se afastar depressa, desviando-se quase que ostensiva e acintosamente da mulher.

Ela não se abalou.

Esperou que ele sáísse da padaria e, então, abordou-o:

— Doutor Azevedo... Por favor...

Azevedo estacou e, supreso por tê-la ouvido dizer seu nome, voltou-se, o cenho franzido, a expressão do rosto denunciando curiosidade.

— Preciso falar com o senhor... — disse a cigana — É muito importante!

Azevedo tentou ver, na fisionomia da mulher, se havia alguma coisa que denunciasse uma tentativa de golpe ou qualquer coisa semelhante.

Não viu nada a não ser uma expressão preocupada que a cigana procurava disfarçar por trás de um sorriso muito doce, muito meigo.

Aproximou-se dele e falou:

— O senhor está lembrado de Jasmina?

Azevedo chegou a sentir o coração bater descompassadamente em seu peito.

Jasmina!

Aquele nome!

Quantas recordações tristes ele lhe trazia...

Como poderia se esquecer de Jasmina, a cigana que lhe falara sobre seu casamento fracassado, que o avisara que sua mulher o estava traindo...

.X.X.X.

Azevedo era um dos mais brilhantes e conceituados advogados de São Paulo.

Atuando na área de Direito Sucessório, conseguia verdadeiros milagres para *desencravar* inventários que outros já vinham arrastando havia vários anos, descobria *peninhas* mínimas em acordos de partilhas e em testamentos, fazia autênticas mágicas na interpretação de Leis e de sentenças de juízes.

Procurado por muitos, mal tinha tempo para cuidar de si mesmo e...

De Valéria, sua bela, formosa e fogosa esposa.

Azevedo trabalhava como um mouro escravo e jamais se poderia dizer que o fazia por uma necessidade econômica ou por mera ambição.

Nunca.

Azevedo não era adepto da teoria do *ter*; era, isso sim, verdadeiramente fanático pela filosofia do *ser*.

Assim, para ele, muito mais importante do que *ter*, era *ser*.

Realizava-se ao ser reconhecido nos corredores do Forum, enchia-se de orgulho ao ouvir, de passagem, outros advogados comentando sobre um seu feito, sobre uma petição brilhante que algum juiz tinha chegado até a mostrar para os outros, elogiando-a; sentia-se transportado ao Céu quando, em conversas na Sala dos Advogados, sua opinião era pedida e, obviamente, mais do que respeitada.

Porém, essa fama e essa projeção não tinham sido conquistadas com facilidade.

Muito pelo contrário, fora às custas de muito sacrifício, de muito suor e...

De muito descontentamento por parte de Valéria que teria preferido ir a um teatro ou a um restaurante da moda com o marido, em lugar de ficar em casa diante da televisão, enquanto Azevedo estudava um processo ou, o que ainda era

pior, ficar absolutamente sozinha enquanto o marido ia a uma importante reunião com clientes que só dispunham de tempo à noite para resolver problemas de herança.

Durante os três primeiros anos de casamento, Valéria ainda suportou. Depois, já convencida de que ocupava apenas o segundo lugar na escala de valores de Azevedo — em primeiro, vinha a advocacia — ela decidiu que haveria de aproveitar as boas coisas da vida, sozinha.

Dinheiro não lhe faltava pois o Azevedo jamais lhe dissera não para o que quer que fosse. Amigas, também as tinha, até sobrando, já que não há quem não goste de andar em companhia de quem não se preocupa com o volume das contas e que está sempre com um talão de cheques novo na bolsa e sem limite para saques.

Azevedo não chegou a estranhar quando, uma bela noite, estando ele debruçado sobre um complicado inventário, Valéria entrou no escritório de sua casa e disse que iria sair com a Elizabeth.

— Vou assistir a uma peça de teatro — informou — depois, nós duas iremos comer alguma coisa e, por isso, não se preocupe se eu voltar um pouco mais tarde.

Azevedo mal olhou para a esposa que saía, limitou-se a dizer um automático *está bem, querida, divirta-se* e voltou a mergulhar nas incontáveis páginas do processo que se encontrava sobre sua mesa.

Valéria voltou para casa já perto de uma hora da manhã e foi encontrar o marido ainda estudando...

Estudando o processo e tão concentrado que nem sequer se lembrou de lhe perguntar como tinha sido o teatro, o jantar, o encontro com a amiga.

Não é preciso dizer que Valéria ficou ofendida, magoada, revoltada.

Mas...

A troco de quê, brigar?

Ainda mais que ela, na verdade, tinha se divertido muito mais do que se estivesse acompanhada pelo marido!

Sim...

Se Azevedo estivesse no lugar de Elizabeth, com toda a certeza ela não teria tido a oportunidade de conhecer aquele jovem, próspero e simpático economista, o Waldir...

E ele era tão bonzinho...!

Tão delicado e cavalheiro!

Nas semanas seguintes, o quadro se repetiu: Valéria saiu com Elizabeth, com Lurdinha, com Maíra...

Ia ao cinema, ao teatro, a um chá beneficente, voltava impecavelmente pouco antes de uma da madrugada e, invariavelmente, encontrava o marido trabalhando.

Foi mais de dois meses depois, quando Azevedo teve de viajar para Campinas, para solucionar uma briga que surgira em função de um testamento, que ele conheceu Jasmína.

Ele estava no escritório do colega campineiro que o representava nas ações que tocava naquela região, e ligara para Valéria para avisá-la que precisaria ficar em Campinas por mais dois ou três dias.

— Possivelmente terei de ir pessoalmente até Ribeirão Preto — falara, ao telefone — Vou precisar ver com meus próprios olhos as benfeitorias existentes na

fazenda que está sendo partilhada. Só assim terei condições de propor um acordo que seja realmente justo.

Valéria dissera que estava tudo bem, que ele não precisaria se preocupar por sua causa e que tomasse cuidado...

— Você sabe, querido... Não beba muito, preste atenção às coisas que comer... Sabe que tem um estômago delicado — recomendara a esposa.

Feliz pela manifestação de carinho e de preocupação de Valéria, Azevedo passou o dia trabalhando, marcando novas reuniões e combinando a viagem para Ribeirão Preto, para o dia seguinte.

À noitinha, cansado, amargando o dilema de voltar ou não para São Paulo e dormir em sua própria cama, entrou em um bar sofisticado, perto do centro da cidade, e pediu um uísque.

Fazia calor, ele se movimentara muito durante o dia todo e era mais do que justo estar com sede.

Aquela sede que não se satisfaz com um simples copo de água, que requer uma bebida que se tome com maior circunspeção, deixando as rédeas soltas para o pensamento.

E nada melhor do que um uísque no final da tarde para nos guiar o pensamento...

Já estava pela metade da primeira dose — planejara não passar de três, a partir do momento em que decidira que iria dormir em Campinas, que não compensava pegar o trânsito maldito das Anhanguera e da Marginal por duas vezes em pouco mais de doze horas — quando a cigana apareceu.

Era uma cigana já bem velha, gorda, usando roupas muito coloridas e largas — o que lhe aumentava incrivelmente o diâmetro — com os cabelos cor de prata e os olhos já meio mortiços, esverdeados.

Ela se aproximou da mesa em que Azevedo estava sentado e, sem fazer a menor cerimônia, puxou uma cadeira e instalou-se ao seu lado.

Por um breve momento, o advogado pensou em protestar.

Não seria o fato de ter escolhido uma mesa externa, na calçada, que lhe impediria a privacidade, que permitiria a qualquer um chegar e sentar daquela maneira.

Porém, a cigana nem sequer lhe deu tempo para montar mentalmente sua frase de indignação.

— Temos algo muito sério para conversar, doutor Azevedo — falou ela.

O advogado se surpreendeu ao ouvi-la dizer seu nome.

Era bem verdade que àquela altura da vida, Azevedo já era muito conhecido.

Porém, essa fama se limitava ao ambiente jurídico e ele jamais poderia esperar que uma cigana, em Campinas, o reconhecesse.

— A senhora me conhece? — perguntou ele — De onde?

A velha cigana explodiu em uma gargalhada e respondeu:

— Jasmina conhece todo mundo! Todo mundo que interessa conhecer!

Ficando subitamente muito séria, fixou Azevedo com seu olhar e murmurou:

— Mas Jasmina conhece principalmente todos aqueles que estão precisando de ajuda... De muita ajuda!

Azevedo arregalou os olhos e deixou cair o queixo.

Ajuda?

Mas que diabos significava aquilo?!

Ele não estava precisando de ajuda nenhuma!

— Você está enganado, meu amigo — disse a velha, como se acabasse de ler os pensamentos do advogado — Você está em apuros e precisará de muita coragem e força para sair dessa situação.

Com um gesto autoritário, impediu que ele a interrompesse, e continuou:

— Você está casado com uma ordinária chamada Valéria.

Se os olhos de Azevedo já estavam arregalados, naquele instante quase lhe saltaram das órbitas.

Era demais!

Chamar sua esposa de ordinária!

Mas quem aquela cigana estava pensando que era?!

— Sou sua amiga — falou a velha, mais uma vez adivinhando o que ia pela cabeça de Azevedo — E digo que sua mulher é ordinária porque ela não lhe contou o que está acontecendo, não lhe deu chance de corrigir seu erro.

Azevedo quase engasgou com o gole de uísque que estava ainda em sua boca e, depois de uma tossida, nervoso, perdido, atrapalhado, pegou um cigarro e colocou-o nos lábios.

Estava procurando o isqueiro pelos bolsos do paletó, quando a cigana tocou a ponta do cigarro com o dedo indicador da mão direita e...

Este se acendeu, como que por milagre...!

— C-como v-você f-fez i-isso?! — gaguejou ele, atônito.

A velha riu, mostrando as gengivas sem dentes, e falou:

— Ora... Isso é insignificante! A magia de uma verdadeira bruxa cigana, pode muito mais do que fazer fogo do nada!

Voltando a ficar séria, ela disse:

— Mas não vim procurá-lo apenas para impressioná-lo com algumas mágicas simples...

Separando bem as sílabas, ela explicou:

— Em primeiro lugar, vim agradecer o que você fez por um meu afilhado... Você se lembra do Natálio? Um rapaz que estava sendo acusado de ter assassinado um comerciante em Mogi-Mirim?

Sim...

Azevedo lembrava muito bem daquele rapaz, um moço direito, trabalhador, que tinha sido preso sob a acusação de assassinato e que não tinha como se defender, nem sequer conhecia um advogado... No dia da audiência de instrução, Natálio sentado diante do Juiz e algemado, Azevedo estava no Fórum de Mogi-Mirim por mero acaso. Conhecia o Juiz — tinham sido colegas de classe na São Francisco e bons companheiros de farras durante e depois de terminado o curso — e resolveu desrespeitar um pouco as regras e entrar na sala de audiências apenas para cumprimentá-lo. Teve seu castigo. O Juiz Brenno, sem pestanejar, nomeou-o *defensor ad hoc* para representar o réu.

Ora...

Azevedo não era homem de fazer as coisas mal feitas.

Pedi ao Juiz que lhe concedesse meia hora para poder ler o processo e, decorrido esse prazo, disse:

— Meritíssimo, o réu foi preso duas semanas depois de ocorrido o fato, o que elimina a possibilidade de prisão em flagrante, e alega, desde o inquérito policial, que não estava na cidade no dia em que ocorreu o crime. Aqui, segundo o delegado de polícia, foram feitas vistorias na casa do réu, em suas roupas, foram ouvidas várias testemunhas que nada de conclusivo disseram... Até houve quem dissesse que a vítima tinha se suicidado pois estava carregada de sífilis e já transmitira a doença para inúmeras mulheres, inclusive a própria esposa. Ninguém se preocupou em investigar o álibi do réu. Ninguém quis saber se ele estava realmente em Ribeirão Preto, conforme declarou à polícia.

Folheou o volumoso processo e acrescentou:

— Vejo aqui uma apólice de seguro quitada e recebida pela viúva da vítima.

Olhou para o Juiz e, com um sorriso, falou:

— É mais do que sabido que as empresas de seguros de vida não pagam em caso de suicídio. Contudo, quando ocorre um assassinato, não discutem. Muitas vezes, como é o que aconteceu neste caso, elas pagam logo após a conclusão do inquérito policial. Nem esperam o decorrer do processo-crime. Há o assassino, o seguro é pago.

Olhou para o réu, que fazia uma expressão imbecilizada de quem não estava entendendo absolutamente nada do que estava acontecendo, e concluiu:

— Peço ao Meritíssimo Juiz que devolva o caso à Polícia para novas e melhores investigações e, antes de mais nada, que mande soltar o pretense réu até que se possa ter alguma prova ao menos circunstancial de sua culpabilidade. Estou pronto para requerer isto oficialmente, acrescentando uma representação contra o delegado de polícia por abuso de autoridade e prisão indevida.

Olhou para o promotor, e arrematou:

— Isso sem contar que mandarei investigar com muita seriedade o envolvimento do delegado com esse pagamento da companhia de seguros. Na minha opinião, é muito suspeito.

O Juiz Brenno esforçou-se para não rir.

Ele lera o processo, tinha percebido as mesmas falhas que Azevedo vira e já tinha tomado a decisão de fazer voltar toda aquela papelada para o delegado, mandando soltar imediatamente o preso. Estava apenas fazendo cumprir as normas processuais, realizando a audiência, e esperando que o advogado de defesa também visse os mesmos vícios processuais.

— Tem razão — falou ele — Há muitas e muito estranhas falhas a serem sanadas. O preso não poderia nem mesmo estar aqui, visto que não há nada que o incrimine diretamente, apenas suspeitas, por ele ser um dos muitos devedores da vítima. Poderia ser qualquer outro habitante da cidade. Tudo indica que houve uma manipulação no sentido de fazer com que surgisse um assassinato.

O processo foi encerrado naquela tarde.

Pelo menos para Natálio que, ainda sem entender e sem ter como pagar o trabalho de Azevedo, quis se ajoelhar diante do advogado e beijar-lhe as mãos, em prantos.

Azevedo recordou da cena, lembrou de como se sentira constrangido com a situação e não esqueceu as palavras de Natálio:

— Um dia, doutor, o senhor há de receber a sua recompensa. Um cigano não fica devendo favor a ninguém. Eu não poderei morrer em paz enquanto não lhe pagar.

Azevedo foi trazido de volta à realidade pelas palavras da velha cigana, que dizia:

— Estou aqui para pagar o favor que você fez a esse meu afilhado.

Voltando a olhar intensamente para o advogado, ela falou:

— Vim avisá-lo, doutor Azevedo. E essa é a segunda razão por eu tê-lo procurado. Vim avisá-lo de que sua mulher, neste instante, já o está traindo com um homem chamado Waldir, que se faz passar por economista mas que, na realidade, não é nada disso, e só está tomando dinheiro de sua esposa.

Azevedo ficou estático, paralisado por alguns instantes.

Respirou fundo, olhou para a cigana e balançou negativamente a cabeça.

— Não — disse ele, com convicção — Minha mulher não faria isso... A senhora está enganada... Redondamente enganada!

A velha sorriu, tirou do meio das dobras de sua roupa um espelho desses que as mulheres costumam usar em suas bolsas, colocou-o sobre a mesa, diante de Azevedo, e falou:

— Pois então, meu amigo... Olhe! Preste bem atenção na imagem que vai se formar nesse espelho!

Azevedo olhou.

Olhou e viu...

Na verdade, muito mais sentiu do que viu.

Sentiu no coração, no estômago, nas tripas, no mais fundo de sua alma...

Valéria estava ali.

Nua e linda, desejável, adorável...

Só que o homem que se movia sobre ela, que ofegava e transpirava, não era ele.

— Isto é um truque! — exclamou, irritado — Uma farsa asquerosa, repugnante!

As pessoas que estavam nas mesas ao seu redor, os garçons e até mesmo o homem que estava atrás da caixa registradora, olharam espantados para o advogado.

Ele mesmo, olhou para os lados, espantado, envergonhado...

A cigana desaparecera e, com ela, o espelho em que tinha visto Valéria cometendo adultério.

— Mas ela estava aqui! — exclamou.

Um garçom se aproximou, inclinou-se cheio de dedos e indagou:

— O senhor está bem? Será que já tinha tomado muito uísque antes de vir para cá?

Azevedo não respondeu.

Deixando sobre a mesa uma quantidade de dinheiro suficiente para pagar não uma dose, mas uma garrafa inteira de uísque, levantou-se e saiu às pressas, sentindo-se o menor e o mais humilhado de todos os seres humanos.

Sonhara?

Teria tido uma visão?

Teria sido uma alucinação?

Já estava chegando à esquina, quando a velha cigana surgiu ao seu lado, dizendo:

— Não foi mais do que a realidade, meu amigo... Mas não culpe sua mulher em todos os aspectos. Ela está errada pois, antes de traí-lo, ela deveria tê-lo procurado, deveria ter conversado consigo.

Segurou o braço de Azevedo para obrigá-lo a andar mais devagar, e juntou:

— Você tem se dedicado demais ao trabalho. E esqueceu que é casado com uma mulher jovem, bonita e cheia de vida. Ela simplesmente deixou vazar para fora do quarto de vocês dois, para fora da vida do casal, a energia que você não a ajudava a consumir.

Naquela mesma noite, Azevedo voltou para São Paulo.

E, chegando de surpresa à sua casa, ainda encontrou Waldir esparramado sobre o sofá da sala, usando seu *robe-de-chambre*, seus chinelos e... sua mulher!

.X.X.X.

— Sim — murmurou Azevedo, olhando para a jovem e bela cigana, ainda à entrada da padaria — É claro que eu me lembro de Jasmina...

Muito sério, acrescentou:

— Só não sei dizer, com sinceridade, se lhe sou grato pelo *favor* que me prestou... Muitas vezes pensei se não teria sido melhor continuar na ignorância. Ela levaria a vida que quisesse levar e, desde que eu não soubesse de nada...

A cigana sorriu e começando a caminhar na mesma direção que Azevedo deveria tomar para voltar à sua casa, falou:

— Pois pode agradecer, doutor Azevedo... Aquele homem, o tal de Waldir, acabaria sugando não apenas a sua mulher, mas o seu bolso e, por fim, a sua vida. O senhor sabe disso. Sabe que o dinheiro que, no final de seu casamento, estava dando para sua mulher, não era para ela. Era para o tal de Waldir. E a comprovação não tardou muito, não é mesmo?

Azevedo não teve o que replicar.

Era bem verdade o que a jovem cigana estava dizendo.

Depois da separação — bastante complicada, pois Valéria exigira mundos e fundos, esfolara-o de todas as maneiras possíveis e imagináveis — ele ficara em uma situação econômico-financeira muito difícil e ela, em contrapartida, ficara muito bem. Contudo, em menos de dois anos, *torrara* tudo o que recebera e acabara abandonada por Waldir que, depois de ter *mamado* todo o dinheiro de Valéria, fugira para a Suíça com uma modelo.

— Foi melhor, da maneira como aconteceu — continuou a cigana — O senhor teve problemas, é verdade, mas hoje, está muito bem. Pelo menos tem amigos, tem o suficiente para viver de maneira agradável, sem maiores preocupações.

Com um sorriso maroto, acrescentou:

— Tem tido até algumas boas possibilidades de aproveitar do amor... E se não bebesse tanto, aproveitaria ainda mais!

Azevedo olhou espantado para a moça e indagou, em um fio de voz:

— Mas como você pode saber tudo isso? Como pode saber o que aconteceu comigo?!

Estacando, quase deixando cair o leite e o pão que estava carregando, balbuciou:

— O caso com minha mulher aconteceu há mais de vinte anos atrás... E, naquela época, Jasmina já era bem velha! Não posso acreditar que você já tivesse idade para entender todo o ocorrido... E tampouco posso imaginar que, para Jasmina, esse episódio estivesse revestido de tanta importância para que ela não o esquecesse e, mais tarde, pudesse contá-lo a você.

A cigana riu, um riso gostoso, cristalino, puro.

— Nós, as verdadeiras bruxas ciganas, somos capazes de fazer coisas incríveis e somos capazes de saber o que ninguém sabe...! E isso, sem contar que jamais esquecemos.

Nervoso, Azevedo quis pegar um cigarro em seu bolso mas, com as duas mãos ocupadas...

De repente notou que o cigarro já estava entre seus lábios, aceso...

— Foi assim que Jasmina acabou por convencê-lo, não é mesmo? — perguntou a moça, com uma risada.

Apanhou a sacola de pães e disse:

— Mas... Vamos! Não convém ficarmos de pé, parados na calçada. Temos muito o que conversar e, se não se incomoda de me receber em sua casa...

Azevedo balbuciou um *não me incomodo, de jeito nenhum* e, dócil como um cãozinho, praticamente deixou-se levar pela cigana, na direção de sua casa.

.x.x.x.

Avesso a apartamentos — considerava-os como autênticas *gaiolas para humanos* — Azevedo morava em uma casa pequena mas bonita, no meio de um terreno amplo e bem ajardinado. Caprichoso, depois que conseguira se libertar do drama vivido com a ex-namorada — aquele caso de impotência, consequência do excesso de álcool — e dos complexos dele decorrentes, passara a cuidar ele mesmo dos canteiros de flores, dos inúmeros antúrios e das incontáveis orquídeas que tinha penduradas nas três árvores do jardim.

A cigana elogiou-lhe as plantas e, uma vez dentro da casa, chegou a arregalar os olhos, dizendo para Azevedo que não o imaginava com tanto bom gosto para a decoração de abientes.

— Não tenho nada o que fazer — justificou-se ele — Não trabalho mais, não tenho responsabilidade material nenhuma a não ser comigo mesmo e com esta casa. Se não cuidasse bem dela...

E isso, ele realmente fazia.

Cada detalhe era estudado, os bibelôs combinavam perfeitamente entre si e com os móveis e estes, todos de estilo e uma grande parte, verdadeiras peças de museu, estavam impecavelmente limpos e bem cuidados.

Sentaram-se nas poltronas diante da lareira e, depois de alguns instantes de um silêncio algo constrangedor, Azevedo criou coragem e perguntou:

— Mas, afinal, o que é que você tem a conversar comigo, de tão importante?

A cigana sorriu e, olhando o vazio à sua frente, falou, em um quase monólogo:

— Os ciganos e a cultura cigana, estão em moda, hoje em dia. Houve época em que éramos perseguidos, durante séculos nossa raça foi pisoteada, humilhada. Muitas vezes, em muitos lugares, quase foi exterminada. Durante a II Guerra Mundial, os nazistas mataram centenas de milhares de ciganos em campos de concentração e mesmo em câmaras de gás. Perseguiram-nos por toda a Europa conquistada, diziam que éramos espiões, que roubávamos tudo e a todos. Antes disso, os próprios católicos nos esmagaram, tanto moral quanto fisicamente, chegando até a impedir a nossa entrada em qualquer igreja. A Inquisição queimou muitos dos nossos, alegando que eram bruxos, feiticeiros pactuados com o Demônio, que transportávamos a peste de um país para o outro por causa de nossos hábitos nômades.

Antecipando-se às palavras de Azevedo, que teria querido dizer que, afinal de contas, havia mesmo bruxos e bruxas entre os ciganos, ela falou:

— Só que os ciganos que a Inquisição queimou, não tinham nada a ver com bruxarias ou mesmo com magia. Os verdadeiros magos e magas *Romani* não iriam se deixar aprisionar dessa forma, não acha? Se eles tinham poderes sobrenaturais, por que razão haveriam de não utilizá-los para salvar a própria pele?

Voltando o rosto para Azevedo, a cigana continuou:

— Na realidade, isso nem mesmo seria necessário pois os verdadeiros bruxos, são imortais. Os detentores do *Verdadeiro Conhecimento*, aqueles que são de fato *Iluminados*, dominam ciências e conhecimentos que não estão ao alcance dos homens comuns.

Falando bem pausadamente, ela disse:

— E, entre esses conhecimentos, está o da imortalidade...

Mais uma vez, Azevedo arregalou os olhos.

A imortalidade!

Quanto não valeria, em termos econômicos e políticos, esse segredo!

Quanto os ditadores, os militares totalitaristas não pagariam para poderem usufruir da imortalidade...!

A própria Igreja Católica...

Quanto não valeria para o Papa, um elixir, filtro ou poção que lhe garantisse a possibilidade de viver eternamente!

Controlando-se, tentando se manter calmo, ele murmurou:

— Há pouco, na vinda da padaria para cá, você disse que é uma bruxa... Então, se o é, também é uma imortal...!

Olhou para a moça, balançou negativamente a cabeça e falou:

— Sinto muito, mas não acredito nisso. Não posso acreditar na imortalidade, isso está muito longe da minha capacidade de compreensão e os homens só acreditam naquilo que são capazes de entender!

A jovem riu alto.

— Na realidade — disse ela — Não precisaria provar nada do que estou afirmando. Mas, como me interessa que acredite piamente em minhas palavras...

Fez um gesto e uma pesada cadeira do final do século passado, que estava a cerca de dois metros de distância, ergueu-se no ar e veio até onde eles estavam.

Displicente, olhando com um sorriso para Azevedo, a cigana estendeu as pernas e descansou-as sobre a cadeira, deixando que o longo vestido cheio de cores subisse

um pouco e revelasse um pedaço de perna maravilhosamente bem torneado e — oh! surpresa! — ao contrário do que Azevedo sabia, um pedaço de perna liso, sem pelos...

— Sei que está pensando que isso pode ter sido um mero truque de prestidigitação — falou ela — Assim como este...

E, de repente, Azevedo viu a moça se erguer no ar, na mesma posição em que se encontrava e passear pela sala, tocando o teto com as mãos, aproximando-se de um armário antigo, muito alto, onde ele guardava, na parte de cima, escondida por trás do frontão, uma bengala que tinha sido de seu avô.

A moça apanhou a bengala e trouxe-a para Azevedo, sentando-se outra vez ao seu lado.

— Há seis meses você vem procurando essa bengala — falou ela — Tinha esquecido onde a pusera, não é mesmo?

Azevedo fez um sinal afirmativo com a cabeça, e a cigana disse:

— Agora, para ver que não há qualquer truque, vamos lá para a rua.

Como um autômato, Azevedo obedeceu.

E, atônito, apavorado, viu que a moça simplesmente se atirava diante de um automóvel que passava velozmente.

Azevedo escutou o barulho do impacto, viu, os olhos arregalados e a garganta travada, que ela era atirada para cima e que caía no chão a mais de cinco metros de distância.

Com um grande ranger de pneus se arrastando sobre o asfalto, o automóvel parou.

O motorista, muito pálido e Azevedo, mais lívido ainda, correram para perto dela.

A cigana, no entanto, já estava se levantando e, sacudindo a poeira das roupas, disse:

— Não foi nada... Apenas um escorregão...

— Mas eu a atrolei! — gritou o motorista — Senti a pancada! Eu a vi ser projetada para o alto... Não é possível que...

A cigana mostrou a frente do carro e perguntou:

— Não acha que seu automóvel teria de estar amassado?

Azevedo e o motorista olharam para o veículo.

Não havia nenhum sinal de ter trombado com o que quer que fosse.

Cada vez mais abismado, o motorista se aproximou do carro e, passando a mão sobre o capô, balbuciou:

— Mas está perfeito... Como novo!

Olhou para a cigana e disse, a voz sumida:

— E havia um amassadinho aqui...

Mostrou com o dedo um ponto à direita, murmurando:

— Eu peguei uma pedra na estrada, ontem de manhã... E o amassado sumiu!

A cigana riu e, já caminhando de volta para a calçada, falou:

— O conserto fica pelo susto que o fiz passar... Desculpe-me.

Segurou o braço de Azevedo e literalmente obrigou-o a voltar para o interior da casa, deixando o motorista a coçar a cabeça e a olhar, sem entender nada, para o capô de seu automóvel.

.X.X.X.

— Mas você foi realmente atropelada e nada sofreu? — indagou Azevedo, ainda atônito.

E, sem dar tempo à cigana de responder, acrescentou:

— Ou foi mais um truque?

— Não foi truque nenhum — respondeu ela.

Apertando um pouco as pálpebras, ofereceu:

— Se quiser uma prova mais violenta, pode apanhar seu revólver e atirar em minha cabeça...

— Não! — exclamou Azevedo, cheio de pavor — Prefiro acreditar em você!

Levantou-se, foi até a cozinha e voltou trazendo a garrafa de café e duas xícaras.

Serviu a cigana, pôs café sem açúcar em sua xícara e, depois de acender — desta vez por suas próprias mãos — um cigarro, falou:

— Bem... Depois disto... Agora mesmo é que não consigo entender o que você quer de mim. Uma pessoa com os seus poderes pode fazer o que quiser! Jamais precisaria de qualquer ajuda!

A cigana ficou muito séria e, depois de tomar um gole de café, murmurou:

— É um engano... Um engano dos maiores!

Fixando o olhar intrigado de Azevedo, ela explicou:

— Como deve imaginar, o dom da magia, o acesso ao *Verdadeiro Conhecimento* e à *Iluminação*, não é proporcionado a todos os ciganos — ou a todas as pessoas, ciganas ou não — mas sim a uns poucos. Apenas àqueles que, de alguma maneira, manifestam uma tendência muito forte para determinadas características de personalidade. Uma delas, e talvez a mais importante, é a introspecção. Só pode ser maga a pessoa que é perfeitamente capaz de ser introspectiva e de viver com intensidade o seu mundo interior. A essas, as *Inteligências, Forças e Energias Superiores*, permitem o acesso ao *Caminho do Saber*.

— Algo parecido com a vocação dos padres... — murmurou Azevedo.

— Exatamente — concordou a cigana — Com a diferença que os padres se dizem Ministros de Deus e são formados por outros homens que, por sua vez, também se dizem representantes de Deus, enquanto nós, os magos, somos formados por outros magos mais evoluídos e não somos representantes de nada. Somos, isso sim, capazes de utilizar as forças e energias cósmicas a serviço ou contra as leis comuns da Natureza.

Azevedo olhou para ela com expressão de quem não estava conseguindo alcançar o significado de suas palavras e a cigana, com um sorriso, falou:

— É contra a Natureza, ou pelo menos, contra as leis normais, as leis conhecidas pela ciência dos homens comuns, o fenômeno da levitação. Da mesma maneira, é inexplicável, à luz dos conhecimentos extremamente restritos do homem, a transposição de objetos e o teletransporte.

Fez um gesto com a mão direita e uma estatueta de marfim que estava sobre a lareira, veio parar no colo de Azevedo.

— Coisas assim — disse a cigana, com uma risada.

Voltando a ficar séria, ela prosseguiu:

— A imortalidade também não pode ser admitida pelo ser humano. O homem pode acreditar na *imortalidade do espírito*, mas jamais seria capaz de aceitar a imortalidade do corpo. E, no entanto, ela existe, como você teve ocasião de comprovar.

— Imortalidade e invulnerabilidade — resmungou Azevedo, lembrando-se do que acontecera no episódio do automóvel, quando a cigana não sofrera nem mesmo o mais leve arranhão.

— Pode-se dizer que uma coisa é consequência da outra — falou ela — Para haver imortalidade, é preciso existir a invulnerabilidade e esta, por sua vez, acaba por gerar a imortalidade.

Esperou que Azevedo acendesse outro cigarro e continuou:

— Mas, eu estava dizendo que os poderes mágicos, não são dados a qualquer um. Apenas podem recebê-los, aqueles que possuem e vivenciam intensamente um mundo interior. Além disso, e talvez justamente por isso, a magia não é uma dádiva graciosa. É, isto sim, conquistada aos poucos, muito lentamente e às custas de sacrifícios e renúncias às vezes muito grandes.

Antes que Azevedo perguntasse que tipos de sacrifícios e que espécies de renúncias, a cigana disse:

— A imortalidade, por exemplo, exige a renúncia ao amor...

Com um sorriso triste, a cigana acrescentou:

— O que é perfeitamente lógico, se você pensar bem... Como pode haver amor se uma das partes do par não envelhece jamais? Como pode existir amor se um dos dois não deixa que a evolução cronológica o atinja?

Azevedo meneou afirmativamente a cabeça e disse:

— Sim... Acho que você tem razão. É algo mais do que lógico...

Erguendo os olhos para a cigana, acrescentou:

— Mas continuo sem entender por que você veio me procurar...

A jovem cigana baixou o olhar e, sem esconder a ansiedade em sua voz, ela indagou:

— Ainda não percebeu?

Azevedo balançou negativamente a cabeça e ela falou:

— Não quero mais ser uma imortal. Quero poder viver o amor que estou sentindo, quero poder ser feliz como qualquer outra mulher do mundo!

Azevedo suspirou.

Levantou-se, com passos arrastados, caminhou até a janela da sala e olhou para o jardim, muito colorido à luz do sol da manhã.

Voltou-se para perguntar à cigana de que maneira poderia ele, um simples mortal, ajudá-la mas, para sua extrema surpresa, ela não estava mais ali...

CAPÍTULO V

Carlos e eu, nos entreolhamos, resabiados, desconfiados, cépticos.

Azevedo sorriu.

Brincando com o copo, vazio pela enésima vez, ele disse:

— Sei muito bem o que estão pensando... Estão achando que decidi tirar a noite para aborrecê-los, para ouvirem-me contar mentiras.

Carlos deu uma risadinha e, erguendo a mão para chamar o garçom, ponderou:

— Bem, Azevedo... Você há de admitir que não é muito fácil engolir essa sua história...

Olhou para mim e acrescentou:

— Acho que até para o Sérgio, que é um escritor e que uma imaginação fertilíssima já por necessidade profissional, seria difícil inventar algo tão fantástico!

— Eu não teria coragem de *ancorar* um meu romance nesse tema — admiti — É fantástico demais!

Voltei-me para o Bueno que, até aquele momento permanecera quieto, calado, segurando entre os dedos um cigarro ainda apagado, e indaguei:

— Não concorda comigo, Bueno? Não acha que o Azevedo, desta vez, extrapolou todas? Passou completamente dos limites?

Bueno meneou a cabeça em sinal de dúvida e, para surpresa minha e de Carlos, murmurou:

— Não sei... Pode ser que sim... Pode ser que não.

Senti, de repente, que ele estava falando a sério.

Havia, de fato, alguma dúvida em sua fisionomia, existia algo em que ele estava pensando e que não tinha lá muita coragem de nos contar.

Franzindo as sobrancelhas, segurei seu braço e perguntei:

— Escute, amigo... Você não bebeu demais, por hoje? Está por acaso encontrando algum fundamento de verdade nessa loucura toda, nesse devaneio de *delirium tremens*?

Bueno ergueu os olhos para mim e, por sua vez, perguntou:

— Você acredita em mim?

Sorri.

Se havia alguma coisa difícil de se fazer neste mundo, era justamente acreditar nas histórias do Bueno.

Bastava lembrar do que ele contara para a pobre Margarida...

Ele fez um gesto de impaciência e passou a falar em voz baixa, de maneira a suas palavras não serem escutadas na mesa onde Margarida e suas primas se encontravam, apenas falsamente distraídas e absortas em sua conversa.

Sim...

Falsamente, pois na realidade, elas estavam vigilantes, a todo instante e alternadamente, uma delas lançava um olhar de través para nós.

— É verdade que eu menti muitas vezes para a Margarida — quase sussurrou ele — Mas é perdoável... Era uma questão de sobrevivência, um caso de vida ou morte. Com vocês é diferente. Não tenho nenhuma razão para contar uma lorota.

Com expressão muito séria, ele acrescentou:

— Porém, se eu lhes disser o que me aconteceu, minha credibilidade no grupo pode cair bastante...

Foi o suficiente para despertar definitivamente a nossa curiosidade.

— Agora mesmo é que você não sai daqui sem desembuchar, meu caro! — exclamei.

Os três, olhamos cheios de ansiosa curiosidade para o Bueno, e Azevedo, com voz pausada, falou:

— Eu contei a minha história e não estou incomodado com o fato de acreditarem ou não em minhas palavras. Agora, trate de contar a sua. Trate de dizer por que não é como o Carlos e o Sérgio, por que acreditou em mim...

— Não disse que acreditei, Azevedo — protestou o Bueno — Disse, apenas, que sua história pode muito bem ser verídica.

— Ela é verídica! — exclamou Azevedo — Como você, não tenho nenhuma razão para ficar contando mentiras e muito menos para brincar com um assunto tão sério!

Bueno olhou para cada um de nós e, depois de alguns instantes de angustiante silêncio, perguntou:

— Vocês prometem que não vão duvidar de mim? Prometem que não vão rir? Que não vão querer me internar em uma clínica psiquiátrica?

— Prometemos! — respondemos, em uníssono.

Bueno se ajeitou na cadeira de maneira a poder se inclinar mais para a frente e, falando bem baixo, começou:

— Vocês devem ao menos desconfiar que, a despeito da vigilância cerrada da Margarida, de suas primas e demais parentes devidamente convocados para tomar conta de mim e denunciar todo e qualquer deslize que eu possa vir a cometer, ainda assim, consigo sempre *dar uma escapulida*...

Deu uma risadinha e explicou:

— Há sempre a hora do café, não é mesmo? E é nessa horinha, nesses parcos trinta minutinhos que consigo de liberdade, que eu dou os meus pulinhos...

Antes que um de nós perguntasse, ele falou:

— Não há nada de mais... Não é o que vocês estão pensando... Não vou para a cama com uma mulher em apenas meia hora e fazer isso nos corredores dos prédios lá na cidade, é impraticável. Minhas pequenas aventuras escondidas não passam de ficar tomando, realmente, um cafezinho na porta de um bar, olhando as moças passarem, admirando um pouco mais de perto a magnificiência da obra do Criador. E é bela a Sua criação! Como são belas as mulheres, principalmente quando

elas estão completamente fora de nosso alcance! Como a tentação é maior e como é possível sentir prazer em apenas vê-las passar, perfumadas, bem vestidas, na maior parte das vezes, pouco vestidas...

Tomou um gole de uísque e prosseguiu:

— Pois ontem, logo depois do almoço, um pouco antes de duas horas da tarde, pois às duas eu tinha uma audiência no João Mendes, enquanto estava tomando um cafezinho e olhando as beldades da Paulicéia, encontrei uma cigana...

Nós três arregalamos os olhos e, pedindo-nos que o deixássemos continuar, Bueno falou:

— No fundo, acho que seria mais verdadeiro se dissesse que foi ela quem me encontrou pois veio diretamente para mim e chamou-me pelo nome. Exatamente como aconteceu com o Azevedo.

.x.x.x.

— Doutor Bueno, posso falar com o senhor?

Bueno olhou espantado para a cigana que lhe dirigia a palavra.

Era jovem, bonita, estava vestida como todas as de sua raça, com roupas largas e muito espalhafatosas, porém de bom gosto e ele podia ver que o tecido era diferente, parecia ser mais fino e muito mais delicado do que já vira nas roupas de outras ciganas.

— *Não é uma cigana autêntica* — pensou ele — *Nem mesmo tem cheiro de cigana! Deve ser uma dessas menininhas modernas, cheias de manias, cheias de modismos...*

Com um sorriso, a moça disse:

— Para mim, não se trata de uma questão de moda, doutor Bueno. Esta é a roupa que eu uso sempre, a roupa que caracteriza minha raça.

Bueno teve um sobressalto.

Ela simplesmente lera seus pensamentos!

Controlando-se para não deixar transparecer o quanto ficara perturbado, Bueno murmurou:

— Mas... Quem é você? De onde me conhece?

E, percebendo de repente, que a porta de um botequim do centro da cidade não poderia ser considerado como um bom lugar para se conversar, convidou:

— Mas vamos a um café um pouco mais decente... Aqui...

— Não se preocupe com isso... — retrucou a cigana — Não vejo como este local não possa ser considerado adequado para uma conversa!

Nesse instante, Bueno notou que havia um silêncio tumular ali.

Um silêncio absurdo para o centro da cidade àquela hora.

Olhou ao seu redor e, pasmo, atônito e apavorado, viu que tudo estava absolutamente imóvel e silencioso.

No bar, até poucos instantes atrás, ruidoso, agitado, nada e nem ninguém se movia. Até o ponteiro dos segundos do enorme relógio de parede, estava parado. Os fregueses, bem como os funcionários do estabelecimento, pareciam estátuas, imóveis como se estivessem numa fotografia. Na rua, os carros também pararam,

e até mesmo a fumaça do escapamento de um ônibus, parecia parada, estática, como se tivesse sido pintada tridimensionalmente em uma tela virtual.

Aquilo era um sonho...!

Não poderia ser outra coisa!

A menos que tivesse enlouquecido e tudo o que estava acontecendo, não passasse de uma alucinação.

— M-m-m-mas... — gaguejou.

— Não tenha medo — falou a cigana — Você não está louco e não há nada de errado com o resto do mundo. Nós é que estamos em uma dimensão diferente no tempo. Por isso é que você está tendo a impressão de que tudo está parado. É apenas uma ilusão.

Bueno se beliscou.

Sentiu dor, portanto, não estava dormindo, não estava vivendo uma ilusão onírica.

Aquilo não podia estar acontecendo!

Não podia estar vivenciando um fenômeno dessa natureza, desse porte!

Ainda mais ele, que dificilmente acreditava em coisas do sobrenatural, que fazia absoluta questão do racionalismo, que normalmente era considerado por todos como sendo extremamente materialista!

O que, no fundo, era bem errado pois Bueno sempre fora um romântico, um exemplo vivo de sensibilidade e sentimentalismo.

Porém, daí a acreditar em coisas assim, o passo era muito longo e ele jamais se arriscara a dá-lo!

— Você perguntou quem eu sou — continuou a cigana — Meu nome é Soraya mas poderia ser Débora, Christina, Maria, Marina... O que quiser. O nome nada mais é do que um rótulo que se põe nas pessoas. Um rótulo escolhido por outros que não a pessoa em si. Um rótulo que apenas caracteriza a carcaça, sem dar a menor idéia do que realmente interessa, ou seja, a alma. Por que um Benedito não pode ter a alma de um José ou vice-versa? Por tudo isso, os nomes não valem nada.

Sorriu, pousou delicadamente a mão sobre o ante-braço esquerdo de Bueno, e disse:

— Você me perguntou de onde o conheço. Nunca o encontrei antes... Tampouco precisaria tê-lo encontrado para saber quem você é. Estive conversando com um seu amigo. Por isso, pude *sentir-lo*. Você estava em seus pensamentos durante todo o tempo que durou a nossa conversa.

Não deixou que Bueno perguntasse que amigo era aquele, e prosseguiu:

— Não vou dizer quem é. Isso, não interessa. Como já deixei entender muito claramente, o nome das pessoas pouco importa. Você descobrirá facilmente quem ele é, ele mesmo há de lhe contar sobre mim.

Olhou intensamente para Bueno e falou:

— Estou precisando de ajuda. Estou muito necessitada de ajuda!

Bueno notou a expressão de desespero em seu rosto, escutou o timbre agudo de sua voz, a voz de uma mulher que está beirando o limite máximo da ansiedade.

E ouviu, imediatamente o ruído do bar, o som dos automóveis, o barulho da cidade.

Tudo ao seu redor recomeçou a se movimentar como se, em uma película cinematográfica que estivesse com a projeção parada, alguém destravasse a máquina.

.X.X.X.

— O retorno dos barulhos e do movimento, chamou minha atenção e olhei ao meu redor — falou Bueno — Confesso que estava assustado, não conseguia entender como é que aquilo tudo estava acontecendo.

Respirou fundo e arrematou:

— Quando quis voltar a falar com a cigana, ela tinha desaparecido.

Nós três, Azevedo, Carlos e eu, permanecemos em silêncio.

Para mim e para o Carlos, era muito difícil de acreditar. Azevedo que, segundo o que nos contara havia pouco, já vivenciara algo semelhante, mantinha no rosto um meio sorriso irritante que queria significar compreensão, entendimento e... conhecimento de causa. Algo assim como se estivesse dizendo que nós dois, Carlos e eu, pobres e míseros mortais comuns, não tínhamos qualquer experiência sobre qualquer coisa que escapasse da banalidade das coisas...

Olhei, mais uma vez, para o Bueno, tentando descobrir algo que me dissesse que ele estava brincando, que estava, no fundo, querendo zombar de Azevedo por causa de sua aventura maluca.

Porém...

A expressão de seu rosto não era de quem estivesse se divertindo às nossas custas, ele não parecia, de fato, estar contando qualquer mentira.

— Passei o resto do dia assustado — disse ele — No princípio, pensei que tivesse sido, realmente, vítima de uma alucinação. Depois, à medida que o tempo foi passando, fui me convencendo que não, que aquilo de fato poderia ter acontecido, apesar de extremamente estranho. E, por fim, ao anoitecer, eu me surpreendi perguntando a mim mesmo qual seria a dificuldade da cigana, onde ela estaria precisando de ajuda e por que diabos tinha vindo me procurar, justamente a mim...!

— Bem... — fez Azevedo, com um sorriso — A minha cigana foi mais clara. É bem verdade que ela não me disse seu nome. Mas, em compensação, disse que estava apaixonada, que queria viver esse amor com toda a intensidade mas que isso seria impossível enquanto ela fosse uma bruxa e... imortal!

— Não são duas ciganas — arrisquei, pensativo — É uma cigana só. Basta ver que ela apareceu para o Azevedo logo cedo e depois, para o Bueno, um pouco mais tarde, já perto da hora do almoço.

Carlos riu e, batendo amistosamente em meu obro esquerdo, falou:

— Ouça, Sérgio... Não posso acreditar que você esteja dando crédito às palavras desses dois bêbados! Só se você também estiver tão embriagado quanto eles ou, então, se estiver começando a ficar de miolo mole!

Balancei negativamente a cabeça e expliquei:

— Não podemos desacreditar assim, tão radicalmente e desde o início, Carlos. Você, como jornalista, teria a obrigação de tentar constatar a veracidade desses dois fatos. De minha parte, como escritor, não preciso nada disso. Preciso apenas,

encontrar alguns pontos de verossimilhança com a realidade para poder escrever um romance sobre esse tema. Nada mais!

Sorri e, olhando para o Bueno, acrescentei:

— E o tema é dos bons! Dá para escrever à vontade e até já tenho uma parte da história em minha cabeça...!

Nesse momento, Margarida e suas primas levantaram-se e o pobre Bueno, imediatamente se pôs de pé.

Foi obrigado a se apoiar por um instante na mesa, para compensar a tontura, consequência óbvia de pelo menos um quarto de litro de uísque tomado. Deixou o dinheiro de sua parte em minhas mãos e, despedindo-se de nós, falou:

— Bem, amigos... Até amanhã. Quem sabe, durante o dia, tenhamos novas notícias dessa cigana...

Carlos, vendo que o Bueno não teria muitas condições nem mesmo de pegar um táxi em segurança até sua casa, propôs-se a levá-los e o Azevedo, ofereceu-se para ser carona.

Velho hábito de nosso amigo.

Nunca andava com seu próprio automóvel, principalmente à noite, já que era quase certo que haveria de se embriagar e, segundo o que ele mesmo admitia como dogma, álcool e automobilismo não se casam.

Assim, de repente, eu me vi sozinho.

Não que a solidão me preocupasse ou me incomodasse, muito pelo contrário.

Sempre gostei de me recolher ao meu mundo interior e isso só é realmente possível na solidão.

Naquela solidão que permite explorar pensamentos e desenvolvê-los, que possibilita até mesmo conversar com nossos fantasmas pessoais...

E quantos fantasmas eu tinha...!

É interessante perceber como eles, esses fantasmas pessoais, tão particulares, despertam de seu marasmo, de sua inércia, às coisas mínimas; surgem e ressurgem de quase nada, de uma imagem que, vista por outro, não seria mais do que banal.

Como aquele homem que estava sentado a uma mesa, a pouco mais de cinco metros de mim...

.X.X.X.

Estava sozinho, tinha à sua frente um copo de uísque que vinha bebendo com solenidade, como se o prazer de beber e mesmo o sabor da bebida dependesse inclusive dos movimentos perfeitamente harmoniosos, e até mesmo bem estudados, que fazia para levar o copo à boca e trazê-lo de volta à mesa.

Estava bem vestido, de terno e gravata, cores discretas. Todo ele era discreto, aliás, até hoje não sei bem por que chamou minha atenção.

Talvez tenha sido porque suas maneiras finas e educadas — quem sabe, um pouco antiquadas — destoassem um pouco naquele ambiente...

Seu aspecto era o de uma pessoa verdadeiramente culta, aspecto este favorecido pelos óculos de aro de tartaruga e lentes grossas, esverdeadas, que lhe faziam o olhar mais vago, mais distante, mais pensativo.

Olhar de intelectual, de alguém que possui um mundo interior rico e que é consciente disso.

Seu rosto bem escanhado mostrava uma palidez que só têm aqueles que quase não vêem a luz do sol, aqueles que passam a maior parte de seu tempo em salas fechadas, com luz artificial.

Contudo, não era a mesma palidez daqueles que não têm saúde. Apesar dos cabelos já começando a branquear, notava-se o vigor do homem, a juventude ainda latejando, ainda bem presente.

Os sapatos, como de hábito um excelente termômetro para se avaliar o nível de quem os usa eram de boa qualidade e estavam impecavelmente limpos e polidos, combinando em cor e estilo com o restante da indumentária.

Suas mãos finas e bem tratadas procuraram algo pelos bolsos do paletó.

Delicadamente, quase com devoção, ele tirou do bolso direito, um cachimbo e uma bolsa de fumo.

Observei bem suas mãos, os dedos longos, finos, ágeis.

— Mãos de pianista...

Pianista, como o era o amigo que partira havia poucas semanas, que deixara tantas lembranças, tantas saudades.

Lembrei-me da última vez que o vi, em minha casa, quando comemorávamos o aniversário de uma amiga comum.

Uma moça, ao piano, brincava com as teclas, tirando uma ou outra música, enquanto conversávamos e bebíamos.

Quando ele chegou, todos pedimos para que tocasse.

Humilde, e modesto, esquivou-se:

— Nunca, depois de tão exímia pianista!

Insistimos, a moça que estava tocando também insistiu e literalmente pegou-o pela mão, obrigando-o a sentar ao piano.

Embora repetisse que não sabia tocar coisa alguma, que não conhecia mais do que meia dúzia de acordes, concedeu-nos, de improviso, um autêntico recital.

No dia seguinte, um fio descoberto, uma distração e nunca mais o veríamos ou o ouviríamos...

À minha frente, naquele instante, o homem segurava o cachimbo entre os dedos indicador e médio da mão direita.

Era um cachimbo bonito, liso, de forninho grande e espesso, com a piteira não muito longa e ligeiramente recurvada. Um delicado anel de prata separava a madeira do âmbar. Pelo estilo, imaginei que seria um cachimbo holandês ou, senão, dinamarquês.

Ele passou o cachimbo para a mão esquerda, segurando-o com o indicador e o polegar.

Admirou-o.

Rodou-o entre os dedos, acariciou-o e seu olhar assumiu uma expressão de carinho, de gratidão para com o companheiro.

Ou, talvez, uma expressão de cumplicidade...

Naquele instante, com esse olhar, pareceu transmitir ao objeto mais um pouco de sua própria personalidade, mais um pouco de si mesmo. Parecia conversar com o cachimbo, talvez até lhe pedisse um conselho, quem o poderia negar?

Conselho como me fora pedido por ela, no velório...

— E agora? O que vou fazer de minha vida?

Não respondi o que todos dizem nesses momentos, que os mortos estão melhor do que nós, que nós temos a obrigação de continuar a empurrar o barco, que a vida não acabou.

De mim, não seriam essas as palavras que ela esperava ouvir.

Mas, na verdade, nem mesmo eu sabia muito bem o que deveria dizer, o que fazer.

Ele morrera, destruía um sonho, acabara-se.

Delicadamente, o homem pousou o cachimbo sobre a mesa, ao lado da bolsa de fumo e, bem devagar, tomou mais um gole de seu copo.

Apanhou a bolsa, abriu-a, mexeu lá dentro com os dedos da mão direita e, levando-a à altura do nariz, aspirou com delícia o aroma do tabaco.

Seus olhos se fecharam, seus lábios esboçaram um sorriso de satisfação.

Mantendo a tabaqueira aberta com a mão esquerda, com a outra pegou o cachimbo e mergulhou-o em seu interior, ajudando com o indicador a encher o seu forninho.

Em todo o conjunto de movimentos notava-se uma precisão e um condicionamento que só podiam advir da rotina, do gesto já executado da mesma maneira, milhares e milhares de vezes.

Eram todos movimentos delicados, precisos, exatos como os movimentos das mãos de um cirurgião, associados à graça e à leveza de passos de ballet.

No caminho para o cemitério, ela se encostou ao meu ombro, pedindo silenciosamente proteção.

— Sei que não vou ser capaz de enfrentar a vida!

Sim...

Eu também sabia que lhe seria muito difícil.

Ela agora, estava sozinha, sentiria demais a sua falta.

Por que morrer assim, antes de ser alguém? Por que trair dessa maneira todos os planos para o futuro?

Cheio o cachimbo, experimentou-o para ver se ficou com o tabaco comprimido no ponto certo.

Não satisfeito, apertou-o mais um pouco, experimentou-o novamente e seus olhos, mais do que a sequência de gestos, mostraram que, agora sim, estava exatamente a seu gosto.

Tomou mais um pouco da bebida, e com a mesma finura de movimentos, tirou do bolso pequeno do paletó, um isqueiro.

Acendeu-o longe do cachimbo, não queria contaminar o tabaco com o cheiro de gás mal queimado e, depois de alguns segundos, aproximou-o da boca do forninho.

Durante o enterro, ela se apoiava inteiramente em meu braço, tive várias vezes a impressão que a sustentava em todo o seu peso. Se a largasse, cairia no chão.

Não disse uma só palavra, apenas chorou.

Foi só quando saímos do cemitério que recobrou a voz.

— Fique comigo hoje! Não me deixe sozinha!

O homem acendeu o cachimbo em baforadas suaves, breves, espaçadas.

Uma fumaça perfumada, azulada e densa se despreendeu, emoldurando seu rosto.

O retrato dele sobre o piano, sorria para nós.

Ela ainda chorava, a cabeça em meu ombro, os soluços sacudindo-lhe o corpo.

— Agora, nunca mais! Acabou-se!

O homem olhou a fumaça, olhou o vazio.

Sua expressão mostrava o ensimesmamento, denunciava que ele se encontrava muito distante daquela mesa, muito longe dali.

Seu pensamento, certamente estaria voando muito alto, ajudado pela fumaça que subia de seu cachimbo, em espirais calmas e aromáticas.

O homem sonhava.

Talvez recordasse...

O homem vivia aquele momento egoisticamente, apenas para si mesmo.

Eu a levei para o quarto, quarto de viúva, ajudei-a a se deitar.

Ela ainda chorava mas, naquele instante, mais mansamente...

Beijei-a na testa, pedi-lhe para ter calma e procurar esquecer.

— Não há como esquecer!

Era verdade...

De minha parte, eu também sabia que não seria, não é possível, esquecer.

Para mim sempre será muito difícil me acostumar com a sua ausência.

Quanto mais para ela...

O homem tirou o cachimbo da boca, olhou-o, terminou o conteúdo de seu copo, tornou a puxar lentamente a fumaça, pagou sua conta e saiu.

Fechei a porta do quarto procurando não fazer barulho.

Pela respiração compassada e calma, vi que ela tinha, finalmente, adormecido.

Fui para o quarto onde passaria aquela noite.

Era o quarto dele, menos de trinta horas antes ele estava dormindo ali, naquela cama...

Na cabeceira, havia a fotografia dela, com uma dedicatória:

Ao meu filho, com todo o amor, de sua mãe.

CAPÍTULO VI

Fui trazido à realidade do *Pandoro* pelo som estridente da buzina de um carro que parava diante do restaurante.

Vi o porteiro, engalanado como se fosse um general boliviano, abrir a porta direita do automóvel e tirar o quepe em uma reverência quase subservil, para uma jovem que, pondo as pernas para fora do automóvel, literalmente tirou a respiração dos que a estavam vendo descer do carro.

Era simplesmente linda.

Aquelas cenas que são tão comuns nos filmes norte-americanos ou italianos, em que uma *pin-up girl* desce de um automóvel fazendo com que todo o mundo ao redor páre no tempo só para poder melhor observá-la e mais condignamente admirá-la, estava se repetindo ali, ao vivo, em cores e em *stereovision*.

Como disse e jamais me cansaria de repetir, ela era simplesmente linda.

Tinha o cabelo cor de cobre envelhecido, o que combinava maravilhosamente com a cor de sua pele — podia vê-la com mais clareza nos ombros nus, expostos à cobiça dos verdadeiros componentes do sexo masculino e à inveja e despeito dos outros, o feminino e o duvidoso — que se mostrava bronzeada, deliciosa, aquela cor que o sol só dá às mulheres verdadeiramente belas como se fosse um prêmio por elas deixarem-no beijá-las com seus raios...

Desnecessário é dizer de suas curvas...

Desnecessário ou... impossível.

Descrever o Belo não é função de escritor, seria muito mais função de um artista plástico e, no caso dessa mulher, até mesmo os mais capacitados pintores seriam obrigados a admitir a sua incompetência para reproduzir tanta beleza.

E seu rosto...

Pude ver seu rosto quando ela entrou no *Pandoro* e — oh, divina graça! — olhou diretamente para mim.

Senti-me, de repente, absolutamente minúsculo, ridículo, ínfimo, diante daquele olhar, daqueles lábios carnudos, sensuais, que pareciam estar permanentemente pedindo beijos...

Ela entrou.

E, levando-a pelo braço, havia um homem...

Um homem que, certamente seria o mais feliz de toda a Terra, que na realidade não poderia estar se sentindo em outro lugar que não no Céu.

Sim...

Poderia haver ventura maior do que estar acompanhando aquela deusa?

E, mesmo que nada de mais houvesse, mesmo que ele apenas a estivesse, como disse, acompanhando-a, já seria o bastante para torná-lo diferente e mais importante do que qualquer outro homem.

E ele estava ali...

Estava afastando a cadeira para que ela sentasse, justamente na mesa que ficava defronte à minha.

Agradei, mentalmente, a sua benevolência.

Ele poderia ter escolhido para si aquela cadeira em que ela estava sentando e então, seri ele a ficar de frente para mim. Porém, não o fizera e, dessa maneira, ao menos eu poderia tomar mais um uísque, saboreando com os olhos aquela maravilhosa visão.

Pedi mais uma dose, desta feita dupla, que era para render mais, para me permitir ficar mais tempo sentado ali, ainda que fosse apenas sonhando.

Ouvi que o homem que a acompanhava pedia ao garçom que trouxesse uma cerveja para si, e um *Alexxander* para ela.

Não pude deixar de sorrir intimamente.

Em companhia de tal beldade, tomar uma cerveja era um verdadeiro sacrilégio!

Uma mulher como aquela mereceria, no mínimo um vinho branco a quatro graus centígrados, do tipo *Blanc-des-blancs* ou, no mínimo, *Chablis*...

Jamais uma cerveja, tão esportiva, tão pouco romântica...

Como se não bastasse, ele pediu uma porção de batatas-fritas...

Mas como!

Batatas fritas!

Grosseiras, untuosas, deselegantes...

Por que não pedir um prato de canapés de caviar ou qualquer outra coisa mais delicada, mais sofisticada, mais ao nível de tão etérea acompanhante?!

O homem estava sentado à direita da mulher e eu podia vê-lo bastante bem, ainda que apenas de perfil.

Observei-o com atenção, tentando enxergar algum sinal de que ele não seria mais do que um desses texanos milionários que têm os bolsos cheios de dólares, a cabeça absolutamente vazia de idéias que não sejam as que levam a ganhar ainda mais dinheiro e o coração duro como um pedaço de pedra, impedindo toda e qualquer manifestação de verdadeira sensibilidade.

Mas não...

Ele não parecia ser assim.

E até era bem bonito, o danado!

Atlético, aparentemente vaidoso, orgulhoso de si mesmo, ele espetava as batatas fritas com um palito e dava-as na boca da mulher que, por sua vez, comia-as com movimentos dos lábios de enlouquecer qualquer um, de fazer um carmelita descalço pensar muito na validade de seus votos e até mesmo em como fazer para se livrar deles...

Entre uma batata e outra, ouvi a mulher indagar, a voz tão maravilhosa quanto toda ela o era:

— O que é que você considera “uma mulher bonita”?

Galante e até mesmo um pouco anacrônico, o rapaz respondeu:

— Uma mulher como você...

Não pude deixar de considerá-lo cavalheiro mas, ao mesmo tempo, achei-o um pouco pobre no que diz respeito à definição.

E, por favor, não se veja aí, nessa minha crítica, uma manifestação baixa, qualquer que seja, de inveja...

Imaginava que um homem que tivesse sido capaz de atrair uma mulher como aquela, não teria o direito de ser tão lacônico, tão pouco objetivo e preciso na resposta a uma pergunta desse tipo.

Vi-me, de repente, sorrindo com tristeza, de mim mesmo.

Se sou capaz de me julgar capacitado à crítica, essa capacidade se deve apenas à idade... O que tenho, no fundo, não passa daquele ciúme nostálgico que bem pode ser explicado como "inveja da juventude"...

A mulher, mais objetiva e bastante exigente, mostrando talvez concordar comigo na maneira de pensar, não se contentou com aquela resposta e reclamou:

— Você não disse nada. Não respondeu à minha pergunta.

Muito mais esperto do que eu poderia imaginar, o rapaz tomou um gole de cerveja, comeu uma batata, ofereceu outra para a mulher e voltou a atacar seu copo, deixando o assunto tombar por terra.

Estava decidido a não responder, a não se comprometer...

Talvez — e muito provavelmente — estivesse decidido a não deixar transparecer o oco interior de seu crânio.

Tomei, por minha vez, um gole de uísque e, acendendo meu cachimbo, pensei:

— *Ele jamais responderia, minha cara... Creio que lhe falta massa cinzenta para tanto...*

Ergui os olhos enquanto soprava a fumaça do cachimbo para o teto e vi que a mulher estava com o rosto voltado para mim.

Estranhamente encabulado, baixei o olhar, enquanto pensava:

— *Pois bem, linda mulher... Já que seu companheiro parece mesmo não ter condições interiores de satisfazer sua curiosidade, vou procurar fazê-lo. Em primeiro lugar, não pense você que a presença destes cabelos brancos e destas rugas que maldosamente já começam a me circundar os olhos e a tornar mais duro o meu sorriso, sejam motivos suficientes para você me classificar de "velho". Posso ser mais idoso que você e seu companheiro juntos, mas ainda falta muito para que eu me considere velho e ultrapassado. No fundo, esses anos todos que já vivi, no mínimo serviram para que certos conceitos meus sejam um bocado diferentes da média, sejam talvez muito subjetivos e até difíceis de explicar mas, pode acreditar, mulher bonita, são conceitos trabalhados, vivenciados e muito analisados... Conceitos que, pelo menos, me satisfazem e que, no que diz respeito à beleza feminina, pode ser que a satisfaçam também. Certa vez, ouvi um desses filósofos de bar dizer que o belo na mulher é exatamente aquilo que se contrapõe ao feio do homem. Talvez seja esta uma boa maneira de entender como e por quê mulheres tão bonitas se casam com homens tão feios... e vice-versa. Mas, em minha opinião, são balelas, ginásticas mentais e palavrório inútil. Uma mulher é bela por que... É simplesmente bela. Ao lado da parte física, a matéria harmoniosamente constituída, as linhas e curvas esteticamente bem equilibradas, há algo mais, há qualquer coisa que faz com que o homem que a vê sinta, de repente, um enlevo todo especial e a deseje... Sim, ele pode desejá-la e de muitas maneiras. Talvez até mesmo como eu a estou*

desejando agora, sem nem sequer pensar em qualquer coisa que seja diferente de um platonismo até fora de moda. É esse algo mais, essa aura que circunda a mulher que é bela, que é capaz de fazer com que uma criança — esse serzinho que ainda não tem maldade em sua alma, que não tem malícia alguma em seu coração e não possui qualquer idéia carnal em sua mente — a veja e diga, com um sorriso encabulado: — Você é bonita... Seria, essa aura, uma expressão ectoplásmica da bondade? Não sei... Não sei definir muito bem o que possa ser a bondade feminina. Seria a capacidade de se entregar ao amor, de se dedicar ao homem que ama, de se desdobrar como diz Raimundo Corrêa, “desfiando fibra por fibra o coração” em relação a seus filhos? Ou seria a bondade apenas o fato de ser cordata, dócil, simpática e sempre pronta a servir? Há mulheres belas que não são assim... Têm sua vida própria, seu brilho próprio, independem de todo e qualquer homem, não querem saber de filhos — estes atrapalhariam seus objetivos — e nem por isso deixam de ser belas, nem por isso deixam de ser desejadas... Mas... Olhando-me interiormente, avaliando a experiência que estes cabelos brancos provam, penso se estas mulheres, belas, belíssimas, maravilhosas e atraentes, mulheres por quem um homem seria capaz de cometer as maiores loucuras, penso se elas continuarão merecedoras de toda essa devoção... dentro de trinta anos. Sim. Dentro de trinta anos, quando a chamada “idade madura” chegar, com o grisalho nos cabelos, as juntas já um tanto rígidas, a disposição para tudo bem arrefecida, a vida marcada por desencontros e desencantos, por decepções e frustrações, será que essas mulheres continuarão belas? Ou será que em seus rostos, já então vincados, não estará mais presente do que qualquer outra coisa, o amargor decorrente de tudo o que foi vivido, de tudo quanto foi passado, sofrido e, sobretudo, de todos os momentos perdidos na perseguição de um ideal, de uma meta que, fundamentalmente, não era a sua? Veja, bela mulher... Sim, pois você é bela, pelo menos ainda... Continue assim como a vejo, olhando com carinho para esse bobalhão que está à sua frente... Continue a ser como é, fazendo perguntas de menina e agindo como mulher. Talvez seja esse o segredo... Tenha suas metas, persiga-as. Alcance-as. Realize seus sonhos materiais, profissionais, financeiros. Conquiste seu lugar na cruel sociedade, seja alguém, vença! Se é que ainda não é uma vencedora, posso imaginá-la como se fosse, tão bela você é! Mas, para que continue a ser bela, para que até mesmo esse apolônico imbecil que a tem hoje, continue a seus pés, é preciso apenas uma coisa: é preciso que você jamais deixe de ser, simplesmente, mulher...

Puxei outra baforada do cachimbo, tomei mais um gole de uísque e ri de mim mesmo.

Ora, vejam só...

Eu, filosofando, solitário, numa mesa de bar!

Meneei a cabeça negativamente e pensei:

— Já estou bêbado ou, então, é a loucura que começa a se manifestar...

Ergui novamente os olhos e pareceu-me ver que a mulher sorria para mim.

Senti o coração fugir do compasso e ela se levantou.

Por um momento, passou por minha mente a idéia imbecil que ela viria à minha mesa...

Mas, é claro que não.

Ela se dirigiu ao *toilette* e eu acompanhei-a com o olhar e com a imaginação...

Sacudi a cabeça tentando inutilmente afastar os pensamentos terríveis que começavam a se formar dentro dela, e vi que a mulher já voltava para a mesa.

Porém, ao invés de vir diretamente, ela parou por um instante junto ao *barman*, apanhou um copo de uma bebida azulada — provavelmente, à base de *Curaçao* — e só então voltou para junto de seu companheiro.

Percebi muito bem que ao sentar, ela lançou um olhar em minha direção e sorriu.

Sim!

Ela sorria para mim!

Mas...

Depois disso, por mais que eu a olhasse, por mais que forçasse a minha mente a lhe enviar por telepatia uma declaração de amor, ela não mais me beneficiou com a mais rápida e fugaz olhadela.

Aliás, não a vi sorrir mais, a não ser no momento em que um desses *paparazzi* que ganham a vida fotografando casais — nem sempre oficiais — nos restaurantes e boates, surgiu para tirar uma fotografia.

Era um *paparazzi* meio mambembe, nem sequer dispunha de uma máquina *polaroid*, usava uma câmara comum e, depois de receber a importância cobrada pela fotografia, deixou com o homem, um cartão, dizendo que a foto estaria revelada no dia seguinte.

Ouvi-a dizer ao seu acompanhante que já se fazia tarde, que ela precisava ir embora.

O homem se levantou, dizendo que ia pedir que lhe trouxessem o automóvel, mas ela falou, clara e nitidamente:

— Não é necessário. Tomarei um táxi, vou para a casa de uma amiga...

Ele ainda insistiu um pouco — na verdade, pouco demais, no meu entender — mas ela, com determinação, falou:

— Não. Tomarei um táxi. Muito obrigada.

Ela saiu, seu acompanhante ainda tomou mais uma cerveja e, depois de pagar a conta, saiu também.

E eu fiquei.

Fiquei tentando sentir, na atmosfera carregada de fumaça e cheia de barulhos, o perfume que se desprendera dela no instante em que saiu da mesa e passou muito perto de mim, caminhando para a porta.

Suspirei.

Pedi, finalmente a conta e o garçom, com um sorriso carregado de malícia, entregou-me um bilhete, dizendo:

— Aquela moça que estava sentada na mesa diante da do senhor, pediu-me que lhe entregasse isto...

.x.x.x.

Hoje em dia, é relativamente comum, nos bares e restaurantes, os homens — solitários ou não, por incrível que possa parecer mas freudianamente explicável — enviarem *torpedos* para mulheres — solitárias ou não, por mais incrível ainda que

isso seja, mas que, da mesma maneira, Freud também explica muito bem — convidando-as para *programas* ou simplesmente elogiando-as, claro, com enésimas e muito bem definidas intenções.

Porém, ali no *Pandoro*, um restaurante bastante tradicionalista e sóbrio, o *torpedeamento* não era — e não é — uma prática muito corriqueira.

E, menos ainda, partindo de uma mulher para um homem...

Especificamente naquele caso, parecia ser ainda mais impossível, pois a mulher em questão era belíssima, estava acompanhada e eu...

Ora, eu...

Sou um escritor, um pobre escritor pobre, sem qualquer chance de me tornar um Sidney Sheldon ou Harold Robbins, com contratos biliardários, mesmo porque estou no Brasil, um país onde as estatísticas referentes à leitura e à publicação de livros genuinamente brasileiros toca as raias do absurdo, são equivalentes às dos países menos desenvolvidos da África...

O que serve bem para provar que ainda estamos e estaremos por muito tempo no Terceiro Mundo.

Mas, dizia eu que sou um pobre escritor pobre — leia-se brasileiro — já com as cãs muito mais nítidas do que gostaria que fossem, convencido e conformado com a idéia de que já passei há muito de minha melhor forma física.

Resumindo: nada de apolônico existe em mim e, quanto à única parte que poderia interessar quem quer que fosse, ou seja, a parte intelectual, justamente esta, ela não teve a menor oportunidade de observar, visto que estava em uma mesa diferente da minha e eu permaneci o tempo todo sozinho, apenas pensando.

Portanto, aquela mulher não tinha tido nem mesmo a oportunidade de escutar a minha conversa *por tabela*...

No entanto, ali estava o *torpedo* que ela rabiscara, com uma letra tão bonita quanto ela mesma, em um guardanapo de papel.

Estava escrito:

Concordo com você. Tudo quanto você acha sobre a beleza de uma mulher, é exatamente o que penso. Mas, responda-me: como é possível ser bela e ser feliz se não há a menor possibilidade de sentir o tempo passar ao lado da pessoa que se ama? Quando, daqui a trinta anos, se está da mesma maneira, sem se ter envelhecido um segundo sequer, se o tempo não pode deixar marcas? Os poetas e os românticos, quando dizem que gostariam de viver um amor eternamente, não pensam no quanto é grave e triste viver unilateralmente por toda a eternidade. Ver a pessoa amada fenecer, saber de sua própria impotência para fazer qualquer coisa no sentido de frear a ação do tempo para ela, saber que o tempo está parado para você... Talvez não exista angústia maior. Ou, talvez exista: a de ter a eternidade para realizar um trabalho e, ao mesmo tempo, não dispor de um só segundo para poder realmente amar...

E o bilhete estava assinado, com uma letra bem nítida: *Soraya*.

.x.x.x.

Se, naquela noite, eu já tinha sentido meu coração bater descompassadamente pelo menos por uma vez, no instante em que li o *torpedo*, tive a impressão de que ele me iria sair pela boca.

Soraya!

E falava sobre amor e imortalidade!

Não havia a menor dúvida de que era a mesma mulher que aparecera como cigana para o Azevedo e para o Bueno!

Mas...

Por que aparecera para eles? E porque, como uma cigana?

E, mais importante pelo menos para mim, por que estivera ali, diante de meus olhos, por que se dirigira a mim em um bilhete tão íntimo?

E por que, meu Deus, por que eu estava me sentindo daquela maneira, como um adolescente que estivera ao lado da mulher amada, de um amor impossível, sem a menor coragem de lhe declarar seus sentimentos?!

Olhei, mais uma vez, para o bilhete, na esperança de ver ali um número de telefone, um endereço, uma indicação qualquer que me permitisse localizá-la.

Mas, nada havia.

Havia apenas aquelas palavras e nada mais...

Nenhuma pista, por mais tênue que pudesse ser.

— Tenho de encontrá-la! — exclamei em voz alta.

O garçom, que passava por minha mesa naquele instante, perguntou:

— Senhor...?

Um pouco encabulado, procurei disfarçar minha explosão mental, pedindo-lhe que me trouxesse mais um uísque.

— Pois não, senhor — falou ele, sorrindo — E será por conta da casa... Sua conta já está fechada e o senhor bem merece uma dose extra.

Olhou para mim, matreiro, e disse, baixando a voz:

— E tenho a impressão de que está precisando muito dessa dose...

O bom homem, meu conhecido de há muito tempo e de muitas garrafas de uísque, estava coberto de razão...

Enquanto ele vinha trazendo minha bebida, não pude deixar de recordar de uma vez que lá estivera, também sozinho, tomando um inocente uisquinho de depois do expediente.

Era um fim de tarde de verão, a temperatura era deliciosa, tudo estava bonito e o sol, já prestes a morrer lá para os lados do Morumbi, emprestava cores românticas à crueza da megalópole.

Mal tinha começado a saborear minha bebida, quando ela apareceu.

Olhou com intensidade para mim, aproximou-se da mesa em que eu estava e perguntou, um tanto quanto sem jeito:

— Desculpe... Você não é o Sérgio, casado com a...

Ela franziu as sobrancelhas, apertou um pouco os olhos e sorriu, sem jeito, depois de um inútil esforço para se lembrar daquele nome.

Fui em seu auxílio:

— Sim... Mas não se preocupe. Já não estou mais casado com ela há muito tempo.

— Você não está lembrando de mim...

O tom de voz era queixoso, sua fisionomia denunciava tristeza e uma profunda decepção.

Afinal, não era nada elegante eu não a reconhecer.

Mas, ela estava enganada.

Era mais do que evidente que eu me lembrava dela, como poderia me esquecer?

Só que...

Os anos tinham passado, lentos ou rápidos, isso não importa, o fato é que eles tinham passado inexoráveis e cruéis para nós dois.

Ela estava bem diferente.

Seus olhos, é verdade, ainda conservavam aquele mesmo brilho de antes, seu sorriso ainda mantinha aquele ar de desafio, seus lábios continuavam carnudos e sensuais, lábios sinceros que me recordavam muitos e muitos beijos...

É certo que havia algumas marcas do tempo...

Rugas discretas nos cantos dos olhos, alguns vincos na testa e as pálpebras um pouco mais pesadas falavam claramente dos momentos ruins que lhe tinham acontecido.

Momentos em que ela talvez não tivesse tido um ombro para encostar a fronte e derramar algumas lágrimas aliviadoras enquanto ouvia palavras macias de reconforto.

Momentos que eu certamente teria gostado de viver com ela, de ter estado presente...

Não.

Eu jamais poderia esquecê-la...

— Sente-se — convidei — Tome um drinque comigo... Ficarei feliz relembrando os velhos tempos.

Ela sorriu, hesitou por um breve instante e, com um gesto que quase me pareceu ser de renúncia, aceitou.

— Pode ser uma boa idéia — disse — Talvez assim você refresque um pouco a sua memória...

E, antes que eu pudesse protestar, antes que eu tivesse oportunidade de lhe dizer que não seria preciso nenhuma espécie de manobra para fazer ressuscitar dentro de mim aqueles sentimentos que há tanto tempo estavam dormentes, ela completou:

— Vamos ver se você lembra mesmo... Quero tomar o meu drinque de sempre.

Sorri, vitorioso.

Chamei o garçom e pedi que trouxesse mais um uísque para mim e um *Margarita* para ela.

Notei um lampejo de satisfação em seu olhar e, vendo que ela apanhava um cigarro, apressei-me em acendê-lo.

Como antes, ela o pôs no canto da boca, tragou uma baforada generosa e olhou para mim.

Sim.

Ela ainda era muito bonita...

A juventude passara, aquele frescor dos vinte anos desaparecera e naquele rosto que outrora contava, ainda que em silêncio, todos os sonhos e todo o anseio

pela vida, havia uma maturidade que, ao mesmo tempo que me surpreendia, também me deixava triste, consciente que ficava de que, se ela mudara, o que teria acontecido comigo?

Ela, por acaso, não manifestara uma certa dúvida ao se aproximar? Não perguntara, insegura de suas palavras, de sua memória, se eu era o Sérgio?

O Sérgio, aquele mesmo Sérgio que quase um século atrás — pelo menos era o que parecia — a tivera em seus braços, a beijara sem se preocupar com as lágrimas que lhe escorriam pelas faces, em um adeus?

Um adeus sem sentido e, por isso mesmo, muito mais doloroso?

Aquele mesmo Sérgio que a amara, que lhe jurara fidelidade, que dissera coisas, que prometera tudo e, no fim...

Os anos passaram, o tempo deixara marcas, cicatrizes terríveis, lembranças amargas que se sobrepuseram às doces, apagando-as...

— Você não mudou — falou ela, sem que eu conseguisse perceber se havia ou não algum sarcasmo em sua frase.

Sorriu e arrematou, cantarolando a velha música:

— “Você está bem, disposto...”

— “Também sofri...” — respondi no mesmo tom.

— “Mas não se vê no rosto...” — continuou ela.

Não era verdade.

Podia constatar isso todos os dias pela manhã, sem que ninguém precisasse dizer coisa nenhuma. Bastava-me ver a imagem que o espelho devolvia, não tinha necessidade de mais do que apenas ver os cabelos brancos que surgiam, cada vez mais numerosos em minhas têmporas, as rugas que faziam meu rosto mais amargo, mais triste, menos esperançoso...

— Também me separei — murmurou.

Eu não queria, mas senti uma pontada no coração.

Esperava que ela me dissesse que sua vida estava indo bem, que estava feliz e realizada, que se encontrara afinal, a despeito de tudo.

Mas não...

Ela também sofrera com uma ruptura, ela também sofrera por causa de uma separação.

E depois...

O retorno à eterna busca...

Teria tido sorte, por fim? Teria encontrado a outra metade, o complemento certo para a felicidade?

Ou teria acontecido com ela o mesmo que me acontecera?

Talvez...

Se eu não tivesse sido tão medroso e egoísta, anos atrás...

— Eu o procurei — falou ela, em voz baixa — Deus sabe como o procurei!

— Estive fora — repliquei quase em um sussurro — Nos Estados Unidos... Não poderia ter adivinhado.

— Precisei de um amigo — prosseguiu ela, como se não me tivesse escutado — Fiquei desesperada, à beira de um colapso nervoso.

Seus olhos me recriminaram enquanto ela dizia:

— Se o tivesse encontrado, acho que as coisas teriam sido mais fáceis...

Já eu não tinha tanta certeza assim.

Pelo que ela estava me contando, sua separação coincidira com a minha e, naquela ocasião eu não tivera forças nem para mim mesmo, como poderia tê-la apoiado? Como poderia ter servido de esteio para quem quer que fosse?

Olhei suas mãos.

Continuavam finas, bonitas, delicadas...

Claro que a pele já estava um pouco mais frouxa, já se notavam aquelas manchas traçoeiras que os médicos chamam pomposamente de “manchas hiperocrômicas” e que o leigo, muito mais sábio, classifica de “manchas da velhice”...

Mas eram as mesmas mãos...

As mãos que deslizaram pelo teclado do piano em minha casa e que, muitas e muitas vezes, me acariciaram os cabelos, me exploraram o corpo em carinhos alucinantes, transportando-me para um universo de felicidade inigualável...

Ela terminou seu drinque, fitou-me, olhou em seguida para o relógio e disse:

— Tenho um compromisso importante... Preciso ir embora.

Levantou-se e eu a imitei.

Aproximou-se de mim, beijou-me as faces fazendo-me sentir o mesmo calor de antigamente ao contato com sua pele, e falou:

— Vamos nos encontrar amanhã, está bem? Acho que será ótimo para nós dois, revivermos aqueles instantes tão bons que já tivemos.

Disso eu tinha certeza.

— Ainda moro no mesmo lugar... Lembra onde é? Tem o telefone?

Não esperou que eu respondesse.

Era mais do que evidente que eu tinha a obrigação de ter o seu número de telefone, seu endereço, uma maneira qualquer de encontrá-la.

Beijou-me mais uma vez, desta feita sobre meus lábios e se afastou.

Eu fiquei ali, de pé, ao lado daquela mesa no *Pandoro*, vendo-a passar por entre as outras mesas e ganhar a rua.

Ainda sentia o gosto de seu beijo quando sentei novamente e pedi ao garçom que me trouxesse um uísque duplo.

Era o adeus...

O adeus definitivo, o fim de tudo.

Não haveria encontro algum no dia seguinte e, era lógico, nunca mais nos veríamos.

O garçom trouxe a bebida e, enquanto eu entornava o seu conteúdo garganta abaixo desejando que fosse um copo do mais potente raticida, pensei:

— Meu Deus... Porque a pusestes em meu caminho logo hoje? E como é que eu vou fazer para lembrar seu endereço, se nem sequer consigo me lembrar de seu nome?!

Olhei para o fundo do copo já vazio.

Não...

A resposta a essa terrível e avassaladora pergunta não estava ali.

Chamei novamente o garçom.

Talvez no fundo de um outro copo... Talvez ainda não estivesse tudo perdido. Afinal, eu me lembrara de tantas coisas relacionadas a ela... Quem sabe, com uma ajudazinha...

Quem poderia garantir que ela não voltaria?

E quem poderia dizer que seu nome não me viria à mente junto com os vapores do uísque?

— Mais alguma coisa, Doutor Sérgio? — indagou, solícito, o garçom.

Sim, eu queria mais alguma coisa...

Queria que ela voltasse, queria vê-la mais uma vez... Queria ter tido pelo menos mais uma chance de lembrar seu nome.

Mas era impossível...

Teria de me conformar, teria de me convencer que, simplesmente, o tempo passara e enterrara o passado, apagando-o, transformando-o apenas em uma sombra enfumaçada onde as recordações se misturavam sem qualquer ligação entre si...

— Mais um duplo — pedi.

E, esforçando-me para mostrar firmeza na voz, finalizei:

— Um uísque duplo e, por favor... Uma dose, ainda que pequena, de esperança...

.x.x.x.

Havia alguns pontos de semelhança entre o que acontecera havia já alguns anos e o ocorrido naquela noite: o restaurante era o mesmo, não havia como localizar a mulher, eu pedira um uísque para tentar, ao menos, retemperar os nervos.

Não havia como localizar a mulher!

Essa evidência estava começando a me deixar desesperado.

O garçom entregou-me o uísque e eu lhe perguntei, com ansiosa esperança:

— Você a conhece?

Ele balançou a cabeça negativamente, respondendo:

— Não. É a primeira vez que ela vem aqui. E tampouco conheço o cavalheiro que a acompanhava. Nunca o vi antes.

Olhou parado para mim por um instante e, abrindo um sorriso, exclamou:

— Mas acho que sei como o senhor poderá localizá-lo!

Bem...

Com certeza não seria o caminho ideal para chegar à minha musa...

Um homem tentar localizar uma mulher através do indivíduo que a estava acompanhando em um restaurante...

Mas...

Por menor e mais amalucada que fosse, não deixava de ser uma esperança e, como tal, não poderia ser desprezada.

— O pessoal do estacionamento deve ter o número da matrícula do automóvel... Se o senhor lembrar a marca e, com um pouco de sorte...

E disso, eu me lembrava!

Vira o automóvel estacionar, e vi muito bem que era um *Vectra*, novinho.

— Era um *Vectra* — falei — Grafite.

O garçom fez um sinal afirmativo com a cabeça e se afastou.

Dez minutos depois, ele reaparecia, trazendo uma lista com três números de placas de automóveis.

— Entraram outros *Vectras* no estacionamento — falou ele, com um sorriso vitorioso — Mas apenas estes três merecem ser pesquisados. Os outros entraram muito antes ou bem depois que o casal em questão chegou. E dois outros pertencem a fregueses conhecidos, portanto, estão fora de nossa lista.

Excitado, cheio de esperanças, deixei uma nota mais graúda nas mãos do garçom em agradecimento pelo favor que me prestara e saí do restaurante, pensando seriamente em ir a uma delegacia de polícia e pedir um alerta vermelho contra aqueles três carros. No mínimo, haveria de conseguir pesquisar sobre aquelas matrículas através do computador que qualquer delegacia um pouco maior possui, permanentemente conectado ao computador do DETRAN.

Porém, eu estava me esquecendo que estamos no Brasil e não nos Estados Unidos ou na Inglaterra...

O computador existia, em três delegacias em que fui mas...

Estavam fora de operação.

Na quarta, o funcionário de plantão se recusou a se levantar da cadeira em que estava sentado, alegando que não poderia deixar sozinho o balcão de informações e o computador ficava lá dentro, ao lado da sala do delegado.

— Pela manhã o senhor volta e nós lhe daremos as informações que quiser — disse ele, encerrando a conversa.

Não me restou outro remédio senão aceitar, engolir a má vontade do policial, e voltar para casa, cabisbaixo, pensando seriamente em aceitar um certo convite que uma editora norte-americana me fizera para ir escrever no Wyoming...

CAPÍTULO VII

Não é preciso dizer que passei uma madrugada de cão.

Nada me bastava, não encontrava posição na cama, não encontrava sossego, não achava o sono que, no meu entender, seria meu único salvador.

Dormindo, talvez não pensasse, talvez não lembrasse daquele rosto, daqueles olhos, daquela boca, daquelas curvas...

Daquela mulhaer...

De Soraya.

Contudo, a insônia muitas vezes tem seus benefícios e, naquela noite, pude constatar o quanto isso é verdadeiro, dando razão àqueles malucos que costumam dizer que dormir é perda de tempo pois enquanto se dorme, deixa-se de ter, no mínimo, idéias geniais.

Perto de quatro e meia da manhã, tentando rememorar todos os acontecimentos da noite, desde as histórias que tinham sido contadas pelo Azevedo e pelo Bueno, até o momento em que Soraya deixara o *Pandoro*, lembrei-me de um detahe dos mais importantes: havia o *paparazzi!* E ele fotografara Soraya!

Através da fotografia, eu poderia comprovar com o Bueno e com o Azevedo, se ela era a mesma pessoa e, uma vez isso feito, poderia começar a procurar por ela, nem que tivesse de vasculhar todos os acampamentos ciganos do país!

Sim...

Eu estava decidido a encontrá-la, pelo menos para vê-la mais uma vez, no mínimo para perguntar-lhe porque tinha escolhido a nós três, porque tinha me enviado aquele *torpedo*.

Porém, como localizar o maldito *paparazzi?*

Não precisei gastar muito fofato para lembrar que o Carlos, por ser jornalista, por ser o editor de uma revista com fortes tendências para as ditas *fofocas sociais*, poderia muito bem saber de um meio de se encontrar o fotógrafo que estivera na noite da véspera, lá no *Pandoro*. E isso, sem contar que ele poderia muito bem localizar o dono do *Vectra* grafite que chegara ao restaurante com a minha deusa. Afinal, jornalistas são bons nessas coisas, são formidáveis quando se tem de investigar algo que é, digamos, um pouco fora do comum.

Claro...

Sei que todos vão dizer que eu deveria pedir ajuda aos órgãos públicos de investigação, em primeiro lugar. O DETRAN, por exemplo.

Mas, as experiências que eu tivera antes de ir para casa, andando como um palhaço de uma delegacia à outra, já me tinham sido bastantes. Se fosse necessário

trilhar esse caminho, haveria de fazê-lo usando outros veículos. Usando o prestígio de Carlos, por exemplo, pois policiais normalmente têm um certo receio do que um jornalista possa dizer a seu respeito nas páginas impressas de um jornal ou de uma revista...

A cidade ainda não estava completamente desperta quando liguei para o Carlos. E muito menos, ele próprio.

Atendeu o telefone com voz de sono e não conteve um palavrão quando percebeu que era eu quem o chamava.

— Mas, seu merda! — exclamou — O que raios você quer de mim a esta hora da madrugada?!

— Preciso de ajuda, parceiro — respondi — E é extremamente urgente!

Houve uma pequena pausa do outro lado da linha e, depois de bocejar ruidosamente, Carlos perguntou:

— O que aconteceu? Está preso e não consegue falar com o Bueno?

— Não se trata disso — respondi, com impaciência — E não dá para explicar coisa nenhuma pelo telefone, ainda mais para alguém que ainda está dormindo em pé!

— O que é que você queria, às cinco e meia da manhã? — fez ele, em tom de protesto — Você, por acaso, imaginou que iria me encontrar acordado e lépido, banho tomado e esperando ansiosamente o relógio chegar às nove e meia para ir ao trabalho?

Fiz de conta que nem tinha escutado suas palavras e avisei:

— Estou indo para sua casa. Faça-me o favor de mandar embora as vagabundas que carregou para a cama ontem à noite e avise o porteiro do prédio que estou chegando.

— Não tenho vagabunda nenhuma aqui dentro — resmungou ele — E vou dizer para o porteiro fazê-lo esperar até nove e meia da manhã, que esse sim, é um horário de gente civilizada e não cinco e meia da madrugada, hora de retireiros ou de roceiros, mas jamais horário de um intelectual acordar...!

.X.X.X.

Constatei mais uma vez que, entre os jornalistas, a curiosidade é muito mais forte que muitos outros sentimentos...

É mais forte até mesmo que a libido pois, enquanto estava sentado na sala do apartamento de Carlos, ouvi nitidamente a voz de meu amigo dizendo um *agora não, benzinho, tenho de ver o que esse chato do Sérgio está querendo*, percebi o tom de protesto na contestação da voz feminina que vinha do quarto de dormir e, logo em seguida a porta se abriu e apareceu Carlos, mal-embrulhado em um *robe-de-chambre*.

— Você não dorme? — indagou ele — Será que não consegue arranjar uma mulher para lhe embalar as primeiras horas da manhã e, assim, deixar sossegados os amigos?

Abriu a porta da cozinha e, com um gesto de cabeça, convidou-me a entrar.

— Vamos fazer café — disse ele — Enquanto a água ferve, você poderá contar a sua história.

E, com um tom ameaçador, acrescentou:

— E é bom que seja uma boa história, meu amigo... Algo que justifique ter me tirado da cama e dos braços da Vandinha a esta hora da manhã...!

— A história é ótima — falei — E você saberá dela com detalhes...

Olhei para meu amigo enquanto ele acendia o fogo e juntei:

— Mas, só depois que eu tiver conseguido montar todo o quebra-cabeças...

Carlos voltou o rosto para mim e perguntou, espantado:

— Quer dizer que não vai me contar nada?

— Vou — respondi — Mas não agora.

Semicerrando os olhos, ele rosnou:

— E o que quer de mim? Apenas me acordar antes da hora? Ou será possível que esteja com inveja por eu estar tão bem acompanhado e...

Balancei a cabeça negativamente e falei:

— Não se trata de nada disso, meu amigo... Lembra-se que eu disse que estava precisando de ajuda?

Carlos resmungou alguma coisa que me pareceu uma confirmação e eu prossegui:

— Pois eu preciso que você me ajude a encontrar os proprietários destes carros.

Entreguei-lhe a lista que o garçom tinha me dado lá no *Pandoro* e, enquanto Carlos procurava ler os números das placas, acrescentei:

— E preciso que você me ajude a encontrar o *paparazzi* que estava trabalhando ontem à noite no *Pandoro*.

O jornalista fez um sinal afirmativo com a cabeça e, olhando fixamente para mim, disse:

— Está certo, Sérgio... Farei o possível. Mas, em compensação...

Eu já sabia o que ele estava querendo.

Seria absolutamente impossível esconder de Carlos por mais tempo, a história de Soraya.

Ele seria bem capaz de se recusar a atender aos meus pedidos e assim, puxando uma cadeira, sentei-me enquanto começava a falar:

— Antes de mais nada, prometa-me que vai acreditar em minhas palavras...

— Prometo — fez ele, já esboçando um sorriso malicioso — Desde que não seja nenhum absurdo como os que ouvimos ontem!

— É um absurdo ainda maior — disse eu.

Diante da expressão abobalhada que ele fez, eu passei a contar:

— Ontem, depois que vocês saíram do restaurante...

.x.x.x.

Durante quase três horas, conversei com Carlos, contando-lhe com os mínimos detalhes tudo quanto acontecera no *Pandoro*, depois que ele tinha ido levar o resto da turma para casa.

Não omiti nada e, como prova do que dissera, como maneira de convencê-lo de que não estava mentindo, mostrei-lhe o bilhete assinado por Soraya.

— É por isso que eu quero reencontrá-la, Carlos — falei, ao terminar minha narrativa — Só pode ser a cigana de que o Azevedo e o Bueno falaram! Não é possível que seja outra pessoa!

Carlos sorriu.

Olhando de soslaio para mim, ele disse:

— Pois acho que isso está me cheirando a golpe...

Arregalei os olhos surpreso com aquela frase e, antes que pudesse protestar, ele continuou:

— Estou achando muita coincidência em tudo... A sua descrição é a mesma que tanto Azevedo quanto Bueno, fizeram da tal cigana. Só as roupas é que mudam. O que está escrito neste bilhete coincide com a essência do que o Azevedo contou. Pelo menos, dá para fazer uma ligação entre os dois casos...

Meneando a cabeça em sinal de dúvida, o jornalista concluiu:

— Tenho a impressão que vocês três estão combinados... E estão tentando me aprontar alguma brincadeira! Estão querendo que eu me jogue de olhos fechados em uma investigação, em uma reportagem que poderia ser uma das maiores bombas de todos os tempos... E, depois que eu tivesse perdido bastante tempo, vocês me diriam que tudo não passara de molecagem...

— Mas não! — protestei, veemente — Não é nada disso! Eu jamais faria uma brincadeira dessas com você!

La abrindo a boca para dizer mais coisas, para argumentar melhor mas, nesse exato instante, o telefone tocou.

Carlos atendeu e logo passou o aparelho para mim, dizendo:

— É para você...

E, com um sorriso malicioso, erguendo a extensão para indiscretamente ouvir a conversa, juntou:

— É uma mulher, escritor... Uma mulher!

Empalideci.

Antes mesmo de levar o fone ao ouvido, eu já sabia que era ela...

— Alô, Sérgio? — perguntou a voz cristalina de Soraya.

— S-sim... — balbuciei.

— Estou ligando apenas para lhe dizer que as grandes vitórias são sempre as que vêm das batalhas mais difíceis...

Ela desligou em seguida e eu fiquei ali, pasmo, olhando para o telefone e para o Carlos, alternadamente, como se tivesse sido acometido de súbito por um ataque de catatonia.

Carlos estava muito sério.

Aproximou-se de mim, tomou-me o telefone da mão e pousou-o sobre o gancho, desligando-o.

— Olhe, Sérgio... — falou ele, pausada e mansamente — Eu não estava acreditando em você...

Eu sabia disso.

— Mas a sua palidez, essa tremedeira que você está tendo... — murmurou — Isso está me fazendo crer em suas palavras, sabia?

Deu uma risadinha meio sem jeito e disse, à guisa de explicação:

— Afinal, eu o conheço bastante bem... E sei que você não leva o menor jeito para ser ator!

.X.X.X.

Cerca de dez e meia da manhã, Carlos já tinha entrado em contato com alguns de seus conhecidos na Polícia e tinha descoberto que aquele *Vectra* era um carro de uma locadora de veículos e que tinha sido alugado para um certo senhor Mário Gutierrez, do Rio de Janeiro, de passagem por São Paulo. Menos de quinze minutos mais tarde, ele já sabia que o tal Mário tinha embarcado para a Alemanha no vôo das sete horas da manhã.

— Praga! — exclamei, revoltado — Fomos esbarrar logo com um viajante! Há cento e cinquenta milhões de pessoas no país, apenas dois ou três por cento viajam para a Alemanha e logo esse maldito Mário, tinha de estar justamente entre essas pessoas!

— Por aí, não chegaremos a lugar nenhum — disse Carlos — Vamos ver o nosso amigo *paparazzi*...

Não foi muito complicado descobrir quem era ele.

Para um homem como Carlos, que editava uma revista em que a maior parte das páginas — e conseqüentemente, da receita da revista — era de *fofocas* da sociedade, os *paparazzi* eram peças muitíssimo importantes. Afinal de contas, eram eles que andavam pela noite, flagrando casais não-oficiais, atitudes suspeitas de pessoas famosas e cenas no mínimo insólitas em que os protagonistas principais eram personalidades. E esses *paparazzi*, profissionais do chamado *jornalismo maldito*, costumavam vender as fotografias que tiravam para os editores de revistas da linha da de Carlos.

Revistas que procuravam ganhar dinheiro de qualquer maneira, ou seja, publicando uma determinada fotografia a troco de uma certa importância ou, exatamente o contrário, quer dizer, cobrando para não publicar ou comentar certos acontecimentos.

Assim, Carlos possuía em seu computador, uma extensíssima relação de fotógrafos da noite...

Não foi, portanto, muito complicado entrar em contato com meia dúzia deles até que ele chegasse à conclusão que o *paparazzi* que fotografara aquele casal, na véspera, era um tal de Francisco Britto, mais conhecido por Kiko, e que tinha o seu estúdio em uma das travessas da Rua Augusta.

— O Kiko é até ciumento dos clientes do *Pandoro* — explicou um seu colega, para quem Carlos tinha ligado — Ele chega a brigar com os colegas que se arriscam a fotografar por lá!

— Isso quer dizer que não há a menor possibilidade de haver um outro fotógrafo que tenha estado no *Pandoro* ontem à noite? — insistiu Carlos.

— Nenhuma — garantiu seu interlocutor — Sou capaz de apostar trinta anos de minha vida...

Rindo e dizendo-lhe que não gostaria de vê-lo morto já no dia seguinte, uma vez que a maneira como aquele seu amigo gostava de desperdiçar a própria saúde em álcool e outras coisas mais perigosas, Carlos desligou o telefone e me perguntou:

— E então? O que pretende fazer agora?

Era o nosso homem, não restava a menor dúvida.

— Vamos lá! — exclamei, entusiasmado — Nem vamos telefonar, que é para não assustá-lo... Vamos diretamente ao seu atelier!

Carlos concordou comigo.

Se mostrássemos muita ansiedade por aquela fotografia, no mínimo o homem cobraria uma verdadeira fortuna para nos entregar o retrato... Isso, se entregasse, se nos vendesse o seu trabalho e não ficasse com medo de se ver envolvido como, por exemplo, testemunha de um adultério e simplesmente se recusasse a nos fornecer a fotografia.

CAPÍTULO VIII

O atelier de Kiko, na Alameda Lorena, era uma casa velha, assobradada, estreita e comprida, o que fazia com que um cômodo se sucedesse ao outro, sem muitas possibilidades de funcionalidade. Assim, a primeira sala, destinada a ser uma sala de espera, comunicava-se por uma porta com o estúdio onde Kiko executava fotografias principalmente para empresas de publicidade, e esta, por sua vez, comunicava-se com a antiga cozinha, devidamente transformada em laboratório.

Foi para lá que o fotógrafo nos levou, ainda resabiado, ainda perguntando a cada duas palavras por que estávamos tão interessados naquela fotografia.

— Não faça tantas perguntas, Kiko — disse Carlos — Você deveria estar satisfeito com esse nosso interesse. O homem que estava acompanhando essa mulher, já foi embora para a Europa... Você não conseguiria, de qualquer maneira, entregar o seu trabalho...

Bateu amistosamente nas costas do *paparazzi*, acrescentando:

— E nós queremos comprar essa foto, entendeu? Será o mesmo que você vendê-la duas vezes...

Ficando muito sério, juntou:

— Desde que, evidentemente, você não queira nos explorar... Você sabe muito bem que eu não lhe daria um tostão a mais do que o valor verdadeiro de seu trabalho, não é mesmo?

Kiko resmungou alguma coisa e fechando a porta do laboratório, acendeu a luz vermelha, de proteção.

Com habilidade e competência, começou a revelar as fotografias que conseguira na véspera.

— Foi uma noite muito fraca — comentou — Tirei poucas fotografias... Não pagou o sacrifício.

Com um sorriso entristecido, murmurou:

— As coisas não estão mais como antigamente, como na década de setenta... Naquela época, eu conseguia fazer três a quatro filmes por noite! E não havia essa preocupação de precisar cobrar antecipadamente! Ninguém dava calote!

Balançou desanimadamente a cabeça e falou:

— O mundo está mudado, meus amigos... As pessoas estão muito diferentes...! Ninguém pode confiar em ninguém...!

Colocou o negativo no secador e, cinco minutos depois, já estava procedendo à ampliação da fotografia.

— Vou fazer uma ampliação simples — avisou — Se quiserem alguma coisa mais caprichada, mais sofisticada, depois de tudo pronto, é só me falar...

Mostrou-nos, por fim, o resultado de seu trabalho.

Ali estavam duas fotografias — Kiko sempre batia duas chapas, para diminuir o risco de erro — onde muito nitidamente, Soraya aparecia.

— É ela! — exclamei, excitado — Soraya!

Guardando os retratos no bolso do paletó, olhei para Carlos e falei:

— Agora, meu amigo... Vamos procurar o Azevedo e o Bueno. Quero que eles vejam estas fotos e me digam se essa mulher é ou não é a cigana que lhes apareceu!

.X.X.X.

Combinamos com o Azevedo e o Bueno para nos encontrarmos à hora do almoço no *Itamaraty*, um restaurante no centro da cidade, perto do Largo de São Francisco. Seria mais cômodo principalmente para o Bueno e, além do mais, eu andava com saudades da famosa rabada com batatas que eles serviam lá.

Os dois chegaram praticamente juntos, menos de um quarto de hora depois que Carlos e eu já lá estávamos, cada um bebericando seu uísque.

— O que é tão importante que justifique tomar uísque ainda de madrugada? — perguntou Azevedo, sentando-se ao meu lado.

E, surpreendentemente pedindo ao garçom, uma garrafa de água mineral, acrescentou:

— Do que conheço vocês dois, sei que não costumam beber nada destilado antes do anoitecer...!

Sentando-se à minha esquerda, Bueno disse, em tom escarninho:

— Então você não conhece o Sérgio... Ele é perfeitamente capaz de fechar todas as janelas da casa só para *fazer o ambiente* necessário a uma boa garrafa de *caldo escocês*...

Não achei graça na piadinha de Bueno.

Afinal de contas, há uma diferença enorme entre ser um bebedor e ser um apreciador de bebidas, um verdadeiro seguidor de Baco...

E eu me considero nesta segunda classe de pessoas. Gosto de beber, não importa a hora do dia ou da noite. É preciso, no entanto, que haja a *motivação*.

E motivos não me faltavam naquele dia...

Pedimos nossos pratos e, enquanto o garçom ia buscá-los, mostrei as fotografias para Bueno e Azevedo, entregando-as uma a cada um, ao mesmo tempo.

— Conhecem esta mulher? — perguntei.

Ambos balançaram afirmativamente a cabeça e Azevedo falou:

— Fora as roupas, ela é a cigana que me apareceu ante-ontem...

Bueno concordou.

— Não há dúvida — disse ele — É Soraya. Sem tirar nem por...

Olhando para mim, indagou:

— Esta foto foi tirada no *Pandoro*, ontem à noite?

— Sim — respondi — Mais ou menos meia hora depois que vocês deixaram o restaurante.

Peguei de volta os dois retratos, guardei-os e murmurei, quase monologando:

— Ela é simplesmente maravilhosa...

Bueno riu.

— Não venha me dizer que você se apaixonou, Sérgio! — exclamou — Um homem na sua idade não tem mais o direito de se comportar como um adolescente!

Olhei torvamente para ele e rosnei:

— Em primeiro lugar, sou pelo menos dez anos mais jovem que você, meu amigo... Em segundo, não se trata de comportamento de adolescente, como você está dizendo, muito pelo contrário, trata-se do interesse de um escritor por um tema que...

Voltei o rosto para o Azevedo e falei:

— Um tema que me foi sugerido pelo próprio Azevedo.

Tomei um gole de uísque com a sofreguidão de um doente que busca a cura num remédio milagroso, e concluí, sem muita convicção:

— E, em terceiro lugar, não estou apaixonado por ninguém...

Azevedo pigarreou e, logo depois do garçom ter posto à nossa frente uma monumental travessa de rabada com batatas — uma rabada daquelas de fazer o desespero de qualquer cardiologista por causa da fantástica quantidade de gordura animal e de ácidos graxos, saturados e insaturados — pediu-me:

— Conte-nos exatamente o que aconteceu... E vamos ver o que mais de extraordinário toda essa história poderá render.

Entre uma garfada e outra, relatei o ocorrido e mostrei o guardanapo com o bilhete que Soraya tinha deixado para mim.

Ao terminar, nós quatro ficamos em silêncio.

Não havia muito o que dizer, havia apenas o que pensar...

O episódio contradizia uma boa dúzia de teorias filosóficas que nos tinham sido impostas enquanto jovens, outra porção de conhecimentos que tínhamos de metafísica e todo e qualquer conceito de lógica que pudéssemos pelo menos lembrar.

Por fim, já à sobremesa, Azevedo falou:

— Bem, amigos... Não há dúvida de que estamos diante de um dos mais estranhos fenômenos que poderíamos ter vivenciado... Essa mulher da fotografia e Soraya, são a mesma pessoa. Por outro lado, o que ela me disse casa-se perfeitamente com as palavras que escreveu para o Sérgio.

Tomou de minhas mãos o bilhete e, depois de lê-lo novamente, juntou:

— Permito-me supor que ela esteja se sentindo muito dividida. Entre a missão que lhe foi confiada, e para cuja realização lhe foi concedida a imortalidade, e o desejo ardente de vivenciar um grande amor, ela não sabe muito bem que caminho tomar.

Fitando-me com intensidade, ele disse:

— Para ela, a eternidade, a imortalidade, é a pior de todas as escravidões. É um grilhão que, da mesma maneira que a livra da dimensão Tempo, prende-a a essa mesma dimensão com tal força que a impede de vivenciar o mais belo de todos os sentimentos, que é o amor...

— Mas será possível que ela não possa sentir amor, que ela não possa amar ninguém? — perguntei, sem conseguir disfarçar a minha ansiedade e angústia.

Azevedo riu.

Batendo carinhosamente em meu ombro, ele respondeu:

— Você está assustado à toa, Sérgio... É claro que ela pode amar e, se quiser saber, é claro que ela está se sentindo apaixonada. Caso contrário, não estaria nesse dilema, não acha?

Sem me deixar tempo para responder, Azevedo acrescentou:

— Ela só não diz quem é o felizarado alvo de sua paixão...

Senti uma pontada no estômago e um aperto no coração.

Revoltei-me comigo mesmo.

Mas seria possível que eu estivesse com ciúmes?!

Ciúmes de quê, de quem, como, de que maneira?!

Ainda rindo, Azevedo deu o golpe de misericórdia:

— Sei como está se sentindo, meu pobre amigo... Já passei por isso e, como você mesmo vive dizendo, sendo mais velho do que você, posso lhe dar um conselho: trate de esquecer...

Forcei um sorriso e balbuciei:

— Ora... Vá tomar banho! Não estou apaixonado por ninguém... Já estou vacinado contra essa doença...!

— Sei — mofou o Bueno, intrometendo-se — Sei muito bem como é essa história de paixão, especialmente para a alma conturbada e inquieta de um escritor.

Com um gesto, obrigou-me a ficar em silêncio e prosseguiu:

— Vocês escritores, estão constantemente apaixonados. Pode ser que seja, simplesmente, pelas protagonistas que vocês mesmos inventam para seus romances. Mas, com certeza, essas protagonistas nasceram, são imagens especulares, de alguém absolutamente real, alguém que, se não estiver habitando o presente, já habitou o passado... Por isso, quando você diz que não está apaixonado por ninguém, está contando uma imensa mentira.

Com o dedo em riste, finalizou:

— Você está apaixonado, sim... E, no momento, é por essa mulher. E não vai sossegar enquanto não conseguir encontrá-la outra vez!

Fui obrigado a me calar.

Bueno estava coberto de razão, pelo menos no que dizia respeito a eu não sossegar enquanto não a encontrasse de novo...

Quase involuntariamente, perguntei:

— Mas como fazer para achá-la?

Com desespero, acrescentei:

— Não sabemos nada a seu respeito... Não temos a menor idéia de onde mora, o que faz realmente, na vida...!

Nesse instante, o garçom se aproximou de nossa mesa para perguntar se desejávamos mais alguma coisa.

Bueno pediu o café e, assim que o funcionário do restaurante se afastou, ele disse:

— Essa mulher apareceu para dois de nós como uma cigana. Isso, evidentemente, quer dizer alguma coisa. Além do mais, ela falou para o Azevedo, em imortalidade. Confessou-se imortal e deixou bem claro que gostaria imensamente de se livrar dessa condição única e exclusivamente para poder viver um grande amor. Vivê-lo normalmente, como qualquer mulher.

O garçom veio trazer o café e, enquanto levava a xícara à boca, Bueno falou:

— Para você, ela disse, no bilhete que lhe enviou, praticamente a mesma coisa. No mínimo, mostrou a angústia de amar alguém e não poder envelhecer com a pessoa amada.

Fez uma pausa, refletiu por um instante e murmurou:

— O que deve ser realmente terrível... Não poder deixar o tempo passar para si mesma enquanto a pessoa amada caminha a cada segundo, inexoravelmente para a morte...

Respirou fundo, olhou novamente para mim e disse:

— Mas... Estava dizendo que não pode ter sido à toa que Soraya se mostrou como cigana. Isso só pode significar que ela é, de fato, uma cigana...

Separando bem as palavras, Bueno arrematou:

— Logo, nós devemos tratar de procurá-la entre os ciganos, Sérgio... E ciganos que estejam por aqui, em São Paulo!

.X.X.X.

Voltei para minha casa com a cabeça cheia de idéias, de dúvidas e com um pensamento que me intrigava bastante: por quê, durante o almoço com os outros dois, Carlos e eu, sem que tivéssemos combinado coisa alguma nesse sentido, não tínhamos tocado no telefonema que eu recebera de Soraya?

E, no entanto, suas palavras deveriam significar alguma coisa, deveriam trazer alguma pista...

As grandes vitórias são sempre as que vêm das batalhas mais difíceis...

Qual seria a *grande vitória* a que ela se referira?

Seria encontrá-la?

Seria ajudá-la?

Ela dissera para o Azevedo que estava precisando de ajuda e repetira-o para o Bueno...

Mas ajudá-la de que maneira?

Seria, realmente, ajudá-la a se livrar da imortalidade?

Preparei um café e, segurando a xícara em uma mão e o cachimbo na outra, fui sentar em minha poltrona predileta, disposto a espremer o cérebro até conseguir tirar lá de dentro alguma idéia que fosse aproveitável.

Precisava encontrar Soraya e, para tanto, era preciso saber onde começar a procurá-la.

Uma cigana...

Onde ficam as ciganas?

Em seus bandos...

Contudo, eu sabia muito bem da existência de ciganos enriquecidos e solidamente estabelecidos em palacetes e apartamentos de alto luxo nos bairros *chiques* da nossa megalópole...

E Soraya não deveria ser uma cigana qualquer.

Pelo simples fato de se dizer imortal — e de tê-lo provado para o Azevedo — ela certamente se distinguiria entre os demais.

Logo, deveria ser bem conhecida...

Porém...

Quem a conheceria, realmente?

E, essa pessoa que tivesse tido a felicidade de conhecê-la, de saber onde encontrá-la, teria a generosidade de me revelar o segredo?

E por que seria um segredo?

Lembrei-me, subitamente, do homem que a estivera acompanhando durante a noite da véspera e que, àquela altura, estaria a caminho da Alemanha...

Seria ele o alvo da paixão de Soraya?

Mais uma vez, não pude deixar de sentir aquela pontada no estômago, aquele aperto no coração logo seguido de uma terrível e assustadora sensação de vazio na alma...

A pior de todas as sensações e que mais claramente denuncia a existência de uma paixão.

— Não! — exclamei em voz alta, levantando-me e caminhando até a janela — Não posso estar apaixonado! Isso é literalmente impossível!

Olhei para fora, para a rua.

Morava, nessa ocasião, em um apartamento no terceiro andar de um prédio na Rua Piauí, em Higienópolis, uma rua que, quando para lá eu me mudara, era calma e tranquila mas que, com o passar dos anos, foi se tornando cada vez mais movimentada e barulhenta.

Pensei, olhando para os carros e pessoas que passavam lá embaixo, que já estava chegando a hora de me mudar novamente, desta vez para uma cidade do interior onde pudesse ter uma chácara, cães, horta, galinhas... e silêncio para poder trabalhar.

Foi nesse momento que eu vi, na esquina com a Avenida Angélica, o vulto fugaz de uma mulher usando roupas muito coloridas.

— Uma cigana! — exclamei — E pode ser ela!

Tive raiva de mim mesmo e da própria Natureza por não me ter dotado de asas que me permitissem alçar vôo e ir até onde ela se encontrava.

O ser humano só voa com a ajuda de máquinas ou, no máximo, do próprio pensamento...

E, naquele instante, voar telepaticamente de nada me adiantaria.

Tive de correr até a esquina...

Desprezei o elevador achando-o muito mais lento que minhas pernas escada abaixo, maldisse a mania de ter tudo sempre trancado: precisei abrir a porta de meu apartamento, a porta da área de serviço, a porta de acesso à escadaria, a porta que comunica a área de serviço do prédio com a entrada social e, por fim, o portão eletrônico do edifício. Nada menos que seis fechaduras...

Correndo pela calçada, despertando olhares stupidificados dos transeuntes e, especialmente do homem da banca de jornais de quem eu era freguês assíduo, não pude deixar de pensar que, realmente, as pessoas em uma cidade grande se trancam em suas prisões particulares para se verem livres dos bandidos que, estes sim, gozam de plena liberdade...

Finalmente, esbaforido, bufando como uma locomotiva velha, cheguei à esquina.

Desnecessário dizer que não havia ninguém por ali que se parecesse com uma cigana...

Perguntei a um *flanelinha* que costumava *fazer ponto* naquela esquina, se ele vira uma cigana por ali, poucos minutos atrás.

O moço olhou para mim com cara de quem gostaria de perguntar quantas eu já tinha tomado até aquela hora do dia e, com um sorriso maroto, balançou a cabeça negativamente.

A mesma resposta obtive dos dois policiais de uma rádio-patrolha que ficava sempre estacionada ali perto da esquina, em uma reentrância da calçada da Praça Buenos Aires.

Não satisfeito, ainda indaguei de uma senhora que estava bem na esquina, segurando seu cachorrinho pela coleira:

— Desculpe, senhora... Mas viu uma cigana aqui, há poucos momentos atrás?

Ela olhou para mim e respondeu, agressiva:

— Não... E se tivesse visto, teria fugido para minha casa! Os ciganos são todos ladrões!

Mostrando o cachorrinho, juntou:

— Seriam capazes de me roubar a Mimi para fazer linguiça!

Voltei para casa desanimado, pensando seriamente em desistir daquela idéia maluca de encontrar Soraya.

Em uma cidade com quase vinte milhões de habitantes, encontrar uma pessoa que não se conhece, que não se tem a menor pista de onde possa estar, é a mesma coisa que encontrar uma agulha num palheiro: só por acaso.

E o acaso já ocorrera, quando a vira no *Pandoro*...

Já estava disposto a me sentar diante do computador para escrever alguma coisa e ocupar minha mente com trabalho ao invés de deixá-la livre para pensar besteiras, quando o telefone tocou.

Meu coração deu um pulo dentro de meu peito mas, quando atendi, não escutei a voz cristalina que estava esperando.

Era o Carlos, que me dizia:

— Encontrei em meus arquivos, o endereço de uma cigana que lê as cartas do Tarô. Eu estive lá há alguns meses atrás e tive a impressão que ela é, no mínimo, meio bruxa... Se você quiser, posso lhe dizer como encontrá-la.

— Mas é claro que eu quero! — exclamei, já mais animado, imaginando que aquela mulher poderia, pelo menos, me dar alguma informação que me permitisse sair da inércia.

Ele me deu o endereço — uma rua próxima ao Campo de Marte — e cinco minutos depois, eu estava na garagem do prédio, tirando meu automóvel para ir ao seu encontro, a despeito do Carlos ter dito que seria necessário marcar hora para ser atendido por ela.

.X.X.X.

Confesso que fiquei extremamente surpreendido com a residência da tal Mme. Yvonne, a bruxa cigana a que se referira meu amigo Carlos.

Ela morava em um verdadeiro palacete numa travessa da Avenida Brás Leme, no través do Campo de Marte.

A casa, imensa, de dois andares e com a garagem formando o piso térreo, rebaixada no terreno por causa de sua própria topografia, deveria ter sido construída por volta dos anos trinta, quando aquela região não tinha mais do que chácaras e ainda era considerada como zona rural. Teria mais de mil metros quadrados de área construída e estava encravada no centro de um jardim imenso, um verdadeiro parque com aproximadamente um hectare, coberto por gramados muitíssimo bem cuidados, canteiros com flores as mais diversas, várias árvores mais frondosas e um grande viveiro para plantas em um dos cantos mais baixos do terreno.

O portão automático se abriu quando me anunciei como sendo um escritor que desejava *conversar com Mme. Yvonne, se é que ela poderia me receber*.

Atravessei o jardim dirigindo meu automóvel lentamente por entre uma alameda de azáleas e parei diante da porta principal da mansão.

Um cigano forte, musculoso, de pele acobreada e olhos muito verdes, os cabelos longos e quase ruivos, vestido a caráter, com uma calça presa na metade das canelas por laços de couro fino, feita em cetim negro e usando apenas um colete sem mangas de cor verde-bandeira, veio me receber.

Com um sorriso amigável, ele disse:

— Madame já vai atendê-lo, senhor. Por favor, queira esperar na sala.

Notei um certo sotaque, podia-se ver que ele não era brasileiro.

Fez-me entrar e convidou-me a sentar numa poltrona de couro diante de uma imensa lareira.

Aliás, tudo naquela casa parecia ser imenso, tão luxuoso que chegava até a parecer agressivo...

Havia uma infinidade de objetos antigos, peças valiosíssimas em cobre e prata, um samovar russo do início do século passado, incontáveis estatuetas de marfim, de madeiras nobres, de bronze e de mármore.

O ambiente estava mais para uma sala de museu do que para qualquer outra coisa.

Poderia ter ficado ali o resto da tarde, avançar pela noite a dentro, que não me cansaria de examinar e admirar o mobiliário e a fantástica coleção de pequenos tesouros e quinquilharias valiosas espalhadas por todos os lugares.

Porém, não precisei esperar mais do que dez minutos e a porta de correr que comunicava com uma outra sala, se abriu e uma mulher de seus sessenta anos de idade, grisalha mas muitíssimo bem conservada, entrou.

Com um sorriso simpático em que deixava ver os dentes recobertos de ouro, ela disse:

— Com que então, doutor Sérgio, o senhor está querendo saber do paradeiro de Soraya...

Senti meus joelhos amolecerem.

Como ela poderia saber disso?!

Pensei, imediatamente que o Carlos tivesse ligado para ela e lhe contado tudo, mas a cigana, evidentemente lendo meus pensamentos, falou:

— Não. Carlos não falou comigo. Aliás, já faz muito tempo que ele não me liga, desde quando eu lhe dei uma entrevista há mais de seis meses.

Olhei para ela.

Era uma mulher esbelta, rija, estava usando um vestido que mais parecia uma roupa indiana, de cores surpreendentemente discretas para uma cigana.

O que mais chamava a atenção em sua indumentária, era a incrível quantidade de jóias que trazia sobre o corpo: colares, cordões, pulseiras, braceletes, anéis, tiaras, brincos...

Tudo em ouro, tudo com pedras preciosas...

Tive a impressão que ela era um mostruário ambulante de uma joalheria de alto nível.

Mme. Yvonne fez um sinal convidando-me a sentar e, ocupando a poltrona em frente à minha, disse:

— Não precisa ficar assustado, Sérgio... Nós as bruxas ciganas sabemos como ler os pensamentos mais escondidos das pessoas... Por isso, assim que o vi, já soube o que o trazia à minha casa.

Abriu uma caixinha de madeira — um maravilhoso trabalho marroquino, com incrustações de prata e marfim — que estava sobre a mesa de centro à sua frente e, tirando dela um cigarro que imediatamente percebi ser um cigarro turco, sorriu e falou:

— Sou uma bruxa moderna. Aliás, para ser bem sincera, uma falsa bruxa.

Franzi as sobrelhas com expressão de quem não estava entendendo nada, e ela explicou:

— Não *posso* a arte da magia, Sérgio. Eu a *aprendi*. Isso faz com que eu conheça algumas coisas, saiba lidar com alguns fenômenos como por exemplo a telepatia e a telecinesia, mas...

Soprando uma baforada de fumaça para o teto, ela disse:

— Não sou como Soraya, que é uma verdadeira bruxa cigana. Ela *possui* o *Conhecimento*, ela é imortal.

Fez uma pausa, tomou fôlego e continuou:

— Para nós, os habitantes do *Universo Temporal*, ou seja, este Universo concreto em que vivemos e que podemos tocar, ouvir, enfim, perceber através de nossos cinco sentidos, o *Conhecimento* e a imortalidade, parecem ser o bem maior, a ambição que todos temos.

Com um sorriso que me lembrou o de uma boa vovó conversando com seu neto, ela perguntou:

— Quem não gostaria de ser imortal, de poder *passar a perna* no Tempo, de durar para sempre, de jamais ter de enfrentar a velhice e a morte?

Fui obrigado a responder para mim mesmo, que todos nós, comuns mortais, gostaríamos de ter esse privilégio.

— Todos nós — concordou Mme. Yvonne — Mas o problema é que a imortalidade é inalcançável através dos conhecimentos científicos que possuímos.

Olhando para brasa de seu cigarro, ela disse:

— Mas não é impossível para os grandes magos. Estes têm poderes que podem conferir a imortalidade às pessoas. Uma imortalidade real, decorrente de uma invulnerabilidade absoluta. O imortal não sente dor, não tem doenças, seu organismo não se desgasta, enfim, os anos não passam por ele, ele é que passa pelos anos.

Balançou negativamente a cabeça e prosseguiu:

— Mas não, Sérgio... Não é uma bênção, muito pelo contrário. Da mesma maneira que o imortal não sente dor, também não pode sentir prazer. E isso, no caso específico do amor, é um verdadeiro desastre, você há de concordar comigo...

— Sim — admiti — O amor sempre traz em seu ventre uma certa dor e o amor sem o prazer, não pode ser considerado real pois não é materializado...

— Exatamente! — exclamou Mme Yvonne — O prazer é a materialização do amor e a dor de amor é o preâmbulo dessa materialização. Como você sabe, não há prazer sem uma certa dor e, ao mesmo tempo, toda dor leva ao prazer, mesmo que seja o prazer que se sente quando passa a referida dor.

Era uma filosofia um tanto quanto sofismática mas, não deixava de ter sua boa dose de verdade.

Aliás, um sofisma obrigatoriamente tem de conter pelo menos uma verdade para ser um autêntico sofisma...

Mme. Yvonne parou de falar por um momento, enquanto o cigano que me recebera à porta da casa, aparecia para servir chá com biscoitos.

Depois que ele se afastou, a mulher continuou:

— Soraya está experimentando o amor. Ela está apaixonada e, desta vez, parece que é um caso muito grave.

Piscou o olho esquerdo para mim e disse, baixando a voz, como se falasse um grande segredo:

— Não é a primeira vez que isso acontece, Sérgio... Ela já passou por outros episódios semelhantes. E com a mesma pessoa, só que em vidas diferentes.

— Como assim? — perguntei, realmente sem conseguir alcançar o que queriam dizer suas palavras.

— É muito simples — respondeu a Mme. Yvonne — Nesta vida de Soraya, ela se apaixonou pelo mesmo homem várias vezes, sendo que ele viveu, morreu e reencarnou em todas elas. Ou seja, o mesmo espírito por quem Soraya se apaixonou há três séculos atrás, voltou na forma de outros homens e por todos eles, essa bruxa tresloucada deixou o coração vibrar...

— Quer dizer que Soraya tem mais de três séculos de existência?! — indaguei, incrédulo.

— Muito mais! — respondeu Mme. Yvonne — Talvez uns cinco séculos... Não sei, ao certo.

Olhando para o vazio à sua frente, ela perguntou:

— Já imaginou como deve ser terrível? Cinco séculos de existência... Quantas gerações isso não representa? Vinte? Vinte cinco? Já pensou como deve ser aniquilador, ver as pessoas nascerem, crescerem, envelhecerem, morrerem... E, depois de algum tempo, reencarnarem? E você, imortal, continua ali, sempre da mesma forma, tendo de evoluir junto com a humanidade e sem a menor possibilidade de voltar para completar a sua evolução espiritual?!

Com um sorriso triste, Mme. Yvonne disse:

— Sou obrigada a concordar com a pobre Soraya... A Soraya que já se chamou Edwiges, Bárbara, Isabel, Manon, Christine... E tantos outros nomes!

Ergueu os olhos para mim e murmurou:

— Mas o pior de tudo, muito pior do que a impossibilidade de verdadeira e integralmente amar, é a consciência de que não lhe é permitida uma reencarnação, um retorno a este Universo Temporal, que lhe é completamente proibida a evolução espiritual...!

— Mas foi ela quem escolheu? — perguntei — Foi ela que pediu para ser assim?

Mme. Yvonne balançou negativamente a cabeça e respondeu:

— Não, Sérgio. Ela foi escolhida pelas *Inteligências Superiores*. Ela simplesmente aceitou pois essa era a sua missão.

— Seu castigo, seria melhor dizer — ponderei.

— Talvez seja, de fato, um castigo — admitiu a cigana — Ou um preço por lhe ter sido conferido o *Verdadeiro Conhecimento*.

Refleti por alguns instantes e murmurei, acendendo o meu cachimbo:

— Pelo que sei, as pessoas que alcançam o *Verdadeiro Conhecimento*, deixam de se importar com muitas coisas terrenas... Ou temporais... O amor, por exemplo. Como Soraya, sendo detentora do *Conhecimento*, pode ainda estar preocupada com o fato de não poder amar? Se atingir o estágio de desenvolvimento em que ela se encontra é uma meta procurada por todos os ascetas, se alcançar o *Conhecimento* é sinônimo de se libertar da dor, como ela pode ainda estar se preocupando com algo tão humano, tão...

— E desde quando você pode ter certeza de que o amor é simplesmente humano? — inquiriu Mme. Yvonne — Não lhe passa pela cabeça que o amor, o verdadeiro amor, é um dom e uma prerrogativa das *Entidades de Luz*?

Não tive o que responder e a cigana prosseguiu:

— Você, como escritor, deve saber que existem muitas formas de amar. Existe o amor material, corporal, físico, que fenece juntamente com a pessoa, que acaba morrendo quando a química do amor também desaparece. Existe o amor fraternal, familiar, o paternal, o maternal... Amores que são materializados em atitudes de carinho, de compreensão, de dação... Existe o amor teológico-espiritual, aquele que é decorrente de ensinamentos filosóficos e religiosos e que pode impulsionar a humanidade para uma existência mais pacífica...

Ofereceu-me uma xícara de chá e disse:

— E existe aquele amor que é eterno. Eterno como quem ama, eterno a ponto de cegar, de fazer sofrer, de obrigar a tentativas loucas como por exemplo, trocar a imortalidade por esse amor, pelo direito de morrer ao lado de quem se ama.

Enquanto saboreava meu chá, pensativo, Mme. Yvonne falou:

— É esse o caso de Soarya, Sérgio. Ela quer trocar a imortalidade pelo direito de amar completamente. Pelo direito de se entregar, de sofrer junto, de gozar junto com o homem que há muitas vidas vem sendo o objeto de sua paixão.

Sorriu e completou:

— Você pode imaginar o tamanho e a intensidade dessa paixão, não é mesmo? Sim...

Eu bem podia fazer uma idéia, ainda mais eu que, como dissera o Bueno, era capaz de me apaixonar por qualquer coisa, que cada caso em minha vida acabara-se em paixão e, por causa disso mesmo eu não quisera mais saber de maiores e mais profundos envolvimento com mulher nenhuma, preferindo vivê-las e vivenciá-las apenas superficialmente, sem dar e, conseqüentemente, sem ter grandes esperanças.

No amor, é mais do que sabido que se tem na mesma medida do que se dá...

Pousei a xícara de chá sobre a mesinha e perguntei:

— Mas onde está Soraya? Como poderei fazer para encontrá-la?

E, antes que Mme. Yvonne tivesse tempo de responder, acrescentei:

— E como fazer para libertá-la da imortalidade?

A cigana sorriu.

Pousando a mão sobre meu antebraço, ela indagou:

— Por que você quer libertá-la da imortalidade?

Pensei um pouco e respondi:

— Não sei... Nem sei se quero, realmente, libertá-la. Mas sei que gostaria de encontrá-la.

Pondo ênfase em minhas palavras, disse:

— Sei que preciso encontrá-la! Alguma coisa dentro de mim está me falando que eu não terei paz enquanto não falar com ela!

Mme. Yvonne fez um sinal afirmativo com a cabeça e, tomando-me pela mão, levou-me para a outra sala através da porta corredeira que ela usara para entrar onde estávamos.

— Antes de mais nada, é preciso que você veja algumas coisas — disse ela — Depois, você vai repetir que quer, mesmo se encontrar com Soraya...

.x.x.x.

Fechada novamente a porta de correr, eu me vi em um ambiente que só em meus elucubrativos sonhos de escritor, eram possíveis.

Estava em uma sala ampla, de mais ou menos vinte metros quadrados, com as paredes inteiramente pintadas de negro onde podia ver alguns apliques metálicos representando os astros do firmamento.

As paredes negras não deixavam que a luz, emitida por três *spots* no teto, se refletisse, o que emprestava ao lugar um aspecto mágico e fantástico, com os pequenos astros metálicos brilhando, destacando-se naquele fundo preto.

Havia uma mesa coberta por um pano escarlate no fundo da sala e sobre ela, dois castiçais com três grossas velas amareladas em cada um, todas elas apagadas.

Ao lado de cada castiçal, um incenseiro com três varetas de incenso em cada um, estes acesos, davam à atmosfera local, um perfume inebriante.

Uma Cruz de Caravaca encimava a mesa e ramos de flores secas enfeitavam as extremidades daquele estranho altar.

Mais ou menos no pé da Cruz, havia uma garrafa escura, dessas que se usam para conter licores caros, e um pequeno cálice de ouro.

Não havia cadeiras, apenas uma grande poltrona de madeira e couro, de espaldar alto e braços finamente entalhados, estava à direita do altar, e grandes almofadões encontravam-se espalhados pelo chão.

Mme. Yvonne se aproximou do altar, fez uma reverência à Cruz e, voltando-se de frente para mim, abriu os braços, dizendo:

— Salve Forças e Energias Cósmicas Superiores! Salve todas as Energias Telúricas!

Nesse instante, para meu espanto, as velas se acenderam todas ao mesmo tempo, sem que ninguém precisasse aproximar qualquer chama de seus pavios.

Ao mesmo tempo, a fumaça que até então se desprendia timidamente dos incensos, se tornou espessa e densa, envolvendo completamente o corpo da cigana.

— Sente-se, Sérgio — ordenou ela, dirigindo-se para a grande poltrona de espaldar alto — A partir de agora, você vai viajar um pouco comigo...

Obedeci e deixei-me arriar sobre uma das grandes almofadas, tentando vencer um estranho medo que começava a tomar conta de meu corpo, paradoxalmente ao mesmo tempo em que uma grande excitação se manifestava em minha mente.

Comecei a sentir uma espécie de tontura, a figura de Mme. Yvonne parecia estar se distanciando, o altar parecia estar crescendo diante de meus olhos e, aos poucos, o som de violinos começaram a se fazer ouvir, misturado ao som de vozes...

Muitas vozes...

E, então, eu me vi novamente de pé, no meio de uma porção de ciganos, num estranho e paupérrimo acampamento, ao lado de uma mulher belíssima...

Era ela!

Era nada mais e nada menos que a própria Soraya...

CAPÍTULO IX

Milka avançou em minha direção e, fixando-me com intensidade, falou:

— Você, estrangeiro... Você abusou de nossa hospitalidade. Você infringiu a Lei dos *Roman!* Apaixonou-se por uma cigana sem perguntar a mim ou a quem quer que seja se isso lhe seria permitido...

Deu um passo para trás e gritou:

— Mas muito pior do que isso, você fez com que essa cigana se apaixonasse, também! E ela não poderia se apaixonar por ninguém, uma vez que é posse e propriedade das *Inteligências Superiores!*

Olhei para a minha esquerda, onde momentos antes se encontrava Soraya.

Mas...

Ela não estava mais ali.

Havia, isso sim, uma outra mulher, uma outra cigana, também jovem e também bonita, mas não era a minha Soraya.

Minha Soraya!

Como, a troco de quê eu a estava mentalmente possuindo?!

Como, se ela, como acabara de dizer Milka, era propriedade de entidades muito superiores?!

E como eu tinha ido parar ali?!

Olhei para minhas roupas, vi que estava usando uma espécie de colete de couro e metal, como se fosse uma armadura, semelhante às da Guarda Suíça do Vaticano...

Tinha voltado atrás no tempo...!

Tentei dizer alguma coisa, tentei me defender ou, pelo menos, defender Soraya, dizendo àquela mulher que ela não tinha a menor culpa por eu ter me apaixonado...

Mas, de minha garganta não saiu qualquer ruído.

Escutei a risada estridente de Milka e ouvi-a dizer:

— A mulher já está sendo castigada... Ela vem sendo castigada através dos séculos, assistindo à morte de cada um de seus homens, impotente, sem nada poder fazer pois é impossível lutar contra o tempo...

Voltou a olhar para mim e, erguendo a mão direita, falou:

— Maldito sejas, traidor!

Mais uma vez, senti meus joelhos amolecidos como se tivessem sido feitos de gelatina.

Um estranho frio me invadiu e senti uma sede terrível, um desejo irreprimível de tomar água ou qualquer coisa líquida...

Milka voltou a se aproximar de mim e, tocando-me o rosto com seus dedos magros e rudes, rosnou:

— Você partirá para uma outra vida... E voltará... Voltará tantas vezes quantas forem necessárias até que ela encontre quem a livre de seu encantamento!

Ao toque de Milka, senti meu rosto barbado, e jamais fora de meu feitio deixar a barba crescer...

A cigana caminhou ao redor de mim, sempre fazendo gestos, resmungando algumas palavras que não conseguia compreender, provavelmente ela estaria falando numa linguagem especial para poder se comunicar com seus deuses.

Finalmente, estacou à minha frente e disse:

— Você também terá de se purificar!

Um grande clarão se fez e eu compreendi que estava sendo envolvido por chamas...

Por muitas chamas!

.X.X.X.

Fui trazido de volta à realidade pela voz de Mme. Yvonne, que me dizia:

— Como pode ver, Sérgio, você já esteve com Soraya em uma outra vida. E houve muitas outras... Muitas!

— Onde está ela? — perguntei, aflito — O que aconteceu com ela, naquele dia?

— Nada — respondeu a cigana — Com Soraya nada poderia acontecer. Não se esqueça que ela é invulnerável e imortal!

Mme. Yvonne suspirou e, dando-me para beber o pequeno cálice de ouro com um licor acastanhado, disse:

— Você morreu e Soraya partiu. Naquela mesma noite, ela deixou a Espanha — vocês viveram essa história na Espanha, no Século XVI — e seguiu para os Bálcãs. Lá, você tornou a surgir em sua vida, tornou a morrer e ela, mais uma vez, sofreu com isso.

Uma pergunta se formou em minha mente e, antes que eu pudesse formulá-la, Mme. Yvonne respondeu:

— Sim... Vocês chegaram a viver, a vivenciar esse amor. Mas sempre clandestinamente, sempre de uma maneira ilegal, desaprovada pela sociedade... Soraya se entregava a você unicamente para satisfazê-lo, para fazê-lo feliz pois ela, de sua parte, nada podia sentir além do prazer de lhe dar prazer...

— Compreendo — murmurei — Como imortal, ela não sentia dor mas, em contrapartida, não podia sentir qualquer prazer...

— O que é terrível, você há de admitir comigo... — falou Mme. Yvonne, em voz muito baixa.

Sim...

Eu bem podia imaginar.

E, enquanto estava pensando naquelas nossas últimas frases, uma luz se fez em minha cabeça.

Erguendo os olhos para Mme. Yvonne, perguntei:

— Mas... Se Soraya não pode sentir dor... Como pode ela sofrer por causa de um amor?

Mme. Yvonne sorriu.

Levantando-se, aproximou-se da almofada em que eu estava sentado e falou:

— Você fez a pergunta que eu estive esperando o tempo todo que fizesse, Sérgio!

Segurando-me pelos ombros, disse:

— É esta a única esperança de Soraya... Aliás, a única esperança de vocês dois!

Parecendo agitada, ansiosa, a cigana explicou:

— O fato de Soraya poder sentir o amor e poder sofrer por ele, é prova de que a sua imortalidade não é tão completa assim. Ou seja, há ainda esperanças de se poder reverter essa situação.

Fiz uma expressão de intensa curiosidade e Mme. Yvonne prosseguiu:

— Soraya pode voltar a ser uma mortal. Só que...

Muito séria, ela falou:

— Só que ela precisa tomar muito cuidado, caso contrário, no momento em que a imortalidade lhe for tirada, todos os anos que ela viveu se sucederão e ela se transformará em pó!

— Mas isso não pode acontecer! — exclamei, horrorizado — Não pode!

— Só há uma maneira — falou a cigana, voltando para sua poltrona — E será você a única pessoa no mundo capaz de encontrar essa solução e salvá-la!

.x.x.x.

Mme. Yvonne dissera que eu encontraria alguma coisa referente à imortalidade e às maneiras de *cortá-la*, em um livro antigo, em um *Grimoire* que estaria num certo sebo no centro da cidade.

— Mas veja bem! — recomendara ela — Você precisa agir direito e com muita fé! Caso contrário, acontecerá o que eu lhe disse: todos os cinco séculos passarão por Soraya e a destruirão em uma fração de segundo!

Mal dormi durante a noite.

Esperei ao lado do telefone que Soraya me ligasse, eu queria falar com ela, queria vê-la...

Precisava vê-la, era algo vital!

E, além do mais, eu nem sequer tinha a menor idéia de como fazer para encontrá-la.

Mme. Yvonne me dissera que não adiantaria procurá-la. Soraya saberia como me encontrar e saberia perfeitamente o momento de permitir que eu a visse.

— Ela sabe como fazer para quebrar esse encantamento, Sérgio — falara a cigana — Mas sabe, também que não poderá fazê-lo para si mesma. Tem de ser uma outra pessoa, uma pessoa que a ame realmente.

— Mas será que eu a amo, realmente? — eu perguntara, aflito.

— Você terá essa resposta durante esta madrugada — respondera Mme. Yvonne, com um sorriso.

E a dúvida me assaltou durante toda a noite...

Lembrei-me, amedrontado e preocupado, do que me ocorrera em uma das muitas vezes em que me considerei completa e perdidamente apaixonado...

Era outono e eu a conhecera por acaso, talvez o Destino, esse eterno brincalhão, a tivesse posto em meu caminho única e exclusivamente para me testar, para me fazer ter, anos depois, naquela noite em que eu esperava ansiosa e angustiadamente um telefonema de Soraya, tantas dúvidas a respeito de mim mesmo...

Fora uma paixão tórrida, proibida, terrível e, ao mesmo tempo, deliciosa, plena de momentos de intensa e extrema felicidade, cheia de instantes de profunda comunhão de corpos e de almas...

Mas fora uma paixão e, como tal...

Enquanto olhava para o telefone desesperadamente mudo, as imagens daquela época foram se formando em minha mente e os acontecimentos pareceram ser ressusitados, resgatados do fundo do desordenado baú de minha memória.

Peguei meu cachimbo, acendi-o e tive a sensação de ainda estar ouvindo suas palavras.

Palavras doces, sublimes...

.x.x.x.

— Eu o amo! Eu o quero só para mim! Não quero dividi-lo com ninguém!

A frase, dita em meio a beijos, lágrimas, soluços e depois gemidos, ainda ressoava em meus ouvidos quando, voltando para São Paulo, entrei na Rodovia Presidente Dutra.

Sim...

Talvez ela me amasse, de fato. Talvez aqueles quatro dias longe de tudo e de todos, em Ilha Bela, fossem prova suficiente de que ela não me estava mentindo.

Porém, para mim, que já naquela época estava calejado, maltratado por uma vida cheia de desencontros e de desenganos, restava-me a dúvida, sobrava-me o cepticismo.

Ela se entregara totalmente, se dera de maneira absoluta ao meu amor, aos meus desejos, aceitara minhas carícias e proporcionara-me os instantes de enlevo e de êxtase que tanto minha alma quanto meu corpo estavam pedindo, estavam necessitando.

Dissera que eu havia aparecido no momento certo, jurara que me estivera procurando pela vida inteira, ela também com uma existência carregada de sabores e de desamores.

Estávamos sentados em uma das mesas externas do restaurante, bebendo alguma coisa, falando sobre o passado, o passado de cada um de nós, um passado já vivido e sofrido, buscávamos em cada frase uma desculpa e um motivo para o que estava nos acontecendo.

— Eu o procurei! — dissera-me ela, com um sorriso triste — Não sabia quem você era, como seria, quando o encontraria... Mas eu o procurei pela vida toda e Deus sabe quanto!

Eu dissera que, de minha parte, tinha feito o mesmo. Afirmara ter a certeza de que, cedo ou tarde, haveria de encontrar a pessoa que haveria de me trazer a felicidade há tanto tempo perdida, que viria me proporcionar um renascimento e um recomeço, desta feita sim, com esperanças e possibilidades.

Nossas mãos se entrelaçaram sobre a mesa, nossos lábios se aproximaram pedindo-se mutuamente um beijo.

Ela disse:

— Tenho certeza de que fomos feitos um para o outro... E juro que não vou deixar escapar essa chance de ser feliz!

Mais tarde, naquela noite, ela falou, chorou, gemeu, disse que jamais haveria de me dividir com quem fosse, da maneira que fosse.

Fora justamente essa frase que me trouxera de volta à realidade, à terrível realidade de minha vida cotidiana, em São Paulo.

Ela teria de me dividir, não adiantava tentar esconder o sol com uma peneira...

Havia a minha profissão, meus livros, meus problemas, minhas paixões doentias por cada uma das mulheres que eu criava como personagens de meus romances...

Como fazê-la entender que, quando eu escrevesse sobre uma certa moça, loura, ruiva ou morena, eu não a estaria traindo, estaria apenas vivendo imaginariamente um novo romance?

E como convencer a mim mesmo de que esse novo romance era apenas virtual, vivido só na imaginação?

Um escritor, muitas vezes, confunde as coisas, mistura as estações, troca as bolas...!

— Você suportará? — perguntei — Terá condições de entender que minhas mulheres existem somente para mim?

Ela respondeu:

— E você terá condições de aceitar que eu tenha ciúmes delas? Tentará, ao menos, mudar um pouco a trajetória de seus romances, não indo para a cama com cada uma das protagonistas?

Não posso negar que até tentei...

Passei um tempo escrevendo sobre assuntos que nada tinham a ver com amor, que não permitiam romance nenhum, que...

Bloqueavam e destruíam a minha sensibilidade.

Ao término de dois meses de tentativa, amassei todos os papéis que escrevera nesse intervalo de tempo, fiz com eles uma grande bola e...

Joguei tudo fora.

Até poucos anos atrás, eu me perguntava com muita frequência se, naquela ocasião, não teria jogado fora, também, a minha felicidade...

Ela partiu.

Nunca mais a vi, nem soube notícias suas.

E eu...

Como sempre, eu fiquei.

Fiquei como a imortal Soraya, vendo desaparecerem as mulheres que amei enquanto as descrevi em seus mínimos detalhes sobre o papel, enquanto as possuí de corpo e alma nas páginas de meus romances...

Todas elas, tiveram sua missão na vida, todas nasceram de minhas idéias e de minhas mãos e acabaram morrendo quando encerrei os romances em que elas viveram.

E eu, fiquei.

Incólume, eterno, imortal.

Aquele que ultrapassa o limite das páginas pois é ele, justamente quem impõe esse limite.

Estava começando a deixar que meus pensamentos amalucados tomassem conta, mais uma vez, de minha mente, quando fui trazido de volta à Terra pelo som estridente do telefone.

.X.X.X.

A voz cristalina de Soraya soou como uma verdadeira música para a minha alma conturbada e desesperada.

— Alô, Sérgio?

— Soraya! Onde você está? Preciso vê-la imediatamente!

— Não, Sérgio... Ainda não é possível...

— Mas não posso continuar assim, Soraya! Ainda mais depois que descobri tudo, que eu descobri que você... Que nós...

— Ainda não podemos nos encontrar. Sinto muito.

— Mas pelo amor de Deus! Temos tanto para falar um ao outro...

— Eu só quero lhe dizer que confio em você. Confio no seu amor por mim, um amor de muitas vidas, o mesmo amor que eu pude dar a você durante esta minha única e tão longa vida...

Eu ia dizer mais alguma coisa, insistir para que ela viesse a mim ou que me permitisse que eu fosse a ela...

Mas não tive tempo.

Escutei o estalo de um beijo — cheguei a senti-lo em meu rosto — e Soraya desligou o telefone.

Olhei o relógio: três e meia da madrugada.

Mais uma vez, Mme. Yvonne estava certa: eu teria a comprovação de meu amor por Soraya naquela madrugada...

E ali estava ela, dentro de mim, ao redor de mim.

Eu respirava Soraya, só via Soraya, vivia por Soraya.

— Pudessemos eu dar-lhe a minha morte! — escutei-me dizendo, achando graça na inversão de valores.

Sim...

Para ela, a vida não tinha a menor importância, ela tinha diante de si toda a eternidade.

Só lhe importava a morte.

O direito de poder viver, amar e morrer como qualquer pessoa, como qualquer mortal.

.X.X.X.

O grande relógio do Mosteiro de São Bento ainda não estava marcando as nove horas da manhã, e eu já me encontrava à porta do sebo que Mme. Yvonne me indicara.

Sempre gostei de sebos, gabava-me de conhecer todos, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro mas, no entanto, naquele eu jamais entrara.

Pouco maior que uma quitanda e quase tão sujo quanto uma peixaria de bairro pobre, este sebo, como aliás, qualquer outro, era repleto de encantamento e poesia.

Todo o mobiliário se resumia a uma escrivaninha onde o proprietário, depois de ter aberto a porta para mim, pôs-se a fazer suas anotações, ao lado de duas cadeiras ordinárias e de montanhas de livros que se espalhavam pelo meio da loja, que se empilhavam pelos cantos, subiam pelas paredes, formando uma decoração caótica e complicada.

Pareceu-me que em todos os inúmeros montes de livros, procurava-se propositadamente desrespeitar os princípios mais elementares do equilíbrio e vi claramente que não havia a menor preocupação com a estética. Aliás, não seria mesmo possível adotar qualquer ordem de arrumação pois os volumes, cada um diferente do outro em tamanho, cor e forma, não permitiriam tal luxo.

E havia um certo aroma no ar!

Sim, pois assim como uma quitanda e uma peixaria têm seus cheiros característicos, os sebos também têm o seu: é um cheiro de mofo, de poeira misturada com nicotina e papel velho. Pode ser que seja o inferno para os asmáticos mas, conheço muitas pessoas que adoram essa mescla de estranhos perfumes... Entre elas há até as que dizem que esse é o cheiro da verdadeira intelectualidade...

E aquele sebo, dizia eu, também tinha esse cheiro, um cheiro talvez de sabedoria.

Não era preciso ser muito esperto para entender que encontrar, especificamente, uma obra ali, seria uma tarefa totalmente impossível!

Como qualquer outro sebo que se preze, nessa loja, só seria possível comprar aquilo que o acaso nos fizesse cair nas mãos...

Juntamente com a desorganização, a sujeira imperava.

Aliás, perfeitamente explicável pois, já pela simples disposição das mercadorias, podia-se ver que toda e qualquer operação de limpeza seria absolutamente impraticável.

Varrer, apenas varrer, já seria uma tarefa complicada e arriscada pois o perigo de se esbarrar em uma avultada pilha de enciclopédias, mal equilibrada sobre um dicionário, poderia causar um monumental desastre, até mesmo com risco de morte.

A morte sob o peso do conhecimento...

Cheguei, depois de vagar por um labirinto de estantes, diante de uma montanha everestiana de livros que escondia a mesa do proprietário e a caixa registradora.

Com medo de um acidente, afastei-me o mais possível da instável coluna de papel velho e procurei saber do pequeno homem de óculos grossos, curvado sobre um caderno de anotações, se ele sabia em que lugar de sua loja, eu poderia encontrar o *Grimoire* que procurava.

— Tenho esse livro — respondeu o bom homem — Está por aí, em algum canto. Pode procurar à vontade.

Olhei ao meu redor, com a expressão desesperada de quem tem de encontrar uma agulha em um palheiro.

— Sabe me dizer por onde devo começar a procurar? — indaguei.

Ele sorriu beatificamente e respondeu:

— Infelizmente, não... Sabe... Estou sozinho já faz alguns anos... Não consigo encontrar tempo para arrumar isto aqui.

Olhei mais uma vez o mar de livros, o caos em que a loja se encontrava.

Se não fosse por Soraya...

Bem...

Não era apenas por ela, era também por mim mesmo!

Criando coragem, comecei a procurar.

Imaginei que um *Grimoire* tivesse de ser um livro grande, de capa dura, grosso e gordo...

Depois de meia hora de buscas inúteis, pus as mãos à cabeça e murmurei:

— Mas é impossível achar...! Passarei o resto de meus dias aqui, procurando!

Foi nesse instante que escutei a voz de Soraya, falando-me ao ouvido:

— Por que você não experimenta ver na última prateleira à esquerda?

Olhei para os lados e, é claro, não vi ninguém.

Porém, a voz de Soraya, como se estivesse soando dentro de minha cabeça, disse:

— É um livro velho, de papel amarelado, pequeno... A capa é avermelhada, cor de sangue...

Como um tresloucado, arrastei uma escada que surgiu diante de mim vinda sei lá de onde e, encostando-a junto à última estante da loja, subi por ela até chegar quase ao teto.

A cabeça encurvada para não bater no estuque, os olhos lacrimejando por causa do excesso de poeira e mofo, vi o livro.

Estava exatamente onde Soraya dissera que estaria...

E era velho, amarelecido pelo tempo, a capa vermelha.

Ali, em letras negras, estava escrito: *Les Magiciens et le Temps...*

.X.X.X.

Bendisse mil vezes meus professores da Alainça Francesa, Mme. Flammant e M. Jérôme, por terem tido a paciência de me ensinar a língua de Chirac e, principalmente por me terem obrigado a ler várias obras em francês arcaico. Por isso e só por isso, consegui entender perfeitamente o que estava escrito naquele *Grimoire*.

E, posso dizer com toda a honestidade, era de assustar qualquer um.

O livro começava dizendo que os alquimistas continuavam labutando pelo encontro da famosa Pedra Filosofal, material fantástico que conseguiria transformar em ouro qualquer coisa que nele tocasse. Porém, alcançar esse objetivo não estava sendo nada fácil, muitos tinham morrido tentando, envenenados com as emanções das substâncias que tinham produzido em suas retortas e alambiques. Outros ficaram inutilizados, cegos ou loucos, pelas mesmas razões. Assim, um grupo de alquimistas liderados por um que se dizia *Iluminado* por entidades cósmicas absolutamente desconhecidas dos mortais comuns, idealizara uma fórmula para ser usada justamente pelos próprios alquimistas em sua defesa, que tornava as pessoas invulneráveis e, portanto, imortais. Contudo, essa fórmula não fazia efeito em qualquer um, era preciso que houvesse, no candidato à imortalidade, um substrato espiritual muito forte, uma convicção de que era isso mesmo que essa pessoa desejava e, mais do que qualquer outra coisa, era preciso que fosse, pelo menos, um *iniciado*, ou seja, um bom aprendiz das iências herméticas e dos conhecimentos esotéricos.

Ora...

Eu sabia muito bem que o caso de Soraya não era exatamente esse. Ela tinha sido *escolhida para ser imortal* e não lhe fora dado nenhum filtro ou poção mágica para beber.

Assim, por alguns momentos, tive a frustrante sensação de que o *Grimoire* seria uma perfeita inutilidade e que toda e qualquer coisa que eu resolvesse ou pudesse fazer e que estivesse baseada em seus ensinamentos, poderia até ser perigosa para a minha amada.

Minha amada!

Não restava a menor dúvida...

Era ela que eu queria, não poderia jamais ser feliz com qualquer outra mulher...!

Já estava começando a me desesperar outra vez, quando escutei a voz de Mme. Yvonne, que me dizia:

— Trata-se de imortalidade, Sérgio. E a imortalidade é idêntica em qualquer circunstância. Por isso, siga as recomendações do livro. Dará certo, se você conseguir por todo o seu amor no que estiver fazendo!

Bem...

Isso seria fácil.

Em matéria de amor...

Não poderia haver maior em todo o mundo e, provavelmente, em todos os tempos.

Mesmo em se considerando a eternidade...

Voltei ao livro.

Já madrugada alta, perto do final, encontrei o que estava buscando.

No *Grimoire*, estava escrito:

No caso de se desejar suspender o efeito da fórmula da imortalidade, é preciso preparar o antídoto que, ao contrário do que se possa imaginar, não será dado à pessoa interessada. O imortal simplesmente sentirá seus efeitos, mesmo que à distância, e tornar-se-á um mortal comum, inclusive com o apagamento quase

total do que lhe estiver na memória, restando apenas o que se pode chamar de sentimentos mais fortes, tais como o amor, o desejo, e a ambição.

O parágrafo seguinte, explicava:

Contudo, é preciso tomar muito cuidado pois o Tempo é inexorável e cruel, como se sabe. Há o risco de se fazer passar de uma só vez, todos os anos que deveriam ter marcado o imortal. Com isso, o mais provável é que ele se transforme rapidamente em cinzas, retornando através do Tempo para a época em que ele tomou o filtro da imortalidade. Para se evitar tal fenômeno, a pessoa que vai executar o ritual de suspensão da imortalidade, precisará estar extremamente concentrada e seus pensamentos não poderão em momento algum flunar por outras paragens que não a imagem do imortal. Além disso, é preciso haver uma grande intensidade de amor e de desejo pois somente a materialização desse amor e a realização desse desejo poderão segurar o imortal na dimensão atual do tempo e no lugar em que se procede ao desencantamento.

Era muito complicado para a minha cabeça...

Mas...

O pior vinha a seguir

O procedimento ritual para o desencantamento da imortalidade é muito simples de se realizar. É preciso saber as palavras cabalísticas e é preciso ter em mãos uma pomba branca e uma víbora ou outra serpente qualquer, suficientemente peçonhenta para matar em poucos minutos a pomba, com sua picada.

Muito bem...

A coisa começava a complicar seriamente.

Onde iria eu arrumar uma cobra venenosa e uma pomba branca? E, depois, como é que eu faria para que a cobra picasse a pomba?! Teria de segurá-la e fazê-la meter os dentes na pobre ave?

Mas, eu teria de fazer aquele ritual...

Não havia outra maneira de ter Soraya para mim e...

Livre de sua maldição.

Tratei de decorar o restante daquela complicada e absurda liturgia, repassei tudo, certifiquei-me de que, na hora, poderia ter o livro ao meu lado para me socorrer em uma outra palavra que me fugisse da memória e...

Comecei a dar tratos à bola para encontrar uma maneira de arrumar uma pomba branca e uma serpente.

— Ainda se estivéssemos no mato... — murmurei — Mas em São Paulo! Em Higienópolis! Onde, diabos, vou conseguir arrumar uma cobra?

E, então, uma luz se fez em minha mente.

Era o mais lógico, o mais óbvio e — melhor de tudo — eu dispunha dos meios para conseguir o que estava querendo...

CAPÍTULO X

Às oito horas da manhã, liguei para o Instituto Butantã, esperando ouvir uma espiñação das maiores por estar querendo o impossível.

Por uma questão de sorte — ou teria sido assim, por mera vontade do Destino — quem atendeu o telefone foi o Heitor, um veterinário que eu conhecia muito bem, e que me disse, com a maior naturalidade do mundo:

— É fácil conseguir uma jararaca-ilhoa e uma pomba branca, Sérgio. Temos até um *kit* pronto para demonstração em aulas nas faculdades de Medicina, Biologia, Odontologia e Veterinária...

E, pondo um pouco de água fria na fervura, acrescentou:

— Só precisamos de uma solicitação oficial. Mandaremos um técnico levar para a escola que você quiser, o material todo e ele fará a demonstração do efeito do veneno de cobra e do soro anti-ofídico.

Embatuquei.

Como eu poderia explicar para o Heitor que eu queria a cobra e a pomba para um ritual de magia?!

Foi ele mesmo que me salvou, ao dizer, com um tom de riso na voz:

— Há alguns terreiros de Quimbanda que utilizam cobras venenosas e pombas brancas... Será que é para um *despacho* que você está querendo esses animais?

Saltei imediatamente na oportunidade, e respondi:

— Pois é para isso mesmo! E não tenho nenhuma outra possibilidade de encontrar uma cobra venenosa, Heitor!

Baiano, metido que sempre fora com a religião afro-brasileira, Heitor se compadeceu de mim.

— Vou quebrar o seu galho, Sérgio — disse ele — Não poderia fazê-lo, mas... Pela nossa amizade e por eu saber que você não vai ser irresponsável com essa cobra...

Ficou em silêncio por alguns instantes e falou:

— De qualquer maneira, eu estarei presente, na hora. Não quero correr riscos e terei de trazer de volta essa serpente.

Mais uma vez, eu me atrapalhei.

Não queria que ninguém me visse fazendo *bruxarias*...

Como se adivinhasse o que me ia pela cabeça, Heitor riu e disse:

— Não se preocupe com a minha presença, Sérgio... Estou acostumado com essas coisas, já esqueceu que eu sou *filho-de-santo*?

Olhei rapidamente no *Grimoire*, procurei alguma frase que dissesse ser proibida a presença de outras pessoas durante o ritual.

Nada havia, nesse sentido.

Além do mais, se era necessário dar demonstrações de amor, talvez o fato de eu mostrar essa minha faceta, deixar que Heitor pensasse o diabo a respeito de minha integridade psíquica sem me incomodar com isso... Não seria uma grande manifestação de amor para com Soraya e de interesse em resolver o seu problema?

Pareceu-me ouvir uma voz feminina que dizia *sim*...

— Está certo, Heitor — falei — Você poderá vir hoje, no fim da tarde?

— Sem dúvida — respondeu ele — Estarei em sua casa...

— Não — interrompi — Não farei isso em minha casa. Terá de ser à beira de um riacho.

Refleti por alguns instantes e sugeri:

— Que tal se nos encontrássemos na estrada do Horto Florestal, ali naquela ponte...

Heitor concordou e, depois de desligar o telefone, deixei-me cair, arrasado, em minha poltrona.

Quando eu poderia imaginar que um dia estaria na Cantareira, fazendo rituais de magia à beira de um riacho?!

.x.x.x.

Desliguei o telefone e, imediatamente, comecei a me preocupar com o que iria acontecer logo mais, à tarde.

Tinha medo de encontrar pessoas conhecidas, tinha medo de que na hora não conseguisse me concentrar devidamente no que estaria fazendo e isso, sem dúvida, seria a maior de todas as tragédias pois Soraya morreria...

Morreria!

Aquela palavra martelou meu cérebro como uma marreta.

Era verdade!

Tudo teria de sair de modo absolutamente perfeito pois, do contrário...

Pensei seriamente em desistir.

— Não terei condições emocionais de fazer coisa nenhuma! — falei para mim mesmo — Será muito pior para a minha amada!

Lembrei-me de Romeu e Julieta e pensei em levar uma arma comigo pois, se não desse certo, eu me meteria um pedaço de chumbo nos miolos. Seria uma maneira de me encontrar com Soraya, mesmo que fosse em uma outra dimensão.

Um pouco mais tarde, uma outra dúvida me assaltou: como poderia ficar sabendo que o ritual funcionara, que a magia dera certo? Soraya me procuraria?

Minha imaginação fértil — maldito vício profissional, em determinadas ocasiões — já estava vendo as manchetes dos jornais sensacionalistas do dia seguinte: *Moça se transforma em cinzas dentro de um restaurante* ou, ainda *Cigana queima misteriosamente até às cinzas na porta de um prédio em Higienópolis*.

Pensamentos nem um pouco animadores...

Em meio ao meu desespero, quis ligar para Mme. Yvonne mas, ela não me tinha dado seu telefone e eu não o encontrei no catálogo telefônico.

Claro...

Poderia ter ligado para o Carlos mas...

Naquela altura dos acontecimentos, nervoso como estava, as últimas pessoas que eu gostaria de ver ou com quem gostaria de falar, seriam justamente os meus três amigos.

Tinha medo que, de repente, eles resolvessem achar que eu tinha ficado excessivamente perturbado e decidissem me internar em uma clínica de loucos.

Por fim, lá pelo meio da tarde, consegui me acalmar um pouco.

Conscientizei-me de que estava metido naquela aventura até o pescoço, fiz ver a mim mesmo que o prêmio que me esperava após a linha de chegada seria simplesmente fabuloso e...

Respirando fundo, soprando a fumaça de meu cachimbo como uma locomotiva a vapor, abri novamente o velho *Grimoire* para decorar bem, mais uma vez, todos os passos do ritual.

Passei e repassei o texto mais de vinte vezes e, quando o considerei suficientemente memorizado, levantei-me de minha poltrona para tomar um bom banho e me preparar para o encontro com Heitor.

Foi no momento em que eu estava me enxugando, que escutei mais uma vez a voz de Soraya, dizendo:

— Confio em você, Sérgio... E tudo vai depender da confiança que você tiver no que vai fazer e no amor que há cinco séculos eu sinto por você!

Surpreendi-me comigo mesmo por não me ter assustado...

Na verdade, percebi que, com muito pouco tempo mais nesse tormento, provavelmente eu estaria conversando com as paredes e achando que era absolutamente normal.

.X.X.X.

Heitor já estava de pé, na ponte, quando cheguei ao local em que combináramos o nosso encontro.

Estava vestido de branco, trazia um colar colorido pendurado no pescoço e estava descalço.

— Vim preparado — avisou ele — Se baixar um Exú...

— Não se trata de um ritual de Umbanda, de Candomblé ou de Quimbanda, Heitor — retruquei — É coisa mais antiga e, por favor, não me faça mais perguntas.

Olhei para ele com súplica e acrescentei:

— E, pelo amor de Deus, não dê risada, está bem?

Heitor fez um sinal afirmativo com a cabeça e murmurou:

— Pode ficar sossegado, Sérgio. Se há uma coisa que eu sei fazer, é justamente respeitar a crença das outras pessoas. Da mesma maneira que eu gosto que respeitem a minha.

Mostrou-me duas grandes caixas de madeira e falou:

— A cobra está na caixa menor.

— Como vou fazer para que ela pique o pombo? —perguntei, aflito.

— Isso é o mais fácil — respondeu ele — Basta transferir o pombo para a caixa onde está a serpente. Em menos de dois minutos, ela o picará e alguns pouquíssimo tempo depois, se você não lhe aplicar o soro, ele estará morto.

Fiz uma careta de desgosto.

— Não vou aplicar soro — falei.

Nessa etapa é que estaria uma das provas de que o ritual teria funcionado.

A outra seria a comprovação absoluta, o reencontro com Soraya.

Só que...

Sabia Deus quando e onde...!

Carregando o material que Heitor trouxera, deixamos os automóveis estacionados ao lado da estrada e descemos pelo mato até a beira do córrego.

Encontrei, com facilidade um local mais limpo, um espraiozinho na margem do riacho, e falei:

— Será aqui. Ponha a cobra e pomba aí na frente.

Heitor obedeceu e deixando as duas caixas diante de mim, afastou-se, discreto e muito sério.

Concentrei-me.

Procurei encher completamente meus pensamentos com a imagem de Soraya, a Soraya sorridente que eu vira no *Pandoro*...

Ergui as mãos para o céu, olhei fixamente para o firmamento e disse as palavras cabalísticas que o *Grimoire* me ensinara.¹

Seriam cerca de seis horas da tarde e ainda havia luminosidade suficiente para se enxergar alguma coisa.

Eu podia, pelo menos, ver o rosto de Heitor, a pouco mais de cinco passos de distância de onde eu me encontrava.

Por isso, pude ver muito bem o pavor estampado em sua fisionomia quando, logo após eu ter pronunciado as palavras do *Grimoire*, um formidável trovão se fez ouvir.

Mais tarde, Heitor haveria de me dizer que eu ficara da cor de um lençol...

Seguindo as instruções do livro, repeti a fórmula secreta por mais duas vezes e, com gestos lentos, estudados, encostei as duas caixas e abri suas portinholas, comunicando uma com a outra.

A pomba passou imediatamente para a caixa em que estava a serpente e esta não perdeu tempo: picou-a bem na base do pescoço.

A pobre ave se debateu um pouco e caiu de lado, estremecendo, agitando as asas sem qualquer coordenação.

Aproximei-me da parte superior da caixa, onde havia uma tela de arame grosso, e vi que a pomba não duraria muito.

Afastei-me um pouco e, voltando novamente as mãos para o céu, pronunciei a segunda série de palavras cabalísticas.

Um vento quente e terrivelmente forte soprou, fazendo balançar as copas das árvores.

Pelo canto dos olhos, vi Heitor se ajoelhar e se persignar.

Forcei meus pensamentos a se voltarem para Soraya e, então, eu a vi andando...

Estava linda, completamente nua, os longos cabelos cor de cobre escorrendo por seus ombros e cobrindo parte de seus seios...

E, então, escutei um ruído que vinha da caixa onde estavam os animais.

Olhei.

A pomba, viva e perfeitamente recuperada, atacava às bicadas, a cabeça da serpente.

De súbito, um cheiro terrível de enxofre começou a exalar da caixa e, sem que eu tivesse tocado nelas, sem que as tivesse afastado uma da outra, a pomba surgiu do lado de fora, batendo as asas alegremente.

Voou, veio pousar sobre meu ombro direito e, após um breve arrulhar, alçou vôo e desapareceu.

Heitor e eu olhamos para a caixa onde estava a cobra.

Esta não existia mais e em seu lugar, havia apenas um punhado de cinzas ainda fumegantes.

Cinzas que cheiravam a enxofre queimado.

.X.X.X.

Recusei o convite de Heitor para encher a cara de cachaça em homenagem ao Exú — para ele só poderia ser um Exú, e dos *brabos* — que tinha dado o ar de sua graça.

— Vamos, Sérgio — insistiu ele — Depois do que aconteceu, é preciso festejar! Agradei muito mas, recusei.

Aleguei que precisava ir para casa, tinha algumas coisas para escrever...

Mas, na realidade, o que eu queria era ficar perto do telefone pois tinha certeza que Soraya haveria de me ligar.

Mesmo porque, se não ligasse, seria sinal de que algo não corra bem e que ela...

Sacudi a cabeça com energia, tentando afastar de mim esses pensamentos terríveis.

E Soraya não ligou...

Já passava de meia-noite, eu estava para lá de desesperado, já estava pensando em tomar uísque com um formicida bem forte, quando bocejei pela primeira vez.

— Estou com sono... — murmurei — Mas não posso dormir... Não posso correr o risco de não escutar o telefone...

Achei que um banho faria com que voltasse a ficar alerta mas, ao mesmo tempo, enquanto estivesse sob o chuveiro, não poderia estar ao lado da fenomenal invenção de Graham Bell. Afinal de contas, não me era, não me é e nunca me será dado o dom da ubiquidade...

Bocejei mais uma vez.

Senti as pálpebras pesadas, minha mente parecia estar se esvaziando, tudo de repente pareceu ficar enfumaçado, acinzentado...

Tentei sacudir a cabeça, tentei me levantar para molhar o rosto, acordar.

— Mas o que será que está acontecendo? — perguntei-me, conseguindo por fim, depois de um hercúleo esforço, arrastar-me até o banheiro — O que diabos andei bebendo para ficar com tanto sono?

.X.X.X.

Despertei no dia seguinte, já com o sol entrando pelas janelas abertas de meu quarto.

Senti o corpo dolorido, aquelas dores deliciosas que se sente depois de uma noite plena de excessos de amor...

Senti o cheiro.

O cheiro de amor, de um amor selvagem, incontrolado, sem limites.

Olhei para a minha direita.

Ela estava ali.

Seus cabelos cor de cobre, esparramados pelo travesseiro, emolduravam seu rosto bonito e tranquilo, movendo-se lenta e suavemente com a sua respiração.

Ela dormia com um sorriso nos lábios, o sorriso das mulheres que estão plenamente satisfeitas.

— Mas... — murmurei — Que diabos...

Lembrei-me daquele rosto.

Eu a vi no *Pandoro*, estava ao lado de um homem simpático que ficara sozinho quando ela se fora.

Depois...

Depois, era um vazio imenso em minha mente.

Levantei-me com cuidado, esforçando-me para não fazer barulho, não queria despertá-la.

Sobre a mesinha de cabeceira, havia um bilhete assinado por uma mulher chamada Soraya.

Olhei para o dedo anular da mulher.

Ela tinha um anel de ouro com uma letra *S*.

— Ela é Soraya — falei para mim mesmo.

Aproximei-me um pouco mais, acariciei suas costas nuas.

— E ela é linda...

Senti o coração bater descompassado ao ver que ela abria os olhos, sorria para mim e dizia:

— Oh, Sérgio... Esperei tanto tempo por isso... Tanto tempo...

Enlaçou-me com seus braços bem feitos, puxou-me novamente para si, dizendo:

— Venha, querido... Ame-me mais uma vez... Mostre para mim que valeu a pena eu esperar todos esses anos...

E eu a amei.

Amei-a como jamais amei mulher alguma, senti desde o primeiro instante que estava definitivamente aprisionado, que eu não mais teria de me contentar com musas fictícias, percebi que não mais precisaria inventar mulheres e que não ficaria,

nos meus momentos de depressão, calado pelos cantos da casa, com saudades do que nem eu mesmo saberia dizer o quê...

Três dias depois, saí de casa pela primeira vez.

Atendi a um convite-convocação do Azevedo, para me encontrar com ele no *Pandoro*.

— E a cigana? — perguntou-me ele.

— Cigana? — fiz eu — Do que é que você está falando?

Azevedo olhou para mim com um sorriso e disse:

— Sei que você conseguiu, Sérgio... E fico feliz por você.

Olhei, intrigado, para meu amigo.

Coitado!

Certamente o excesso de uísque começava a afetar seriamente seu cérebro...

De que cigana ele estava falando?

EPÍLOGO

Só fiquei sabendo de toda essa história, ou seja, só consegui me lembrar de todos esses detalhes, muito tempo depois, quando nasceu meu primeiro filho com Soraya.

Ainda na sala de espera da maternidade, enquanto aguardava minha mulher voltar do centro cirúrgico, recebi a visita de uma senhora muito simpática, vestida com uma roupa que mais parecia uma indumentária indiana, e que se apresentou como sendo uma certa Mme. Yvonne.

Foi ela que refrescou minha memória, foi ela que me relatou tudo o que eu fizera e de que eu já tinha escutado dizer alguma coisa pelo Heitor.

Só que eu achava que era mera brincadeira, mais uma das muitas molecagens que nós nos fazíamos mutuamente.

Ora, imagine eu fazendo um ritual de magia na Cantareira!

E, todas as vezes, eu fugia à pergunta mais óbvia e que todos eles me faziam:

— Como você conheceu Soraya? Onde? E como foi que ela entrou em sua vida?

Era, aliás, uma pergunta que eu mesmo me fizera algumas vezes e que, não tendo obtido uma resposta convincente, achei que seria melhor não mais fazê-la.

Mesmo porque a própria Soraya respondia por evasivas, parecia não estar muito segura sobre coisa nenhuma do que me dizia, a seu próprio respeito.

Mas...

Ela era minha.

Era minha e me fazia feliz, fazia com que eu me sentisse o melhor homem da Terra, um homem que ela teria procurado, segundo suas próprias palavras por “quinhentos anos, se fosse necessário, até me encontrar”...

Estávamos felizes nós dois...

Somos felizes...

E assim continuaremos até que, um dia, a morte nos separe.

Se é que a morte realmente separa um casal que se ama de forma verdadeira e completa...

FIM

(Footnotes)

¹Permito-me omitir essas palavras cabalísticas por serem vedadas ao conhecimento leigo. Mal empregadas, podem se tornar extremamente perigosas até mesmo para quem as pronuncia. Poderia, é verdade, inventar alguma coisa mas isso também poderia se voltar contra alguém que, por alguma razão, decidisse tentar

copiar

este ritual. Insisto na necessidade de um grau mínimo de

iluminação

para qualquer tentativa de se realizar uma operação mágica. (N.A.)